







MARECHAL GOMES DA COSTA

MEMÓRIAS

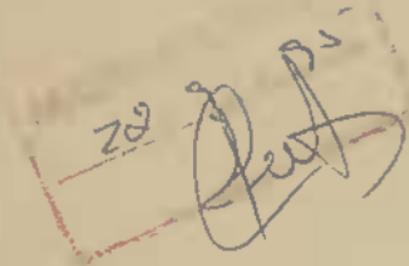




155-1
155-1
155-1

MEMÓRIAS

22

A handwritten signature in blue ink is written over a red rectangular stamp. The signature is stylized and appears to be 'J. P. ...'. The stamp is partially obscured by the signature.

Emp. Ind. Gráf. do Pôrto, L.da
R. Mártires da Liberdade, 178

13.4
LITE
MIL
LISBOA

ESTADUAL
LISBOA

MARECHAL GOMES DA COSTA

Albit
1930
N.º 22507

MEMÓRIAS

COM UM PREFÁCIO DO SR.
CONSELHEIRO AYRES D'ORNELLAS



E UM POSFÁCIO DO SR.
CORONEL FERREIRA DO AMARAL

C.4
30268
N.º 5068



1930
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (Filhos)
Restauradores, 17 - LISBOA

7774
15
127



NOTA DOS EDITORES

Os estudos e apontamentos que constituem este volume de *Memórias* foram escritos pelo Marechal Gomes da Costa em períodos muito diversos da sua agitada vida de batalhador.

A apreciação do *5 de Outubro*, por exemplo, escreveu-a o então Major Gomes da Costa em Moçambique e sôbre informações que os jornais lhe levavam!

O *Combate de Macontene* foi escrito por volta de 1912 e é, como quási tudo, inteiramente inédito.

O *Diário* foi redigido no decorrer dos acontecimentos a que alude e deveria servir de esqueleto para uma obra em que o Mare-

chal falara a alguns amigos. Foi encontrado entre muitas outras notas da vida militar e colonial do autor.

As *Notas biográficas* deveriam ter sido redigidas, talvez para organização de qualquer protesto oficial, antes da época abrangida pelo *Diário*.

As *Impressões de viagem* foram escritas mesmo em África, com a memória fresca dos factos e das coisas que descreve.

O Marechal Gomes da Costa costumava apontar em breves linhas os acontecimentos com a ideia de mais tarde escrever sôbre êles livros ou estudos meditados. As ocupações oficiais, as circunstâncias da vida militar e política, por fim a morte não o deixaram realizar esta vontade.

Contudo, apesar de vários em temas e épocas, os estudos que neste volume se reünem valem como depoimentos decididos de um espirito vivo, claro, muito culto, amigo das coisas de arte, e tão destemido a apreciar os factos como na batalha a combater.

Algumas das páginas que aí ficam, cremos que são documentos, que a história há de apreciar.

O Sr. Conselheiro Aires de Ornelas, que foi Chefe do Estado Maior de Mousinho e combateu ao lado de Gomes da Costa, dignou-se escrever o prefácio do livro do seu ilustre companheiro de armas.

O Sr. Comandante Ferreira do Amaral consentiu na reimpressão do brilhante artigo que escrevera no dia do falecimento do chefe a cujas ordens admiravelmente servira.

Aqui deixamos os nossos agradecimentos rendidos, tanto ao combatente das guerras de África como ao da Flandres.

PREFÁCIO

Quis a familia do falecido Marechal Gomes da Costa ir buscar um dos seus antigos companheiros de armas para prefaciá-las Memórias agora saídas a público mas que afinal são apenas extractos de uma vida inteira passada ao serviço do país.

Penhorou-me muito a lembrança do meu nome porque deveras a época em que servimos juntos vai-se perdendo nas brumas de um passado remoto.

As nossas relações datam de um dia de Outubro de 1896 em que eu, chefe do Estado Maior em Moçambique, o fui instalar na Capitania Mór de Mossuril para a qual Mousinho o tinha requisitado. Vinha precedido da fama de ter sido a única pessoa com a cabeça no seu lugar que estivera na Índia quando da revolta, cuja narrativa constitui talvez o capítulo mais interessante das Memórias que seguem.

Dêmo-nos logo perfeitamente e entendemo-nos como se tôda a vida nos tivéssemos conhecido e tanto que eu não tive dúvida em lhe confessar que a campanha que em poucos dias se ia abrir, ia ser afinal de contas um reconhecimento. Porque a um quilómetro fora dos postos não se sabia nada, absolutamente nada. Iniciou-se a campanha, travou-se o combate da Mugenga e vol-

tamos para Natule. No dia seguinte Mousinho, que seguira ferido para a Cabaceira, mandava-nos chamar. Seguindo a cavalo pela estrada fora dizia eu: "Vê você, Gomes da Costa, não tinha eu razão? Veja lá o que se sabia!" "Pois deixe cstar, respondeu êle, que em dois meses há de estar tudo nu-dado".

E estava: porque nunca encontrei ninguém em África que soubesse exercer sôbre os indigenas o dominio que parecia emanar da sua personalidade. Para nós há unia grande diferença entre ser um bom oficial e ser um Soldado: o estudo, o trabalho, a persistência, um certo número de qualidades fisicas podem fazer um boni oficial; mas Soldado nasce-se: com farda ou sem ela, é-se Soldado até morrer; Gomes da Costa foi tôda a sua vida um admirável soldado. É certo

que influiu nele, como em todos nós de África dêsse tempo, a acção e o exemplo do admirável Soldado que tínhamos por Chefe. Porque nunca houve quem mais energia inspirasse nem melhor ensinasse a servir do que Mousinho de Albuquerque.

A última vez que falei com o Marechal Gomes da Costa creio que foi numa reunião da Comissão do Monumento a Mousinho de Albuquerque: vindo à saída os dois falando sôbre o Patrão, como familiarmente lhe chamávamos, dizia-me o Gomes da Costa: « Nunca ninguém puxou tanto pela gente! » É preciso deveras ter servido em Moçambique com o Comissário Régio e ter feito campanha às suas ordens, para se sentir e perceber o que é a admirável Servidão Militar!

Que bem descreve Gomes da Costa

a figura de Mousinho naquele capítulo Macontene, infelizmente o único do muito que êle poderia ter escrito sôbre as suas campanhas e sôbre o Govêrno de Gaza! Seria concerteza a melhor resposta à série de acusações que chegaram, vergonha é dizê-lo, a levá-lo perante um Conselho de Guerra! Saiu ê certo absolutamente ilibado, mas o doído acento com que nas suas Memórias se refere a êsse episódio da sua acidentada carreira, bem mostra o que a sua alma experimentaria em tão duro transe.

Quem lê as páginas tão singelas em que Gomes da Costa descreve a sua infância e os seus primeiros passos na vida militar, há-de sempre sentir que ête não pudesse continuar com o mesmo pormenor tôda a sua longa ascensão desde aluno do Colégio Militar até Marechal do Exército Português. Gomes

da Costa saiu alferes em Janeiro de 84, eu sai alferes aluno em Outubro do mesmo ano — posso pois garantir a autenticidade com que está retratada a vida militar do tempo. Lembra-me bem que quando andava para sentar praça, meu pai me apresentou a um seu amigo oficial de cavalaria: «Tira-lhe isso da cabeça», disse ao saber a carreira a que me destinava, «há-de ser tôda a vida moço de cavaliça». Assim se pensava então e o esforço de fazer ir o exército para a África e de fazer combater tropas brancas no Ultramar representa qualquer coisa que alguns anos mais tarde ia ter ocasião de apreciar pessoal e devidamente.

Um dos episódios narrados pelo Marechal Gomes da Costa é o que tem por título — O 5 de Outubro visto de muito longe — Não vou por certo estabelecer

polêmica com o Marechal depois de morto, mas os dois primeiros periodos da sua narrativa pedem do antigo Ministro da Marinha e Ultramar de João Franco e do Chefe do Estado Maior de Mousinho, umas ligeiras notas. Se o franquismo foi, como êle diz, precursor da República foi só na seqüência dos tempos; porque na realidade o franquismo fundou-se exactamente para tirar a razão de ser à propaganda republicana. « Tudo isto vai muito bem, dizia-me o Marquês de Soveral, oxalá não seja muito tarde! » Êsse verdadeiro homem de Estado via muito methor do que eu, que muito me admirei da sua restricção. Era porque os partidos politicos estavam eivados demais do espirito de corritão para sentir a grandeza da tarefa nacional que Et-Rei D. Carlos incumbira a João Franco. A guerra que

lhe moveram foi sem tréguas e desde o principio e até aquete partido onde êle procurara concentração parlamentar, lhe fattou com o apoio exactamente quando a onda revolucionária começava a fazer-se sentir. Os partidos politicos abandonaram a Monarquia: João Franco ficou só com os seus amigos e depois da tragédia do Regicídio com quem contava êle em Portugal? Viu-se! Constituido o novo govêrno êle foi mandado sair do Pais, e aos dois ajudantes de campo de El-Rei D. Carlos, que faziam parte do seu Govêrno, Vasconcelos Pôrto e eu, nem sequer foi permitido encorporarem-se no cortejo fúnebre de El-Rei D. Carlos! Muito pode a cobardia politica.

Quando Mousinho veiu de África depois dos partidos politicos lhe terem tirado o govêrno, porque não houve no

parlamento um só protesto contra a acção do Sr. Conselheiro José Luciano, Mousinho pensou, é certo, na constituição de um govêrno militar apoiado no Exército que então teria um Comando em Chefe fora da politica partidária. Escusado será dizer que não era para si que êle destinava êsse Comando em Chefe. As transformações necessárias para conseguir êsse fim, preparei-as eu por sua ordem. Mas El-Rei D. Carlos nunca entendeu ser possível constituir um govêrno sem o apoio de uma organização politica. Não se tinha dado ainda a cisão de João Franco, e quando ela se realizou Mousinho recusou-se sempre a entrar para êsse agrupamento politico apesar dos pedidos instantes de alguns dos seus melhores amigos. Hoje inuito poucas pessoas conhecem estes factos; e se os trago a público é para

esclarecer os pontos em que o Marechal Gomes da Costa toca na politica do tempo. Sou hoje o único que colaborou na preparação do movimento militar, fui de todos os seus companheiros o único Ministro do Gabinete do Conselheiro João Franco. Quanto aos pormenores da revolução de 5 de Outubro não entro na sua apreciação, porque fui apenas uma testemunha paisana do que se passava em Lisboa, tendo sido preso e levado para bordo logo depois da proclamação auspiciosa do novo regimen.

.....

Depois, como me demiti do serviço, só de longe pude acompanhar e seguir a carreira militar de Gomes da Costa; só pude sentir profundamente que a errada politica seguida quando da Grande Guerra lhe não tivesse confiado

um comando adequado na Provincia de Moçambique para que elle ali pudesse pôr remate condigno à história tão brilhantemente começada na Mogenga e Macontene.

AYRES D'ORNELLAS.



Gomes da Costa, com o seu pai, quando
de menino. — 1875



Gomes da Costa, alferes — 1881



Gomes da Costa, tenente — 1889



Exemple français de troupes sans artillerie de soutien, les Sables d'Olonne, le 10 septembre 1914.

MEMÓRIAS

Meu Pai, soldado do ultramar, como eu, foi promovido a alferes para a guarnição de Macau por decreto de 4 de Julho de 1865, e logo a tenente-quartel-mestre em 28 de Agosto do mesmo ano, tinha eu, justamente, dois anos e meio, pois nasci a 14 de Janeiro de 1863 — na Rua do Sol ao Rato, N.º 205.

Era meu Pai, Carlos Dias Costa, filho de uns pobres aldeões do lugar de Cotas, freguesia do Pombalinho, onde nasceu por 1831, e minha Mãe era natural de Lisboa, da freguesia da Conceição Nova, filha de António Rodrigues da Mota e de Zeferina Rita d'Oliveira.

Partimos pois para Macau em 1865, e recordo-me de ouvir dizer a meus Pais que fomos na corvêta «Martinho de Melo».

Devia, portanto, chamar-me Manuel d'Oliveira da Mota e Claro Dias da Costa, se quizesse ir com os nobres apelidos dos meus antepassados; não sei porém como, nem porquê, saí Manuel d'Oliveira Gomes da Costa, nome que uso desde o Colégio Militar e com que já agora hei-de morrer e legar a meus netos.

Não sei de que general ou marechal francês a quem perguntado pelos nomes dos antepassados, respondeu orgulhosamente, com a mão no punho da espada: — «O antepassado sou eu»!

Mas vamos lá prosseguindo, — que tirar a limpo o nome de família de pessoas que se chamam Rosas, Marias e Claros, e Costas, não é empreza fácil, e só ao espírito metódico de meu Pai devo o ter numa gavêta as certidões de baptismo e de casamento que me permitem estabelecer esta árvore genealógica.

Meu Pai parece ter sido chamado a Coimbra por seu padrinho, um Carlos Simões Moura, que, creio, tinha ali loja e o encaminhou.

Não sei quando nem como, veio parar a

Lisboa, e, recordo-me por lh'o ouvir contar, que, indo um domingo pela Rua do Sol, esbarrou com o 16 de infantaria, de porta-machados à frente e o brigadeiro Taborda, numa onda de cornetas e tambores, se dirigia para a missa.

E tal arrepio de entusiasmo sentiu que foi logo direito ao quartel e não descansou em quanto se não viu com a gravata de coiro em volta do pescoço, a dizer 1-2, na parada do quartel.

Em 1864 foi na expedição a Angola, de que conservo ainda a medalha comemorativa que êle possuía, e em 1865 era promovido a alferes para a guarnição de Macau e logo a seguir a tenente-quartel-mestre.

Foi êle seguindo a dura aprendizagem da época, sem nunca perder o entusiasmo que o atirara para a parada do 16, naquela manhã de missa, e já sargento-quartel-mestre, enamorou-se de minha Mãe, e casou, e começou a experimentar as dificuldades da vida doméstica, quando eu nasci.

«E tomando por princípio desta minha peregrinação», a mais antiga coisa que na memória conservo, vejo uma praia arenosa, tôda cheia de um sol ardente e donde emergem

duas palmeiras um pouco esgalhadas e curvas, e ao meio, coberto por uma lustrosa plumagem, vermelho, preto e oiro, estendendo o pescoço numa curva alongada como a de uma trompa, um formoso galo soltando o mais formidável *có-có-ri-có* que na minha vida ouvi!

É, esta luz deslumbrante, o amarelo ouro da praia e o azul puríssimo do céu e do mar, o murmúrio das vagas estendendo-se por aquela praia, e o formidável e retumbante canto dêste galo, a visão mais antiga da vida, de que me lembro.

Quando e onde foi isto? Creio que seria em Timor.

A reminiscência imediata é já de Macau, — a parada do quartel onde fomos recebidos, com soldados correndo dum lado para o outro, baús e outras bagagens pelo chão e um sargento tirando dum canudo de lata que trazia a tiracólo, qualquer papel que entregava a meu Pai.

Estas reminiscências são tão vagas e diluídas, como o arvoredos nos aparece em dia de névoa, mas o que se me fixou bem intensamente na memória, foi o galo cantando vitoriosamente, envolvido pela luz radiante do

sol... depois, acordo um dia, não sei quando, no Convento de S. Domingos, onde ocupávamos uns 3 ou 4 quartos; sinto os sinos do convento tocando alegremente para a missa, e um bater de bifes na cozinha, que ficava em frente dos nossos quartos, do outro lado do corredor.

A impressão que se segue na minha memória é de muita agitação e bulha no quartel: macas com feridos entrando; fôra uma pequena expedição, em que meu Pai tomara parte, a uma das ilhas próximas — Taipa ou Lapa — contra um bando de piratas. Vejo ainda os corpos dos mortos, imobilizados sob lençóis nas macas depostas na parada do quartel.

Vêm depois recordações de passeios, excursões com companheiros da minha idade, uns Gracias, e outros, pelas ruas, as idas aos autos chinas, ao bazar, onde o cheiro acre das hortaliças em salmoura e do peixe era tão forte e característico que ainda o sinto; as noites de festa ao ar livre com *balsas* de fogo, que nos entusiasmavam e o Seminário de S. José que eu freqüentava e onde gozava de uma particular protecção dos bons padres, por ser europeu. Minha Mãe era uma

senhora dum irrepreensível asseio e ordem e trazia-me sempre mais bem lavado e engomado do que ninguém, apesar de eu sujar 3 e 4 fatos por dia. Lembro-me do tufão de 186... em que meu Pai e os criados passaram a noite a arrumar de encontro à janela quantos baús e móveis havia; uma noite de pavor.

E a farmácia do Neves, um europeu que ali vivia há anos, com a sua loja na Praia Grande, muito bem posta, e que era o centro, o *club* dos europeus em Macau, pois êle dava comida numa sala da casa, tendo um cozinheiro maravilhoso e uma rapariga chinesa que tudo dirigia com grande bom gosto e elegância.

Êste Neves, perfeito rapaz, tinha não sei se a graduação de tenente ou capitão na Guarda Nacional, e era considerado um bom partido entre as *nhonhas* que o amimavam com grandes presentes de doces.

Íamos lá tôdas as tardes, meu Pai e eu, que, logo que podia, fugia da sala, onde aqueles senhores conversavam e discutiam os sucessos e a política, e vinha para baixo, para a farmácia, ter com o ajudante do farma-

cêutico, um pequeno mais velho do que eu, que me deixava encher de alcaçuz e outras guloseimas farmacêuticas.

Foi meu Pai que me ensinou a ler e logo que o fiz correctamente, passei a freqüentar o Seminário de S. José com entusiasmo e ali fiz um primeiro exame; não tenho a consciência de que fôsse um bom exame, mas a protecção que me dispensaram decerto permitiu que me premiassem com uma selecta camoneana que eram os *Lusíadas*, expurgados das passagens que os padres reputavam escabrosas e que podiam despertar a curiosidade à rapaziada.

As recordações que tenho do Seminário, são excelentes: os professores, quási todos padres, eram bons para nós e os recreios alegres numa vasta cêrca com grandes árvores.

Naturalmente, liguei-me com muitos rapazes dêste colégio e freqüentei-lhes as casas, onde me recebiam com grande gasalhado e mimo, enchendo-me de bolos, brinquedos, etc. Uma das casas que eu freqüentava era a dum Vicente Gracias, excelente pessoa e que vivia numa certa abastança, na sua casa, onde por vezes dava esplêndidos bailes, em que havia

neve, vinda não sei donde e delicacias de Portugal que os veleiros traziam então.

Recordo-me de que no quintal desta casa havia uma parreira — planta rara e preciosa que dava grandes cuidados ao Vicente Gracias; logo que os cachos atingiam certo desenvolvimento, o bom do homem metia-os dentro duns sacos de cassa, para os preservar da gulodice dos insectos, e assim amadurecerem.

Não sei se alguma vez eu, e o filho dêle, João, que era um verdadeiro diabo, lhe não roubámos algum.

Havia então muitos rapazes europeus e macaistas, e reüniamos em grandes batalhas para os lados das portas do cêrco, de que eu voltava invariavelmente com o fato em farrapos e os focinhos em sangue e todo glorioso por ter dado e levado, o que me custava invariavelmente também, alguns cascudos de meu Pai, que não era homem que se risse muito para nós.

Se me alongo um pouco nestes detalhes, é para dar conta das minhas reminiscências nesses tempos longinquos de sessenta e tantos.

Um dos meus maiores prazeres, eram os

autos chinas, isto é, as representações nos teatros chineses.

Sempre que eu apanhava meia dúzia de avos, ali corria eu a ver o auto. Nesses teatros chinas, as representações duram dia e noite sem interrupção: há sujeitinho que ali come e ali dorme, e que torna a acordar para continuar vendo a peça e voltar a adormecer, e isto durante dias.

Lembro-me ainda de ouvir falar muito em ataques de piratas às ilhas próximas de Macau, e duma expedição contra êles, em que meu Pai tomou parte também e vejo-o de regresso a casa, cheio de lôdo e encharcado, seguido por 10 ou 12 piratas sòlidamente amarrados.

Enfim, em 1873 meu Pai fez as malas e embarcamos, — e então já com duas irmãzitas mais, — na galera «Viajante» com destino a Lisboa. Viagem de 6 meses, pelo cabo da Boa Esperança.

Afora a minha família, os passageiros da galera eram apenas um tenente Pinto, um dêstes solteirões forrêtas, que andam sempre com um molho de chaves na mão, muito polidas, fazendo-as saltar para se lhes ouvir o som — as chaves das suas malas. O capitão

do navio era um Sousa, velho marítimo de S. Martinho do Pôrto, creio eu, forte e duro, cara vermelha tôda rapada, e ôlho azul, de poucas palavras, que me fazia por isso um grande mêdo. Só nos aparecia ao almoço e ao jantar, à cabeceira da mesa, onde fazia no prato uma montanha de carne salgada, que foi a bordo alimento tôda a viagem, com bolacha e chá. A bolacha dêste navio era notável; grande, quadrada; metia-se-lhe a faca pelo lado e abria-se ao meio, apresentando, então no interior, um formigueiro de bichos, como os bichos de sedá, quando na engorda; tiravam-se os animaizitos para cima do oleado da mesa, e êles aí andavam tôda a refeição aos corcôvos; eu, então, punha 4 ou 5 em linha para me divertir e ver qual dêles corria mais.

Havia ainda o imediato, sujeito agradável e risonho, ao invés do capitão, dois pilotos e um praticante, por sinal gago, um mestre, bom velho, rijo e sólido que andava sempre soprando um apito, cujos trinados eram o meu encanto, e uns 10 ou 12 marinheiros.

De Macau fomos a Sião, completar o carregamento do navio com arroz ainda por des-

cascar, a que chamain *nel* e dêste *nel* andava quási sempre o convés cheio porque, quando diàriamente a tripulação dava às bombas para estancar a água dos porões, vinha grande porção dêle com a água.

Ficamos fundeados muito longe, tão longe que a terra mal se avistava, e ali estivemos não sei quantos dias com um calor de estufa, recebendo a carga. Dalí largámos para o Cabo; no caminho, não sei em que altura, sobreveio um temporal que nos despedaçou parte das velas; lembro-me de que indo os tripulantes aferrar a vela grande, se soltou uma das escotas, que o vento começou a sacudir com uma fúria tal que o navio estremecia; o capitão berrou furioso e um marinheiro lá subiu à vêrga e conseguiu domar a fera e puxá-la. O mar entrou no navio em grandes vagas furiosas que alagavam tudo, e minha Mãe no camarote, de joelhos, a pobre, chamava por todos os santos. Demorou isto não sei quantos dias, mas não menos de três; por fim, foi tudo sossegando e recompôs-se o pano e a mastreação. Não tenho ideia de termos tocado em pôrto algum mais, salvo S. Tiago de Cabo Verde: Lembro-me não da entrada, mas da

saída, numa manhã muito doce e luminosa: a galera largando o pano e os marinheiros dando ao cabrestante, para levantar ferro; é uma impressão muito delicada que me ficou; o canto da tripulação dando ao cabrestante: o mestre entoava a canção, numa melodia análoga, senão era a mesma, da *Rosa Tirana*. Não me recordo dos versos, mas era uma invocação à Senhora da Boa Viagem; o côro dos marinheiros com os peitos de encontro à barra do cabrestante, que ia rodando, dizia com os últimos compassos da música: Salve! Salve! e os travões do cabrestante saltando no rebôrdão faziam tlim-tlim-tlim.

E a galera, já com o ferro em cima, as vélas tôdas soltas, muito brancas, largou...

— Cabo da Roca! Senhora da Guia!

É o grito do marinheiro que nunca mais me esqueceu, e que ouvi uma bela madrugada. E a azáfama, a corrida dos tripulantes em delírio, felicitando-se:

— Cabo da Roca! Senhora da Guia! Muitos parabens! Muitos parabens!

E eu fiquei um pouco admirado de todo aquele entusiasmo, na minha inconsciência de criança. A galera foi entrando pela baía de

Cascais, e eu olhava com curiosidade aquela paisagem nova para mim: impressionaram-me sobretudo os moinhos de vento, agitando as suas grandes asas no firmamento azul.

E veio o barco dos pilotos, uma embarcação de tipo estranho para mim, também, e mais estranho e exótico ainda, o dos barcos de pesca que saíam para o mar, os saveiros, e catraios e tôda essa caterva de embarcações. . .

O piloto que entrou, rude, barbado, com um grosso jaquetão vestido, e rosto muito vermelho, largou ao entrar, um: Boa viagem? Salve-os Deus! Depois, é a confusão; o fundear; gentes várias entrando a bordo; gente dum ar e maneiras para mim estranhas; e a minha Mãe a vestir-me à pressa um fatinho que ela fizera preparar em Macau, para o desembarque e um gabão, um gabão de briche com gola e canhões encarnados, que era o meu terror. Porque numa peça que uns oficiais de marinha tinham representado em Macau, no Teatro D. Pedro V, havia uma personagem com um gabão assim, que um garoto toureava, e essa ideia de que eu ia ser apepinado pelos garotos de Lisboa à minha chegada, perturbava-me e irritava-me, e todo o meu desejo era

desfazer-me do estúpido gabão; mas como, se meu Pai não era para brincadeiras?

Apareceu a bordo um parente de minha Mãe e levou-nos para terra, para sua casa: era minha tia Maria, uma doce alma, toda bondosa, mas casada com um homem duro e pouco condescendente. Não sei se chegámos a estar um dia em casa deles; só me lembro de que uma manhã nos instalámos numa casa no Bêco do Barbosa, à Rua de S. João dos Bem-casados; era uma casa de um andar, de grandes salas antigas e recorro-me duns frescos da sala de jantar, que faziam o meu encanto.

Durante dias andou meu Pai pela Alfândega a desembaraçar a bagagem; parece que êle trazia muita coisa da China, pois tenho ideia do abrir dos caixotes cobertos de casca de arroz, para proteger as porcelanas e xarões, que espalhavam pela casa tôda um perfume exótico e agradabilíssimo, de cânfora, xarão e almiscar. Tudo quanto trazia, meu Pai vendeu logo a um Simões com casa de coisas da China na Rua do Ouro.

Quanto tempo estivemos em Lisboa? Não sei; mas foi pouco e sendo meu Pai colocado em Caçadores 12, partimos para a Madeira.

Coisa curiosa! Lembrando-me de detalhes da viagem para a China e do regresso, não tenho a mais pequena lembrança da ida para a Madeira e da chegada lá; recordo-me pouco da nossa permanência na Ilha, só me lembrando de que de lá vim para Lisboa, para casa de meu Tio, casado com uma irmã de minha Mãe, tenente Madeira, onde estive pouco tempo, preparando-me para a entrada no Colégio Militar.

O grande, o enorme prazer que eu senti quando vesti pela primeira vez o meu uniforme de colegial! O grande e enorme prazer quando puz na cabeça o meu barrête adquirido no velho Jorge Belo, do Rocio! Foi meu tio Madeira quem se encarregou de mandar fazer o uniforme e enxoval. Soldado verdadeiro da escola do Taborda, não transigia em regulamentos, e o uniforme foi executado à risca; a calça muito larga em cima e estreita em baixo, o 1.º uniforme, de botões amarelos lisos e o 2.º, de botões de ferro envernizados de preto, à caçadora, e gola apenas com carcela de pano verde: já ninguém usava isto e foi um sucesso no Colégio quando eu apareci com tal jaqueta. Até o director, o velho general Sá Carneiro,

se riu! Pois se nesse tempo já tôda a gente transigia com os regulamentos, menos meu Pai e meu Tio! Emfim, tive no Colégio, a entrada tradicional reservada aos caloiros, as *gebádas* e mais mimos com que a estupidez colegial acolhia os pobres que transpunham os portais do Colégio da Luz.

O Comandante da 1.^a Companhia era um Barruncho, que já morreu há muito, verdadeiro tirânico que nos obrigava a engraxar-lhe as botas, fazer-lhe a cama e a carregar com êle às costas.

Êste figurão, por que eu, uma vez, no estudo da noite disse qualquer coisa a um camarada sentado a meu lado, colocou-me no intervalo dos dois estudos, de pé, com os braços abertos e dois compassos abertos sob os braços para os não deixar cair!

É claro que ao cabo de 2 ou 3 minutos eu não podia agüentar a posição; mas descaindo os braços, as pontas dos compassos cravavam-se-me na carne; eu fazia um esforço para tornar a erguê-los, mas ao cabo de pouco tempo, não podia mais.

Eu tinha 11 anos.

Então, num dêstes desesperos únicos que



Gruppo di donne del Gambia con loro bambini da Gambia, Gambia, 1914

me têm dado na vida algumas vezes, eu tirei os compassos e projectei-os violentamente contra a parede. O camarada que estava de sentinela a mim, gritou logo pelo capitão, e eu apanhei uma sova mestra, porque no auge do desespêro pela agressão lhe atirei 2 ou 3 pontapés.

E foi bom, porque nem o Barruncho nem os outros graduados se tornaram a meter comigo, receosos da represália.

Todos por aí passamos, e esta entrada brutal num meio estranho para quem saía do seio da familia, dos carinhos da Mãe, e dos cuidados, embora severos, do Pai, que nos prégava e incutia dignidade e nobreza, era para revoltar; e assim, eu fui um revoltado desde que passei os umbrais do Colégio Militar. O corpo docente do Colégio era bom, sabia, e sabia ensinar, e os alunos, mesmo menos applicados, como eu, aprendiam alguma coisa; e a verdade é que, com o que me ensinaram no Colégio Militar, caminhei tôda a vida. Se a Escola do Exército tivesse uma direcção tão intelligente e tão prática, como o Colégio Militar, todos teríamos lucrado com isso. Mas os officiais de serviço, e os *polícias*, como então se designavam os contínuos, não possuíam a

preparação necessária para dirigir crianças. E foi devido a isso que eu e muitos outros, fômos sempre, dentro do Colégio, uns revoltados.

O Director era o homem menos próprio para dirigir um estabelecimento daquela ordem: tinha sido um bom oficial, bravo e honrado, mas tinha um génio desigual, muito irascível; gritava como um possesso com verdadeiras fúrias, o que fazia com que tivéssemos todos um medo louco dêle, medo que se estendia a todo o pessoal do Colégio, oficiais de serviço e *polícias*.

A falta de educadores hábeis e dedicados dava logar a que os rapazes saíssem o que o seu instinto e as más condições do meio determinavam.

Era luxo ser-se insubordinado; era luxo fazer-se tôda a espécie de tropelias; fugir do colégio por lençóis amarrados uns aos outros, para ir comprar uma onça de tabaco; ser-se malcriado, insolente, etc.

*

* *

Bem ou mal, fui caminhando até ao 5.º ano, tendo como prazer único as idas nas

férias grandes à Madeira, onde meu Pai continuava de guarnição.

Meu Pai vivia apenas do seu sôlido e não tinha com que me pagar as passagens, mas conhecia os comandantes dos vapores, que me levavam e traziam, *gratis pro Deo*, na 2.^a classe; e eu era então muito feliz por chegar a casa, onde a minha Mãe e as minhas irmãs me faziam grandes recepções com marmelada e doce de ginja, cousas em que minha Mãe era exímia.

As férias na Madeira compensavam-me das palmatoadas e brutalidades de todo o ano. Íamos passar dias a quintas de pessoas amáveis. O tempo das vindimas, um encanto, era o tempo das festas da Senhora do Monte, cujo adro se enchia de festeiros com fogaças, e toques de cavaquinho, viola e machete; deliciavam-me as subidas nos carros de bois, muito lentas, muito suaves, — «chega aí, *boizinho...*» — e as descidas em cestos, em carreiras vertiginosas; e os caminhos cheios de hortenses e malvasias; e os banhos na praia do Calhau às 6 da manhã; e a volta pela praça, onde enchia a barriga dos frescos tabaibos; e o flunar pelas ruas rescendentes

das aparas de malvasia e de mosto de vinho; e as vindimas! Ah! as vindimas, em que toda a família ia ajudar o trabalho numa grande alegria, em que se comiam as uvas aos punhados, esmagando o cacho inteiro na bôca, onde ficava um perfume delicado de moscatel e de malvasia!

E à noite no passeio, cheio de damas delicadas e gentis, como são as da Madeira, ouvindo a música do regimento e tomando sorvetes. . .

Ah! a vida tem coisas boas!

Mas, vinha o regresso ao Colégio: a dureza e a aspereza daquele pessoal todo, as diversidades de caracteres e de temperamentos dos condiscípulos, as refeições grosseiras de *plancas*, — carne guisada cheia de peles, — de carne *galharda*, outro guisado duma carne toda nervos e que se chamava assim por causa do tenente Galhardo, que era um homem todo nervos, e foi mais tarde o célebre general Galhardo, o comandante da expedição de 1895, — e outros pratos de nomes não *escrevíveis*; e as aulas e salas de estudo cheias de frio no inverno, onde tinha de estar, com os pés e mãos cheios de frieiras.

Valia-nos a distracção da sala de armas onde o capitão Prazeres, um homem sêco e negro, com uma pêra também negra, eriçada, nos ensinava a pôr em terça e quarta, e a aula de dança com o velho Zenoglio, sempre de bengala e brandando: — Corpos direitos! *En avant quatre!*

O recreio, quando fazia bom tempo, era à tarde, na cêrca do Colégio, dividida a meio por dois polícias; para um lado, a 1.^a e 2.^a Companhias, para o outro, a 3.^a e 4.^a. Aí construíamos redutos e batíamos-nos à pedrada com valor e alguns queixos partidos: de resto, o grande trabalho de tôdas as horas, consistia em nos batermos; no intervalo das aulas, entre estas e o jantar, depois do jantar, era sempre murro e mais murro: êste regime tinha a vantagem de fazer perder o mêdo à dor; não havia grandes discussões nunca; duas ou três palavras, e zás: murros.

Também ninguém se batia doutra forma: nunca vi ninguém pegar num pau para dar noutro; era murro só, salvo no dormitório em que então figuravam também as botas atiradas para cima das camas. Havia um grande espírito de camaradagem e a mais odiada e repugnante traição era acusar.

Ninguém acusava outro: eu e todos nós fomos por vezes punidos por culpas doutros; mas ninguém acusava.

Era também ponto de honra não deixar que um camarada fôsse punido por culpas nossas; o delinqüente, vendo o camarada acusado e a ponto de ser punido, denunciava-se:— «Meu tenente, quem fez isso, fui eu».

Os oficiais de serviço, sabendo disto, abusavam: e, quando não sabiam quem praticara alguma maldade, agarravam no primeiro que lhes vinha à mão e mandavam-no castigar; e o verdadeiro delinqüente aparecia logo.

Êste espírito de sacrifício pela lealdade era a qualidade dominante no corpo de alunos, mas que os oficiais de serviço não sabiam desenvolver. Uma outra qualidade nobre era inata ao Colégio: o respeito pelos pobres; havia uma classe, chamada *filhos da casa* ou *tratados pela casa*, órfãos a quem o Estado não só sustentava, mas vestia, fornecia livros, etc. Essa classe era socorrida pelas outras com pequenas dádivas, quando em passeios, etc. Enfim o Colégio tinha coisas boas e coisas más, mas o seu grande mal era a falta dum pessoal educador hábil, que soubesse enca-

minhar e progredir os rapazes para a vida, e daqui resultava, que vivendo 6 ou 7 anos peados e sufocados num regime de punições e privações, uma vez saídos do Colégio, entrando em plena liberdade, aqueles que não tinham a família em Lisboa, para os encaminhar e conter, abusavam dessa liberdade, e o resultado era que quási todos os rapazes do Colégio perdiam o primeiro ano, pelo menos, da Escola Politécnica ou da Escola do Exército.

A falta de critério e de preparação dêsse pessoal deu lugar a que eu, no 5.º ano, me não importasse mais com os livros e tivesse que sair por atingir o limite de idade.

Meu Pai, que não era para graças, e que fazia grandes sacrifícios para me trazer no Colégio, limitou-se a dizer-me:

— O menino não quiere estudar, vai sentar praça.

É dito e feito; quando menos me precavava, tinha praça assente na Companhia N.º 4 de artilharia de guarnição,—Novembro de 1880, —então na Tôrre de S. Julião da Barra, onde meu Pai vivia.

Era comandante desta companhia um capitão Proença, homem muito trigueiro e de

poucas palavras, um tanto mágico, grande violinista, inteligente e bom. Meu Pai recomendou que não me poupassem.

E assim, entrei logo numa escola de recrutas, aprendi a trabalhar com as peças de bronze, de carregar pela bôca, da bateria dos Namorados e com as peças de 28 Krupp, que creio ainda lá estão. Fiz a recruta tôda e comecei a enfastiar-me. Meu Pai pouco falava comigo, mas a minha Mãe é que, de quando em quando, me lembrava o futuro. Depois de meses desta vida de soldado de artilharia e fazer guardas ao paiol, comecei, nas longas horas dos quartos de sentinela, *a pensar no futuro.*

E um dia disse a meu Pai que queria continuar a estudar.

Meu Pai fez um sinal de assentimento com a cabeça e tive também depois passagem ao batalhão N.º 2 de Caçadores da Rainha, quartel em Vale do Pereiro.

Era comandante dêste batalhão o tenente-coronel, se bem me lembro, Leste; um algarvio sempre bem pôsto, velho bonito, a quem meu Pai me recomendou para me dar liberdade para estudar, logo que estivesse pronto

da instrução de recruta, me promover a cabo e ainda para que, quando fôsse nomeado para a guarda, me escalasse para sua ordenança e me dispensasse dêsse serviço.

E assim, nada tinha que fazer no quartel, senão comer e dormir.

O meu comandante de companhia era um capitão Cardeira, um homenzarrão, alto e forte, de rosto aberto e franco, muito trigueiro, com os olhos esbugalhados muito grandes, farta bigodeira, e uma pêra ainda maior, e maior barriga. Era um homem que bebia formidavelmente, sem jamais se embriagar.

Salvo casos de excepcional gravidade, nunca applicava o regulamento disciplinar: quando algum soldado cometia qualquer falta, chamava-o ao quarto, que tinha no quartel, e fechava-se com êle. Feito isto, sacava do bolso das calças monumentalmente largas um rosário de caroços de pêsego, de ameixa, de ginja, entremeados com uns guisos e bonequitos de metal, e fitando com os olhos esbugalhados o paciente, diante dêle pôsto na posição de sentido, começava desfiando o rosário:

— Êste é o coca pequeno, nada me diz; êste é o caroço do pêsego fêmea, também nada me diz; êste é o coca-tudo... olá!

O pobre diante dêle, arripiado, começava:

— Meu Capitão, eu cá...

Zás trás, dois bananos, ou mais, conforme o caso, e afagando o rosário:

— Ora vai-te lá com esta, que eu não quero malandros cá na companhia; compõe-me êsse barrete! Aperta essa gravata! Bom, vai-te lá com Deus! E abria a porta.

O tenente... e o alferes... é escusado dizer-lhe os nomes, que de resto, creio que também já não são vivos, seguiam o seu capitão e cascavam-lhe forte no *Termo* e *Colares*, mas sem a larga prática do capitão.

Ao cair da tarde, estavam sempre um pouco embriagados, mas nunca aos bordos: o alferes, então, era muito curioso, porque era um rapaz muito vermelho, muito louro, sempre muito elegante e de luvas impecavelmente brancas. Passava por uma taberna, entrava, pedia dois decilitros, bebia-os com tôda a delicadeza, enxugava os bigodes ao lenço e passava adiante, sempre cantarolando.

O primeiro sargento — também já lá vai, —

era o Baptista; ao toque de alvorada, emborcava um decilitro de aguardente, e ia levando assim o dia todo, fazendo a escrituração com um esmêro particular, indo à arrecadação, à caserna, a tôda a parte, vendo tudo, provendo a tudo, até que, depois do toque de recolher, caía exausto para cima da cama. E por ali abaixo, o 2.º sargento, o furriel, o quartelleiro, etc.

Deram-me um quarto no quartel, meu Pai pagava-me o rancho de sargento e passei a freqüentar a aula dum professor, o Azevedo, que morava na Rua da Escola Politécnica.

*

* *

Chegou o fim do ano, meu Pai obteve do Ministro da Guerra licença para eu fazer os exames do 5.º e 6.º no Colégio Militar e assim completei o curso.

A minha ideia era ir para a Marinha, mas como na Politécnica não me acceptassem as certidões de exame do Colégio Militar, tive de desistir.

Entrei então para a Escola do Exército.

Minha tia Maria que me socorria sempre, já dando-me de comer quando lhe aparecia em casa esfomeado, já com umas placas de 2 tostões, alugou-me então um quarto com cozinha em casa de uma senhora, que ela conhecia, casada com um enfermeiro do Hospital de S. José, na Travessa de S. Bernardino. Era gente pobre, mas muito boa e cuidavam de mim com grande carinho; mas era uma casinha muito pequena — no meu quarto separado da *sala*, por um tabique de lona, apenas cabia a cama e uma mesita — e não havia licença para extravagâncias.

Tinha que me meter em casa à hora do recolher, comparecer às horas das refeições, enfim, um regime que os meus 18 anos exuberantes não comportavam. No fim do 1.º ano apareceu-me o António Pinto da Cruz, um condiscípulo do Colégio Militar que então completara o curso e entrava para a Escola do Exército. Os dois de acôrdo, fomos alugar umas águas furtadas num prédio da mesma rua, por 15 tostões por mês, se bem me lembro. A tia Maria forneceu-me cama, mesa e uns bancos.

Mestre António arranjou mobília análoga e ficamos instalados. Nesse tempo ainda não

havia, pelo menos naquele prédio, contador e água.

Tínhamos então um galego justo, o Miguel, que tôdas as manhãs, às 5 e meia em ponto, dava um pontapé na porta — que nunca se fechava — e entrava a gritar:

— *Arriba, patron!*

E emborcava metade do barril para cima de mim que, nú em pêlo, esperava o golpe em pé na banheira redonda; e a outra metade, sôbre o António Cruz.

Depois do que, ajudava a friccionar-nos com uma toalha, pondo-nos da côr dos peles vermelhas. Feito isto, depositávamos um vintém na mão calosa do digno filho de Tuy e procedíamos às respectivas *toilettes*.

Por vezes, não havia vintém; e o Miguel ia atrás da porta da cozinha e, a giz, fazia uma série de sinais cabalísticos que só êle entendia; e à saída, dizia: — Lá fica mais um!

Quando chegávamos à 15.^a, porque recebíamos o *pret* às quinzenas, lá pagávamos ao Miguel a conta que êle pedia e nunca bulhâmos.

Processo análogo adoptáramos com o carvoeiro do lado, que nos fornecia o carvão para a cozinha e o vinho.

A alimentação de nós dois vinha de Caçadores 2 trazida por um fachina. Acontecia, porém, que as latas com o rancho chegavam a casa às 3 ou 3 $\frac{1}{2}$ e na Escola nos detinham por vezes até às 5 e mais: quando chegávamos a casa estava tudo frio e era asqueroso o aspecto daquela comida com a gordura tôda gelada e se umas vezes podíamos aquecer, outras não; por não termos bago de carvão, nem o carvoeiro o querer fornecer. Nesses dias a fome era grande.

Antônio Cruz era ao tempo o melhor guitarrista de Lisboa; fazia êle da guitarra quanto queria e tocava com um mimo superior e, o que é mais, tinha inúmeras composições suas de grande valor. Em contacto com êle, estive também a aprender guitarra e passado tempo saíamos os dois à noite pelas ruas do bairro a dar serenatas às meninas a quem fazíamos namôro. Esta prenda do Cruz proporcionou-nos algumas coisas muito boas, pois o convidavam a tocar em diferentes casas, e eu lá ia acompanhá-lo. Por baixo de nós morava um outro nosso companheiro de Colégio, Afonso de Albuquerque Martins, que vivia com a Mãe, uma senhora muito bondosa, que também muitas vezes nos socorria.

Martins tocava guitarra, mas melhor ainda violão e foi o N.º 3 da nossa Companhia. E quási defronte, moravam os Motas, outros dois companheiros de Colégio, que foram também incorporados na *troupe*. Fazíamos muita frescata de noite por aquelas ruas do Campo de Santana. Nesse tempo havia muitos bailes campestres, no verão, em Lisboa, e que nós freqüentávamos mais ou menos assiduamente. Durante a minha estada na Escola do Exército, freqüentei também o Ginásio Club, então na Carreirinha do Socorro, posto que irregularmente, porque não tinha com que ser sócio, e em casa com o Martins e outros, fazíamos esgrima.

Agora dirão daí :

— E de madamas ?

Isso são coisas de discreção, que não vêm para aqui.

*

* *

Chegou finalmente o fim dos trabalhos da Escola do Exército e fui promovido a alferes graduado para Infantaria 11 em Tomar, regi-

mento onde meu Pai servia — Janeiro de 1884 —. Devo dizer que saí da Escola do Exército com um alto sentimento do dever militar e das obrigações que eu entendi contrair; educado por meu Pai, severo e rude soldado, tive sempre uma grande dedicação pelo serviço e a isso devo o ter conservado sempre a minha linha de soldado verdadeiro que me prezo de ser, apesar da deletéria influência do meio que são os nossos regimentos.

Chegado a Infantaria 11, era comandante do regimento o coronel Côrte Real, um algarvio de aspecto severo, com o cabelo, bigode e pêra tintos de preto.

Era um homem de asseio meticuloso que trazia o quartel num brinco, e a sua grande preocupação era essa e as obras em que empregou quantos pedreiros e carpinteiros tinha o regimento.

Nesse tempo, a vida militar era uma ficção — como de resto hoje é, posto que com outro aspecto: havia o que se convencionava chamar disciplina — isto é, não se faziam desordens, nem complicações, mas a instrução era uma ficção, como era a disciplina, como era tudo mais.

Quem quiser conhecer o que era a vida militar da época, leia a «Verdadeira Situação Militar de Portugal» do coronel Mesquita de Campos, publicada então ou pouco depois.

Os oficiais iam para o quartel pelas 10 horas e saíam ao meio-dia ou 1 hora. Ninguém se interessava pelo soldado nem pela sua educação.

Estavam absolutamente entregues aos sargentos que eram verdadeiramente quem os comandava. Influído por doutrinas alemãs que divisara nas leituras na Escola do Exército, eu tinha concepção diferente da vida militar, e comecei por pedir ao capitão da minha companhia para me dar uma secção para eu cuidar: o capitão riu-se, e como passados dias eu sofresse um desgosto por ter querido intervir nas coisas de disciplina, disse-me êle: — Olha lá, rapaz; quem menos faz, é quem mais ganha.

E foi esta a moral que no regimento recebi!

Passei, pois, o tempo fazendo destacamentos e diligências e portanto quási constantemente nas estradas, convivendo muito com os soldados, cuidando dêles, estudando-lhes a psicologia e assim consegui compreender e adquirir

naturalmente o espirito militar, a sciência de conduzir homens e a autoridade e o prestigio que sempre obtive naturalmente em tôdas as circunstâncias. O meu espirito inato de soldado, porém, sufocava no meio militar que era então a tropa portuguesa, onde se não pensava em coisa alguma verdadeiramente bélica, e o serviço se limitava a inspecções, prevenções, destacamentos, e alguns exercicios na parada, transformando-se por êste processo os cargos militares em simples empregos burocráticos sem importância de maior. Entrava-se para o quartel à parada da guarda pelas 9 ou 10 da manhã e saia-se ao meio dia, o mais tardar às 13. Essas poucas horas ainda passavam-se na *sala dos officiais*, jogando o gamão ou as damas, ou comentando os casos da vida da cidade. Saidos do quartel os officiais, sumiam-se, e eu passava a vida numa pasmação enorme, pois nunca me pude habituar à freqüência dos botequins e das adegas.

Aborrecido daquela vida de província, passei para Lisboa, para o 1 de Infantaria. Era comandante do regimento o coronel Scarnichia, um belo velho de grande figura militar que vinha ainda das guerras do Saldanha.

Mas, como tudo, no meio militar da época, a apatia, a sornice reinavam neste regimento como nos outros e de tal forma, que quando aparecia um coronel como o Salgado, de Cavalaria, homem de sangue e de vigor, que se não conformava com a sornice geral, e queria que o seu regimento fôsse alguma coisa de sério e de capaz, revoltavam-se os oficiais, como aconteceu em Cavalaria 1. O grande trabalho de infantaria 1 eram as guardas ao Paço da Ajuda onde residia El-Rei D. Luis, a Rainha Senhora D. Maria Pia e os Príncipes D. Carlos e D. Afonso.

O 1 não fazia outro serviço de guarnição. Era uma espécie de Guarda Real, mas a verdade é que os oficiais para êste regimento não eram escolhidos pelas suas qualidades brilhantes, mas apenas pelas suas qualidades de subserviência. Iam para a guarda ao Paço, comiam à mesa real onde ninguém lhes dirigia a palavra e passavam horas na ante-câmara sòzinhos, numa meia luz económica, à espera que a Rainha fôsse para a mesa.

O jantar, se bem me lembro, era marcado para as 7 horas; pois tinham ocasião de ir para a mesa às 10 e mais. El-Rei D. Luís

assistia às refeições, mas a maior parte das vezes não tomava parte nelas, porque, doente, não podia sujeitar-se à irregularidade das horas. À parte isto, é preciso confessar que no Paço se estava muito bem: as salas eram magníficas, o serviço fino e delicado, havia uma atmosfera de alta elegância e bondade e se os oficiais da guarda não eram tratados com mais cordialidade, ou antes, familiaridade, era porque algumas tentativas feitas nesse sentido tinham dado mau resultado, pela falta de preparação dêles, o que de certo ninguém pode estranhar.

Lembro-me que El-Rei para não deixar de dizer algumas palavras, ao capitão da guarda, mas sempre com receio de inconveniências, estabeleceu como princípio perguntar-lhes na sua voz dolente, ligeiramente nasalada e com um quê de ironia:

— Então, capitão, quantos homens tem o regimento? — Tem muitos doentes no hospital?

E os bons dos capitães, quando iam montar a guarda, procuravam o sargento ajudante e num papel escreviam com tôda a consciência os dois números de perguntas, convencidos de que El-Rei ligava a isso qualquer importância.

A grande maçada desta guarda eram os *brados de armas*.

Além do Rei e da Rainha que saíam pelo menos uma vez, havia o Príncipe e o Infante, que andavam num corropio, ou entrando, ou saindo, de trem, a cavalo, guiando, a pé, de velocípede, e sempre com umas velocidades tais que ainda a sentinela não acabava o brado de armas, já êles passavam como faíscas diante da casa da guarda, deixando atrás os soldados atrapalhados, a correr com as barretinas numa mão e a espingarda na outra, e os oficiais atarantados a segurar a bainha da espada que se lhes metia por entre as pernas. Dias havia então, cheios, em que vinha o Patinha e o Brigos, e o grande diabo, que se não fazia outra coisa senão andar a correr, o que era dum cómico único.

Mas havia compensações: quando El-Rei tinha concêrto, depois de jantar, mandava convidar os soldados da guarda para assistir. Então El-Rei, e às vezes a Rainha, aproximavam-se dêles e conversavam um pouco; e vendo que o podiam fazer sem perigo, prolongavam a conversa. A Rainha Senhora D. Maria Pia era particularmente atraente

quando queria insinuar-se, conservando sempre o seu grande ar de senhora da mais alta nobreza. Diziam-na muito distraída, e, a propósito disso, ouvi uma anedota, que reproduzo. Parece que se deu com Serpa Pinto. Conversando com êle, a Rainha caiu a certa altura numa das suas distraçções; mas voltando a si propôs: — Mas então em África há muitos pretos? — Sim minha senhora pretos e brancos. — O quê? Às riscas?

O que eu vi algumas vezes, foi esta scena curiosa: Como o café se tomava de pé, em grupos, a Rainha passeava ao longo da sala lentamente, e chegada ao fim dela, voltava-se rapidamente e ficava a ver o movimento da longa cauda do seu vestido; seguia, e noutro extremo da sala fazia o mesmo.

Enfim, é fora de dúvida que o ambiente era duma alta delicadeza e de grande elegância e distincção, dum luxo sábio e discreto. Não compreendo por isso certas ridicularias que vou contar: quando se servia o café, traziam a charuteira a El-Rei com 3 charutos: um, especial, que êle tirava e 2 que não eram maus, mas de qualidade inferior, que o ajudante de serviço trazia aos officiais. Isto vi eu

fazer sempre que ali estive de guarda. No verão, quando os Reis estavam em Cascais ou Sintra, a guarda era só de subalerno e traziam-lhe a alimentação à *casa da guarda*, fornecida por um restaurante. Sucedeu que uma vez, estava eu de guarda, veio El-Rei inesperadamente à Ajuda, e vieram dizer-me para ir almoçar ao Paço. Dêsse almôço, em que estavam apenas El-Rei com o ajudante, uma outra pessoa de que me não recordo, e eu, conservo lembrança muito agradável, porque D. Luís conversou com todos nós num grande à vontade e desprendimento. Mas a verdade é que êste serviço de guardas continuadas acabaram por me fatigar, e voltei para Tomar, para o meu antigo regimento.

*

* *

Formara-se então o Cordão Sanitário de 1884, havia a cólera em Espanha e o govêrno mandou para a fronteira tropas, para prevenir a entrada de espanhóis trazendo a peste. Chegámos a Portalegre na véspera de S. João à noite; a cidade ardia em fogueiras e por tôda

a parte havia descantes e pandeiros: uns pandeiros rectangulares que eu nunca vira.

Fomos tomar parte nas festas correndo as fogueiras, o que foi para mim um grande prazer porque eu apenas conhecia Lisboa e Tomar; e aquela gente do Alentejo com os seus trajos, os seus cantos e danças, a sua alegria, o cheiro a mangerico e alecrim, misturado a um vago cheiro de craveiro, encantou-me. Passámos a noite tôda de vela e pela manhã largámos para a fronteira, com as instruções do Comandante da nossa linha, Major. Fomos para a Pedreira e dali foram as fôrças distribuídas. O Comandante tinha feito construir umas palhotas para a instrução das tropas, eu fiquei com o capitão numa casêta do fiscal.

Êste serviço agradou-me porque andava num movimento contínuo de visitas aos postos, e correrias com contrabandistas que, para não passarem para a Espanha, eram obrigados a apresentarem-se-nos diàriamente, segundo umas listas fornecidas pelas autoridades administrativas.

O Cordão Sanitário, porém, levou tempo a estabilizar-se, andando nós muito tempo a

tocar para a esquerda e para a direita; até que fui parar à Arrabaça; aí instalei-me numa das palhotas que o comandante do Cordão mandou fazer; era ela muito mesquinha, mas tive a sorte de ter um impedido que era cesteiro de profissão e ainda hoje vive disso em Colares, onde se estabeleceu e donde, de vez em quando, vem a Lisboa bater-me ao ferrolho; e êsse homem, como a região é abundante em castanheiros, não só me transformou a palhota numa obra prima, como fez lavatórios, cadeiras, cabides, tudo em castanho. Tinha eu uns tantos postos que percorria, indo um dia para a direita e outro para a esquerda.

Eu era então alferes graduado, ganhava 18 mil reis por mês mas no Cordão tinha o subsídio diário de 300 réis e ração. Era um príncipe! Nunca fui tão rico. Quando saí do Cordão, tinha juntos 200 mil réis com que me vesti porque veio então a reorganização do Exército de 84, a primeira reforma de uniformes, — e a partir de então nunca mais pararam as reorganizações e reformas de uniformes.

No Cordão levei uma vida activa de caça-

dor montanhês, e como no posto havia uns 5 ou 6 cavalos de Lanceiros para serviço de ordenança, ia a Portalegre ou a Arronches com grande facilidade. Atribuo a grande resistência física que tenho tido na minha vida, e que me tem permitido atravessar as duras provações da minha vida africana, ao grande exercício a pé e a cavalo neste Cordão e à ginástica e esgrima quando no Colégio Militar e na Escola do Exército.

Perto da Rabaça ficava o Palmeira, a casa dum lavrador alentejano onde eu passava os serões. O lavrador de Palmeira era um rude e bom trabalhador que vivia dum souto que tinha e das suas terras de trigo. Tinha uma casa modesta, mas com uma bela lareira onde nos sentávamos a conversar, eu, êle e a família. Veio o tempo da apanha da castanha e encheu-se a casa de raparigas e rapazes que passavam o dia na apanha do ouriço, com as mãos engadanhadas de frio, e as noites em casa do lavrador a dançar aquelas danças alentejanas, com as cantigas do *Galamba*, *avança*, *avança* e não sei que mais. Gente simples mas boa, com o falar cantado, sóbrios, vivendo de quási nada.

Ai no Cordão me apareceram um dia, acompanhados pelo general Calheiros, dois oficiais espanhóis: Don Mariano Ramos e Don Luiz de Verda que vinham para regular um dos muitos incidentes de fronteira que por essa ocasião se deram, por não estarem bem definidos os limites.

Com esta missão deu-se uma anedota que não deixa de ter a sua graça.

No posto imediato ao meu, nas Barradas, se não estou em êrro, estava comandando um alferes já cansado, dos chamados da meia noite por terem sido promovidos pelo Marechal Saldanha quando da revolta de 70.

O nosso alferes era já durázio e sofria muito de prisão intestinal pelo que andava sempre munido duma daquelas grandes seringas de zinco, cilíndricas, com 30 ou 40 centímetros de comprimento, seringa que êle habitualmente colocava no parapeito duma das frestas da casa que habitava, no posto da alfândega.

Vindo de Portalegre, D. Mariano Ramos com a missão, foi ter às Barradas, à casêta aduaneira, e ao aproximar-se deu-lhe na vista a seringa; e, ou porque não estivesse com

boa vista, ou por qualquer acidente de luz, tomou-a por um telescópio! E ao apresentar-se ao bom do Serpa, perguntou-lhe se era engenheiro e se se dedicava a estudos astronómicos. Pasma do Serpa que ficou confundido e sem saber como lhe explicar qual o ôlho com que fazia as observações. O que nós rimos!

A nossa missão no Cordão era obstar à passagem dos espanhóis para Portugal, salvo nos pontos destinados a essa passagem e onde havia lazaretos, médicos, etc.

Sucedia porém que na região havia muito contrabandista cuja indústria esta medida afectava grandemente e que, desprovidos agora dêste meio de ganhar a vida, estavam verdadeiramente miseráveis.

Os srs. das alfândegas, aproveitando o Cordão, conseguiram ordem para que todos os contrabandistas como tais conhecidos, fôsem obrigados a apresentar-se diariamente aos comandantes dos postos, afim de assim evitarem que êles por falta de tempo fôsem a Espanha. Erro, porque defronte da minha linha ficava logo Valência de Alcântara onde se podia muito bem ir e voltar no mesmo dia.

Mas os cálculos e estudos das autoridades são sempre assim.

Com estas relações diárias com os contrabandistas, e com esta simpatia que todo o português tem pelas profissões arriscadas e perigosas, eu gostava de conversar com êles e de lhes ouvir as inúmeras histórias de aventuras e partidas que êles faziam para iludir o fisco.

Todo ancho da minha vigilância, e cuidado no serviço, afirmei-lhes que êles agora não podiam passar.

Um dêles, José não me lembro de quê, um homem de 30 e tantos, alto, delgado e sêco, com a sua cara angulosa tôda rapada, vestido na sua jaqueta, calção e polainas altas, tudo de briche, retorquiou-me picando com a grande navalha de ponta e mola um rôlo de tabaco, para fazer um cigarro:

— Se o sr. Alferes quer apostar alguma coisa . . .

Afrontou-me a petulância, e o homem sorriu e voltou:

— Olhe, sr. Alferes, se V. S.^a quiere, nós agora pelo Natal, vamos os dois a Valência beber uma *caneca* e voltamos, e eu levo-o e

trago-o sem que nem um dos seus soldados dê por tal.

Repeli a proposta rindo e êle não falou mais em tal nesse dia. Mas o diabo da ideia ficou-me a germinar na cabeça.

Passados dias, o José voltou a repetir a proposta: era só um dia; êle teria dois machos aí na aldeia fronteira e num instante estaríamos em Valência. Havia lá uma taberna magnífica, com comida à espanhola que era de comer e chorar por mais; um vinhito que picava na língua, que era uma delícia; e as serventes de penteado alto com cravos na cabeça... era dum homem se perder!

Corri com êle, mas o diabo da ideia entrou a esvurmar-me os miolos e agarrou-se a mim como uma lapa a um rochedo — e nos dias seguintes o José martelava-me a ideia como um carpinteiro num prego, e aumentava as seduções...

Dias antes do Natal, apareceu-me o Comandante do Cordão e o capitão da minha companhia em visita aos postos, e ao despedir-se de mim disse-me que tinham licença para ir passar o Natal com a família, e que, portanto, eu fizesse o meu serviço sem pensar

neles, e não lhes mandasse correspondência alguma.

Acudiu-me logo a tentação do José!

A que perigos fica exposto um rapaz de 20 e tantos anos, com o sangue na guelra, e uma imaginação ardente!

Ainda os dois comandantes não tinham tido tempo de chegar a Portalegre já o José, como se adivinhasse, aparecia. E então eu resolvi:

— Está bem, iremos lá na véspera do Natal, mas é só essa noite.

— Fique descansado; é uma noite só.

— Mas tu não trazes de lá contrabando algum.

— Não trago nada, sr. Alferes, descanse.

Na véspera do Natal, eu e o José abalámos, mas escrupuloso, eu não quis atravessar a linha entre os meus postos e fômos atravessá-la mais para o Norte nos postos da infantaria que ficavam à minha esquerda.

Passámos com a maior facilidade mesmo junto a uma barraca onde os soldados conversavam em tórno do fogo, sem uma sentinela, sem ninguém!

Passada a fronteira, entrámos numa aldeola

e aí o bom do José forneceu-me um fato como o dêle, jaqueta e polainas altas e grande chapéu de borla ao alto.

Estava um contrabandista como êle. Montámos nuns machos e, *ala!* a trote para Valência. Era noite e penetrámos na cozinha da estalagem; cozinha vasta, com grande chaminé onde havia um bom lume; vários homens sentados em bancos e bebendo; mulheres de saias vermelhas, ou azuis, ou verdes, camisas brancas, grandes pentes nos cabelos, sapatos de vemiz de salto alto, iam dum para outro lado servindo vinho e licores; no ar, um forte cheiro a aniz.

Era um cenário da Carmen!

Apesar do arrepio que me percorria a espinha ao lembrar-me que estava em transgressão, sentia-me feliz.

Abancámos, comemos nem sei quantos *pucheros* e mais trapalhadas com castanholas, e fômos dar uma volta pelas ruas; mas breve voltámos para a *fonda* onde me sentei a bebericar, em quanto o meu companheiro ia falar a uns amigos. Demorou-se o homem umas duas horas e voltou sorridente:

— Em o sr. Alferes querendo...

Tornámos a cavalgar as mulas e arrepiámos caminho.

Chegados à aldeola, de cujo nome me não lembro, retirei o meu uniforme e largámos pela verêda para a fronteira, que atravessámos com a mesma facilidade. Recolhi à minha cabana, feliz pela aventura, pela scena que vira que se me afigurou encantadora e feliz por ter feito tudo isto sem ser descoberto.

E foi assim que eu entrei pela primeira vez em terras de Espanha.

O pior foi mais tarde vir a saber que a minha viagem não fôra tão inocente como eu pensara.

O bom do José fez entrar nessa noite pelo mesmo caminho que nós seguíamos, 6 mulas com fardos de fazenda espanhola!

Enfim, o que lá vai, lá vai. E eu consolava-me com a ideia de que não estava ali para evitar o contrabando, mas para não deixar penetrar a cólera em Portugal.

O tempo passado neste Cordão não me foi pesado; fazia o meu serviço, caçava, aguarrelava um pouco, fazia os meus passeios a Portalegre e a Arronches onde me ia fornecer de víveres e de tabaco, e a noite passava-a,

conio já disse, na lareira do lavrador do Palmeiro, ouvindo histórias.

Uma noite, encontrei-os muito alarmados. Andava um magote de lobos pelas proximidades havia 2 dias, e tinham dado cabo de algumas ovelhas.

Projectavam uma batida.

Contavam histórias de lobos de pôr os cabelos em pé, e eu, nessa noite recolhi à minha barraca, olho aqui, olho acolá, parando ao menor ruído, à espera a todo o momento de vêr pela minha frente os olhos fosforescentes dum lobo com as orelhas fitadas e a língua de fora.

No dia seguinte, tive que ir a Arronches.

Costumava montar um dos cavalos de Cavalaria 1, que tinha ali um pequeno destacamento, e larguei de manhã cedo pela estrada fora, bem disposto e aspirando com fôrça o ar impregnado do cheiro resinoso das estevas.

A certa altura do caminho acudiram-me à lembrança as histórias dos lobos da véspera e um arrepio correu-me a espinha. Verifiquei se o revólver saía bem do coldre e prossegui mais tranqüilo.

Mas o diabo da ideia não me saía da

cabeça e o sol então já forte, comecei a investigar o mato com mais cuidado — um e outro lado da estrada, — e apertei com o cavalo para passar a trote.

Nisto, sinto atrás de mim um *frun-frun* que me pareceram passos de lobo e voltando a cabeça para trás para ver o que era, appareceu-me um vulto alto e negro sôbre a garupa do cavalo. Num relâmpago saltei ao chão com o revólver empunhado. . . era o rabo do cavalo erguido para favorecer a saída do excremento. . .

Furioso pelo susto ridículo que experimentara, tornei a montar e larguei a galope, praguejando contra a pusilanidade do meu espírito e prêgando a mim mesmo um grande sermão.

Em Arronches, era meu costume ir a casa dum alfaiate e na manhã seguinte regressei à minha palhota.

O inverno de 1884 foi duro e áspero, com grande invernía, chuvas e trovoada. Uma destas foi terrível, caindo num dos meus postos uma faisca, que fulminou dois soldados; os outros, 5 ou 6 fugiram espavoridos, tendo de ser remetidos para a séde do regimento em Tomar, onde pouco depois tiveram baixa por paralisias parciais.

Em Novembro, 8, fui promovido a alferes para o 24 de infantaria e larguei do Cordão com bastantes saúdaes daquela gente rude e daquela vida não menos rude e fui-me até Tomar e dali a Penamacor.

Era inverno e pela primeira vez na minha vida vi neve sem ser no Martinho, neve *ao-natural*, ao chegar à Guarda. Achei bonito e, confesso, não senti tanto frio como supunha.

Da Guarda, bifurcado num cavalicoque do correio, fiz meu caminho até Penamacor. O 24 tinha sido ali colocado pela recente reorganização do exército, e regimento e cidade estavam ainda noivos, fazendo-se muitas festinhas, com muitos bailes e pic-nics. Enverguei lá o meu novo uniforme côr de pinhão e gola vermelha, alamares de seda preta no peito.

Passado pouco tempo, num juramento de bandeira, conheci a senhora com quem passados meses me casava e tem sido a companheira da minha vida.

Apesar de estar muito bem em Penamacor, a verdade é que, sem ligações rápidas com o resto do mundo, (vivia-se até muito isolado), eu era muito novo e com alevantado espirito de aventura para ali estagnar; arranjei por

isso transferência para o 23 para Coimbra e dêsse regimento fui ajudante.

Coimbra é já uma cidade muito interessante e onde se pode viver e ali estive muito bem, até que meu Padrinho, que era o general Eliseu de Serpa, me ofereceu passar à Guarda Fiscal e fui comandar a secção de Figueira da Foz. Também é uma bela terra, mas para mim, quando em Portugal, a melhor terra é Lisboa. Não passei para Lisboa mas vim perto, para a Ericeira, trazendo de lá a família já aumentada com uma pessoa: a minha filha Estela.

Na Ericeira estive muito bem: terra de excelente gente e aí me nasceram a minha filha Manoela e o meu filho Carlos.

Estendia-se a minha secção desde a Assenta, ao Norte, até ao Roca, ao Sul, e as visitas que fazia aos postos do litoral, eram com verdadeiro prazer, sobretudo aos postos do Sul. Ia até à Roca, onde pernoitava, e na manhã seguinte descia a Colares e Sintra onde almoçava.

Êsses passeios a cavalo pela manhã, por Colares fora, principalmente no tempo da fruta, eram uma delicia. Todos aqueles quinteiros me conheciam e me saíam ao caminho presenteadome aqui com pêssegos, ali com limões e

laranjas, com que enchia os sacos da forragem que os meus pequenos bem conheciam e com que se regalavam.

Veio o 91 e eu tive uma grande vibração a sacudir-me daquela vida tranqüila mas sorna: escrevi ao coronel Azevedo Coutinho pedindo um lugar na expedição. Não sei porquê não me chamaram e eu continuei na Ericeira.

*

* *

Passaram anos e um dia recebi um convite do Rafael de Andrade, governador geral da Índia, para seu ajudante de campo. Eu não conhecia o Rafael de Andrade, mas conhecia um seu primo que vinha veraneiar para a Ericeira todos os anos. A Ericeira, diga-se de passagem, não era como hoje é; — naquela época iam para ali as pessoas de gosto delicado, que não podiam viver em praias de agitação e de *parvenus*.

Havia então um pequeno botequim, o da Toríbia, onde se juntavam o Mariano de Carvalho, Ventura, Pereira de Melo, Padre Brandão, Alberto Pimentel e quantos outros e onde

pela manhã, em seguida ao almoço, e à tarde, pouco antes do jantar, se conversava.

Recebido o convite, aceitei e em 6-8-1893 largava de Lisboa a bordo do «Isla de Panay» da carreira das Filipinas, que me levou por Cadiz, Cartagena e Barcelona, que era o pôrto de armamento dêstes vapores.

Ali encheu-se o vapor de espanhóis destinados às Filipinas e largamos fazendo uma esplêndida viagem em todos os aspectos. Portugueses éramos apenas 2: um condutor das Obras Públicas, Peixoto, e eu, que íamos ambos para a Índia. Em Aden transbordaram-nos os dois para o «Maria Talmir», austríaco, que nos levou a Bombaim.

A minha impressão de Bombaim foi bastante agradável.

Bombaim vem do português *Boa Bahia*. É uma ilha na costa ocidental do Hindustão em frente às praias do Couião, na província de Bijapore. Cedida a Portugal pelos Mogores em 1530, não a aproveitaram êstes nunca pelas dificuldades com que os ingleses superaram com grandes despesas por não terem outro pôrto. Fica a cidade numa estreita língua de terra na extremidade S. E. da ilha.

Extensas fortificações. A maioria das casas, de madeira com varandas; a parte habitada pelos europeus é de grandes e belas construções. Cidade de grande movimento comercial e uma população variadíssima.

Ali recebi uma indicação do Cônsul, para não seguir para Gôa, pois o Governador vinha a caminho, com destino a Damão. Efectivamente, dias depois chegava o Rafael de Andrade e juntos fomos a Damão e dali a Praganá, onde êle queria fazer organizar o serviço das matas, que é o que ali nos resta de algum valor. Conheci então o Luis Gaivão, engenheiro silvicultor, relações que bem depressa estreitamos, sendo êste um dos melhores amigos que tive.

Não me recordo quanto tempo estivemos em Praganá, donde viemos para Damão e por Bombaim a Gôa.

Eu não vou agora descrever Gôa nem fazer a história da nossa ocupação na Índia. A impressão que se tem ao chegar aqui, depois de passar por Bombaim, é desoladora. Sente-se tudo pequeno e triste: uma vida tacanha e pouco desafogada. As minhas funções de ajudante pouco trabalho me davam

e a vida corria fácil. O Governador vivia no Palácio do Cabo, uma encantadora residência debruçada sobre o mar. Desejaria êle bem demorar-se na Índia, mas êste govêrno é muito difícil pelas lutas constantes provocadas por certos elementos indígenas, que pretendem preponderar e influir no govêrno, mais por vaidade do que por outro motivo; porque de resto, a Índia Portuguesa, pequena e tacanha como é, não tem problemas, não tem complicações, e precisa apenas tranqüilidade e não sonhar com grandezas.

Mas os desvaneios dos tresloucados, que normalmente não têm importância de maior, senão o desassossêgo dos governadores, tiveram nesta ocasião uma influência desastrosa por se lhe juntar o incidente que passo a contar:

Deu-se a revolta de Gaza e o governador da Índia que substituiu o Rafael de Andrade, o Visconde de Vila Nova de Ourem, incitado pelo comandante do Batalhão de infantaria, que era um seu cunhado, telegrafou para Lisboa que podia mudar êsse batalhão para Moçambique imediatamente.

De Lisboa aceitaram e a notícia rebentou

como uma bomba naquela gente pacífica do batalhão, que a não esperava. Começaram então a agitar-se os elementos de normal opposição ao govêrno e que da intriga viviam; os soldados do batalhão, embora lhes impusessem a saída da Índia, estavam contudo dispostos a obedecer, desde que lhes garantissem o pagamento das pensões às famílias — porque quasi todos eram casados —, e promettessem respeitar-lhes os usos e costumes. O comandante do batalhão, porém, não só não atendia as reclamações dos seus homens, mas até os maltratava, e êles então na noite de 13 de Setembro de 1895 saíram do quartel disparando tiros para o ar e aos gritos de «Maddeu! Maddeu!» saíram da cidade e dirigiram-se para Satary.

Nessa ocasião era eu administrador do concelho das Ilhas, onde está a capital; nada sabia do que se ia passar, mas acordei com os tiros e vestindo-me à pressa, peguei no revólver e corri.

Quando cheguei ao Largo Afonso de Albuquerque vi, no meio da profunda escuridão da noite, a massa um pouco clara dos fatos dos soldados, e do meio dessa massa saíam os

relâmpagos dos tiros, todos dirigidos para o ar; a gritaria era infernal e confesso que o espectáculo nada tinha de tranqüilizador. Eu vi imminente uma desgraça espantosa, vi a cidade a saque, sem defeza, sem protecção.

Corri ao quartel da Polícia e logo me feriu o que presenciei.

Os soldados fingiam dormir tranqüilamente nas suas camas e a sentinela, em pé, encostada à ombreira da porta, parecia tranqüila e sem dar por cousa alguma, apesar do barulho das descargas e da vozeria que se ouvia nitidamente. Fui direito a ela e pus-lhe a mão no peito; o coração palpitava com uma fôrça extraordinária:

— Já sei a que me ater, disse comigo mesmo. Entrei na caserna, berrei pelos sargentos e fiz erguer as praças. Com custo conseguí formar umas 20 e com elas saí rápido, em direcção ao Largo Afonso de Albuquerque. Mal cheguei à esquina, vi que a massa revoltada estava em movimento: ia na altura do monumento do grande capitão, sempre gritando e disparando tiros.

Fiz alto e ordenei ao corneteiro da Companhia que tocasse: Batalhão, alto! — O cor-

neta fez o toque, mas tão esquisitamente, por má embocadura, que o som era de arripiar.

Os rebeldes continuavam marchando, gritando e fazendo fogo para o ar; então mandei apontar e fazer fogo, e seguidamente apontar, carregar, fogo.

Da primeira descarga quasi todos fizeram fogo; da 2.^a partiram apenas 4 ou 5 tiros: eram as únicas Sniders de que eu dispunha; o resto eram espingardas de carregar pela bôca, que os soldados não tiveram tempo de tornar a carregar.

Ainda fiz mais uma descarga, mas o 1.^o sargento disse-me ao ouvido:

— Os malandros fazem fogo para o ar. Confesso que não tinha pensado em tal.

Os soldados revoltados entravam, já a êste tempo, na rua Afonso de Albuquerque, e tinham apressado o passo.

Vi então tudo perdido e corri para cima dêles com a intenção de obstar a qualquer violência; como, não sei; mas era essa a minha ideia.

Eu corria, seguido por algumas praças europeias e maharatas, cuja dedicação tive mais tarde ocasião de apreciar, mas os revoltosos não corriam menos.

Próximo ao palácio do Govêrno, consegui atingir a rectaguarda e comecei-lhes a falar: não me davam atenção, nem me atendiam. Envôlto com êles fui até à ponte de Ribandar e aí consegui que parassem. Estavam comigo dois sargentos e algumas praças maharatas.

Tentei explicar-me que voltassem para a rectaguarda, para o quartel, mas êles não me entendiam e iam passando.

Lembrei-me então da bateria de artilharia que eu não tinha encontrado na minha passagem. Se ela não se tivesse revoltado, tudo se poderia remediar; bastava que chegasse à entrada da ponte. Esta tem 1 quilómetro de extensão em linha recta; duas peças varriam fàcilmente a ponte e esmagariam aquela canalha.

Dei ordem então para que fôssem chamar a artilharia.

Tratava-se agora de fazer demorar aquella gente para dar tempo a que a artilharia chegasse.

Com o auxílio dum cabo que pouquíssimo falava de portugûês e do corneteiro, que dizia uma ou outra coisa em canarim, tentei persuadi-los; êles porém só me respondiam que não

voltavam atrás, que iam para Marcela esperar ordens do governador, que queriam perdão e não ir para Moçambique, que só voltariam quando lhes fôsse enviado um papel assinado pelo coronel Luís Carneiro ou outro oficial velho.

Consegui detê-los perto de meia hora: meio século me pareceu aquele tempo. No entanto a turba escoava-se-me pela ponte, passando-me à direita e à esquerda.

Vendo que nada chegava, larguei os últimos, a que me tinha agarrado, e corri para o quartel.

No dia 14 pela manhã, deu o governador ordem para reunir o conselho do govêrno. O governador, tinha mandado três oficiais aos revoltosos afim de os convencerem a voltar a quartéis; os oficiais ainda não tinham voltado e esperava-os para resolver sôbre as medidas a tomar.

Estava o conselho reunido quando appareceu no palácio um sargento participando que os destacamentos, que regressavam de Quepem e de Sanguem, se tinham revoltado no caminho, unindo-se aos revoltosos em Marcela.

Principiava a série de complicações.

Para os que não conhecem a topografia de Gôa direi que Marcela fica situada no distrito de Pondá, logo além da ilha de Cambarjua e que, para evitar a passagem dos revoltosos para o concelho de Sanquelim, bastaria ocupar o rio próximo a Amoná, ponto onde teriam de passar em tonas.

Propus então ao governador que me desse o comando da companhia de polícia e da bateria de artilharia; que pusesse à minha disposição algumas lanchas e um vapor; que, com aquela força, eu iria ocupar a passagem para Sanquelim e segundo as circunstâncias, ou aguardaria ali os revoltosos, para os fuzilar na ocasião em que tentassem a passagem, ou desembarcaria e procuraria batê-los antes que passassem para Satary.

Ao governador pareceu-me agradar a proposta, porém o conselho não foi do mesmo parecer. O resultado foi não consentirem na execução do meu projecto.

Enquanto isto se passava, os revoltosos inquietos e vendo que nem a polícia, nem a bateria se lhes reuniam, como tinham combinado, resolveram não esperar muito tempo em Marcela, lugar donde difficilmente podiam esca-

par se se fôsse sôbre êles, e atravessando o rio seguiram para Sanquelim e daí para Nanuz.

Os 3 oficiais que tinham sido enviados aos revoltosos demoraram-se uns 3 dias e voltaram com as condições que êles punham à sua submissão:

1.º — Perdão absoluto para a revolta, visto que nenhum mal tinham feito;

2.º — Baixa de serviço àqueles que a pedissem;

3.º — Nenhum seria forçado a seguir para Moçambique.

Esperando a resposta às suas perguntas, os revoltosos, metidos em Nanuz, pediam ao administrador do concelho de Sanquelim, que lhes mandasse abonar os seus vencimentos, *pois se consideravam destacados*.

Enquanto nas altas regiões se passavam os dias em repetidas contradanças sem solução alguma, na cidade principiava o mal estar, que levou as cousas ao terror.

No quartel do batalhão de infantaria, os poucos soldados que tinham ficado, eram guardados à vista, de dia e de noite, pelos oficiais e sargentos.

No quartel da polícia, os meus 80 maha-

ratas não me inspiravam grande confiança, mas, como nestas ocasiões, mais ainda do que em quaisquer outras, é preciso fazer convencer as massas de que se tem confiança nelas para as conter, eu fingia considerá-las como a única salvação do país e, a pretexto de que a gente, que ficara no quartel do batalhão, não merecia confiança alguma, passei a ficar tôdas as noites no quartel da policia com os officiaes; sentávamo-nos à porta com os revólveres ao lado e assim passámos as noites desde 15 de Setembro até que se organizaram as barricadas.

Apesar de tôdas as precauções, diàriamente desertavam praças do batalhão de infantaria. Todos os dias surdiãam boatos alarmantes.

Aconselharam-me a que tirasse as armas à policia, recusei; no dia em que o fizesse, não tínhamos nem um só homem por nós; assim, ao menos, os revoltosos não sabiam com que contar e a policia, junta com a bateria, metia-lhes mêdo.

Os factos provaram que fiz bem. Uma noite, quando fui para o quartel, encontrei os soldados vestidos e com correias postas, fingindo que dormiam.

— É para esta noite! disse ao capitão.

E sentámo-nos os quatro, com a resignação que dá a consciência do cumprimento dum dever.

Não esperava ver amanhecer o dia seguinte.

Chamei um cabo e o sargento Julião, dedicado rapaz que prestou relevantíssimos serviços nesta crise; disse ao Julião que desse ordem às praças para se despirem, que assim dormiriam melhor. Depois duma ligeira hesitação, obedeceram.

Pouco a pouco a polícia foi-me entrando na mão e depois do reconhecimento de Amoná, nunca mais me inspirou cuidados.

Pròximamente um mês depois da revolta dos soldados, chegou a Pangim a notícia de que os Ranes se tinham também revoltado e reunido em Nanuz aos soldados. Os rebeldes, já numerosos, começavam a saquear tôdas as povoações por onde iam passando.

No dia 14 de Outubro (o dia do saque de Mapuçá), reuniu-se o conselho do govêrno pela centésima vez, creio eu.

Todos queriam liquidar a questão, mas nunca se acordava nos processos. Aberta a sessão, que foi pública, começaram os discursos.

Debaixo da impressão de terror, que se começava a produzir com a audácia dos revoltosos, ao passo que nem uma só medida se tinha tomado para debelar a situação, os discursos foram violentíssimos. O procurador da corôa atacou os canarins e acusou-os de terem produzido a revolta; o juiz Ochôa declarou que o indulto naquelas circunstâncias para nada servia, porque não seria aceito sem confirmação régia; o conselheiro Abel Pinho propunha que se publicasse um bando declarando ao povo, que o govêrno não lhe podia garantir a segurança.

Havia ainda muito para dizer, julgo eu, quando o ajudante Vieira da Rocha, com o seu sorriso irónico muito sereno e, serenamente, como é seu feitio, se aproximou do governador, e, com voz bastante alta para ser ouvido por tôda a sala, disse:

— Os rebeldes acabam de saquear Mapuçá; um troço dirige-se para a praça da Aguada e outro para aqui.

Uma bomba lançada no meio da sala, ou a entrada ali dos próprios Ranes não produziria mais efeito! Foi um «salve-se quem puder».

Tôda a gente se levantou e dirigiu para a porta da sala. O pânico produzido na cidade por êste motivo, foi imenso e o vapor da Shepherd & C.^o atracado à ponte, ficou neste dia atulhado de gente que fugia.

Á saída da sala todos gritavam: o indulto! o indulto! e o governador, assinando êsse documento, entregava-o pouco depois ao Conde de Mahem e a dois coroneis que seguiram para Mapuçá ao encontro dos revoltosos.

Quási todos os europeus, que estavam em Pangim, fugiram para Mormugão ou Bombaim. Foi uma debandada.

Sobreveio a noite e com ela aumentou o susto na população.

Que tristeza, que desalento enorme se apoderou de mim nesta ocasião! Que dôr eu senti no meu coração de portuguezes, ao ver fugir outros portuguezes à notícia da aproximação dum punhado de indigenas, cobardes e traidores!

Mas afinal reflectindo, não podia deixar de lhes dar uma certa razão. Com quem contavamos nós? Soldados não os havia; os poucos da policia ainda não podiam merecer absoluta confiança, sendo preciso guardá-los à noite,

como já referi. A população indígena ou nos era hostil ou cobarde; também não se podia contar com ela. Só restávamos em campo nós, os europeus. Unidos, ainda seríamos fortes e assustaríamos os rebeldes, como mais tarde se viu. Mas assim, sem direcção, sem pessoa alguma, que inspirasse confiança, que fazer? Fugir --- e foi o que fizeram.

Então o governador mandou-me chamar e disse-me que fizesse eu o que entendesse para salvar a situação.

Limitei-me a pedir-lhe que me nomeasse sub-chefe do E. M.; e seguidamente, apresentei à assinatura do governador duas portarias, declarando o estado de sítio e mandando regressar a Gôa todos os funcionários que se tinham ausentado para Bombaim, além de outras medidas de defesa da cidade.

Os rebeldes no entanto, se não se aventuravam a chegar até Pangim, saqueavam a seu belprazer as povoações que lhes agradavam. Excepto a capital, tudo estava à sua mercê.

No dia 21 do mês de Outubro, soube-se em Pangim que os rebeldes estavam em Amoná e Juá. Neste dia pedi ao governador

que me permitisse sair com alguma fôrça; tinha isto as seguintes vantagens:

1.º — Verificar o grau de confiança que as tropas podiam inspirar;

2.º — Comprometê-los por forma a ficarem realmente inimigos dos rebeldes;

3.º — Obrigar êstes a não serem tão audaciosos e fazer-lhes compreender que dispúnhamos de elementos de resistênciã.

O governador acedeu ao meu pedido e, em algumas lanchas, fiz embarcar 70 praças de policia, 3 de artilharia e uma peça de carregar pela bôca.

Os officiaes que compunham a expedição eram, além de mim, o capitão de artilharia Vieira da Rocha, os tenentes Abílio de Sá, o Lamas e Osório de Castro, os alferes Dias e Possolo, e o capitão Brito. Levei muitos officiaes porque queria segurar os soldados, caso recusassem bater-se.

Mal avistámos Juá, vimos que os rebeldes abandonavam a ilha em tonas, que deslizavam, a tôda a pressa, para Amoná.

Logo que chegámos diante da povoação, ouviu-se a *Chinga!* A *chinga* é a corneta de guerra gentílica; é de cobre e tem o feitio

dum grande corno. O som que dela sai é agudo, estridente, irritante. Em todos os tempos o som da *chinga* causou um enorme terror nas populações.

Desta vez surtiu o mesmo efeito; os soldados enfiaram e os patrões das lanchas perderam a cabeça. Foi preciso ameaçar o meu, a revólver.

Mandei ajoelhar os soldados junto à borda e dei ordem ao capitão Rocha, para que, logo que a lancha se aproximasse a 200 metros da margem, desse voz de fogo e disparasse ao mesmo tempo a peça. Eu não confiava nela (e tinha razão) e, sendo o tiro feito juntamente com o fogo da infantaria, não perceberia o inimigo a que atribuir os estragos que houvesse e, portanto, não perderiam o antigo medo à artilharia.

Recomendei então a alguns oficiais que iam comigo que se pusessem na rectaguarda dos soldados e que, à menor hesitação que manifestassem, lhes fizessem saltar os miolos, e indiquei-lhes aqueles que eu mais receava.

A lancha do capitão Rocha aproximou-se da margem e deu uma descarga.

Os patrões largaram o leme e a minha

lança, em vez de ir para a frente da do Rocha, afim de poder fazer fogo, foi para trás dela e nada pôde fazer na ocasião.

A sôco voltaram os patrões aos seus lugares. O inimigo, rompeu fogo contra nós, mas a maioria dos seus projecteis vinha bater na água adiante das lanchas. Aproximámo-nos mais e fizeram-se mais duas ou três descargas e o inimigo largou a fugir na direcção de Sanquelim.

Quis desembarcar, mas demonstraram-me a impossibilidade por causa do lôdo. Voltámos para Pangim.

Êste reconhecimento não representava uma vitória, mas era o primeiro encontro com o inimigo; tinham-se trocado os primeiros tiros desta campanha e a polícia não hesitara, nem fizera fogo para o ar; poderíamos, daí em diante, contar com ela.

Com que alegria voltámos para Pangim! Parecia que voltávamos duma grande batalha! E se hoje a experiência destas cousas me fez ver que o reconhecimento de Amoná não valeu uma ponta de cigarro, a verdade é que, na ocasião, teve incontestável valor e merecimento, por tôdas as razões.

Dois dias depois recebia o governador geral uma petição das praças revoltadas oferecendo depôr as armas e pedindo o perdão.

Aqueles que 8 dias antes, se recusavam até a aceitar o indulto e as baixas, agora já vinham, submissos, pedir perdão.

O vento começava a soprar a nosso favor.

Não me parecendo conveniente conservar-me imobilizado dentro das barricadas, lembrei ao governador a vantagem de organizar uma coluna mais forte e ir procurar com ela o inimigo. O governador aceitou a proposta e eu tratei logo de organizar a coluna. Levantaram-se porém dificuldades e uma grande oposição se manifestou contra a saída da coluna.

O governador reuniu um conselho, em que tomaram parte todos os oficiais e quasi todos foram de parecer que a coluna não devia ir ao encontro do inimigo.

Descoroçoado, mas não resignado, insisti com o governador e propuz-lhe que, ao menos, deixasse ir a coluna para Juá. Postada ela ali, ficariam as ilhas a coberto das razias dos rebeldes e também se protegeria assim parte dos concelhos de Salsête e Bardêz.

O governador então, ouvidos alguns oficiais, em quem depositava mais confiança, acedeu.

No dia 31 de Outubro, de madrugada, a coluna embarcava em Pangim e seguia para Juá, onde desembarcou à tarde.

Estabeleci postos avançados. Uma lancha, no rio, vigiava as passagens.

No dia 1 de Novembro saí com uma parte da fôrça até Bicholim. No dia imediato efectuei um reconhecimento até Marcela, mas tanto num como noutro, não houve novas do inimigo. No dia 3, uns espias meus preveniram-me de que 600 rebeldes ocupavam Sanquelim e que o grosso das fôrças inimigas se achava em Nanuz.

Entretanto a canhoneira «Rio Lima» entrava no Mandovy e a cidade finalmente respirava. Desde o momento em que a sua segurança estava garantida, podia operar desassombadamente.

Resolvi logo marchar para Sanquelim, custasse o que custasse, mas para o transporte das fôrças tinha eu só uma lancha a vapor e uma jangada. Mandeí pedir a Pangim outra lancha a vapor; em Pangim já ninguém, agora,

queria saber da coluna e, não ma mandaram. Mandei também pedir uma metralhadora à «Rio Lima» e também não obtive resposta.

Ao cair da noite de 3 de Noyembro mandei embarcar na jangada a artilharia com uma escolta de infantaria e mandei-a seguir para Valpoy. Ordenei-lhe que ocupasse o alto da calçada que dominava a povoação, que me mandasse logo a lancha e a jangada para embarcar o resto da gente e que esperasse por mim. Afim de iludir o inimigo mandei para outro ponto um velho e trôpego cavalo que me tinha sido distribuído para montada.

Não foi sem muito trabalho que consegui transportar o resto do pessoal e cheguei a Valoy noite alta.

Marchei em direcção a Sanquelim. Próximo ao amanhecer, sentiu a flecha da guarda avançada vozes na nossa frente; a pequena coluna parou e eu adiantei-me com a guarda avançada.

Eram dois pastores, sentados debaixo duma árvore. Surpreendidos, foram agarrados e obrigados a servir-nos de guias. O terreno descia. Perguntei-lhes se ia assim até Sanque-

lim. Responderam que não, que terminava numa linha de água a que se seguia uma escampada altura (Gutnem), seguida por outra menor (Chorañó).

Apressei a marcha. Amanhecia quando chegámos à tal linha de água. Dava-nos pela cintura. Na minha frente erguia-se, quási a prumo, uma altura duns 100 metros. Era a que precisávamos ocupar. Se o inimigo desse pela nossa chegada e a ocupasse primeiro do que nós, estávamos perdidos.

Os pastores mostraram-me um caminho que contornava a montanha, mas era enorme, aos zig-zags e levar-nos-ia imenso tempo a percorrer.

Nisto, vimos à nossa esquerda, dois homens a correr. Eram dois espias do inimigo. Não havia tempo a perder.

Dei ordem ao comandante da artilharia para que seguisse pelo caminho por não poder ser doutra forma e eu apontei a companhia de policia direita à encosta.

Os soldados subiram durante uns dez minutos, mas pararam.

— Não pode ser!

— Vinte rupias ao primeiro que chegar ali,

— disse eu indicando um ponto da encosta. Todos começaram a correr.

— Outras vinte ao primeiro que chegar acolá. E assim, aos lanços e à fôrça de rupias, chegámos ao alto.

Era tempo. Nós a pormos o pé no planalto e o inimigo a tocar a *chinga*.

Viram-se vultos brancos a correr dum para outro lado. Rompia o sol. O inimigo dispersou em atiradores encobrendo-se com as árvores.

Fiz estender 40 soldados da polícia e conservei os restantes atraz dum muro de pedra solta. Mandei romper fogo. O inimigo respondeu logo.

Entre mim e êle estava um terreno pedregoso pelo qual passava a estrada de Sanquelim-Nanuz. À beira da estrada havia uma sebe. Mandei fazer um lanço. Os meus atiradores avançavam, mas pouco. Foi reforçada a linha e ordenei outro lanço. Muito a custo avançou o centro que eu pessoalmente conduzia. Os flancos conservaram-se à rectaguarda.

Nisto, do lado do inimigo, levantaram-se alguns homens fazendo sinais. Mandei cessar fogo.

Êsses homens avançaram para mim. Se-

guiam-se-lhe outros, mas lembrando-me o que sucedera no destacamento de Sanquelim e não querendo que me fizessem o mesmo, disse a uma das minhas ordenanças que lhes fizesse saber que, se avançassem mais de três, fazia fogo.

Pararam, mas ainda assim aproximaram-se cinco.

Chegados ao pé de mim, ordenei-lhes que puzessem as armas no chão. Um deles voltou-se insolentemente para mim:

— Tu põe arma no chão.

Tomára por arma um binóculo que eu segurava na mão direita. Fiz-lhe saber que se tinham alguma coisa a dizer que se despachassem e que depuzessem primeiro as armas.

Nisto, por uma cobertura da sebe, vi passar pela minha frente, na estrada o alferes Possolo; neste momento, dois rebeldes que estavam ocultos pela sebe, agarraram-lhe os braços.

O valente rapaz, largando o revólver que empunhava com a mão direita deu tamanho sôco num dêles que o virou; o outro vendo isto largou-o e disparou sôbre êle a espingarda. Uma das muitas ordenanças que, como

eu, vira isto, já a êste tempo estava ao pé do Possolo e metendo a arma à cara prostrou o traidor.

Os cinco parlamentários iam levar as armas à cara visando-me e aos diferentes indivíduos que me rodeavam, mas foram prostrados logo. Corri direito ao Possolo, e ainda o recebi nos braços; a bala quebrara-lhe a coxa direita. Dois soldados pegaram nele.

O fogo rompeu vivamente por todos os lados e as balas sibilaram por cima de nós em tôdas as direcções, pois a reserva que eu deixara à rectaguarda desnorteada também rompeu o fogo.

Produziu-se logo um pânico enorme na linha de atiradores. Foi nesta ocasião que recebi uma bala no pé direito. A minha ordenança e um outro soldado transportaram o alferes Possolo, mas com o pânico produzido puseram-o por detrás da sebe, e agacharam-se ao lado dêle.

O inimigo, occupava agora também um alto, que ficava à minha esquerda, e que era a chave da posição. Fôra para dar tempo a êsse movimento, que tinham vindo parlamentar. Eu não o tinha podido fazer occupar por

falta de gente e agora via-me sèriamente embaraçado. Felizmente a artilharia chegava neste momento.

Mandei meter em bateria, o que se fez ràpidamente. Ao segundo tiro, quebra-se o eixo a uma das peças e esta cai no chão! Á outra succede-lhe o mesmo. Contudo, logo que troou a artilharia, o inimigo abandonou o alto e a sua linha de atiradores, que avançava em direcção à sebe, recuou.

Aproveitei êste movimento para fazer recolher o alferes Possolo.

O inimigo, porém, percebendo que a artilharia estava em terra, avançou e redobrou a intensidade do fogo.

Foi um momento terrível de que me lembrarei tôda a vida.

Os soldados em grupos, escondiam-se por detrás da parede de pedra solta e recusavam fazer fogo; apenas um pequeno grupo duns 30 fazia fogo junto às peças, mas à doida. Alguns officiais diziam que era preciso retirar. Vi tudo perdido; no entanto dispus-me a vender cara a vida.

O inimigo fez novo lanço. O momento crítico aproximava-se. Ordem para retirar não

a dava eu, porque seria absurda. Como se poderia retirar sem que ficássemos todos esmagados?

A meu lado o Luís Gaivão mantinha-se com um sangue frio como nunca vi a pessoa alguma.

Fiz tudo quanto humanamente é possível fazer-se para meter aquela gente em ordem e estava já resolvido a distribuir algumas balas do meu revólver aos cérebros mais desnor-teados, quando senti as cornetas do corpo principal.

— Aí vem a nossa gente! Efectivamente apareceram as primeiras filas.

Então a maior parte daquela gente recobrou coragem; ouviam-se estrondosos vivas a Portugal.

O inimigo, que não compreendia o que se passava, estacou e parou o fogo. Logo a testa da coluna apareceu no alto. À medida que chegavam, ia-os eu distribuindo. A 1.^a companhia meteu-se atrás da histórica parede.

O fogo rompeu então violentamente. O inimigo vendo a minha fôrça avançar, recuou lentamente até que, chegando ao princípio da descida que vai para Sanquelim, debandou em

tôdas as direcções. Reüni então tôda a coluna e dei ordem de marcha pela estrada de Sanquelim-Bicholim. Tudo desfilou e eu segui na rectaguarda, apoiado ao braço de Luís Gaivão, porque o meu ferimento cheio de terra, fazia-me sofrer horrorosamente.

Esta marcha de Sanquelim a Bicholim, foi um dos maiores martírios da minha vida. Em Bicholim descansou a fôrça duas horas, durante as quais cada um comeu o que pôde arranjar.

Foi-me feito o penso ao pé; rasgada a bota e a calça, tive que me embrulhar num lençol, porque não havia fato.

Logo que cheguei a Juá, tratei de reünir a gente e pôr um pouco de ordem na ilha. Restabeleci os postos avançados, fiz entrar tudo nos quartéis e depois de tudo restabelecido, por completo, é que fui descansar.

O combate tinha durado 5 horas e gastamos 5.000 cartuchos.

Neste combate, que se ficou chamando de Gutnem, tivemos o alferes Possolo ferido, eu, o mestre corneteiro José dos Reis com uma bala num olho, e mais algumas praças. Não tivemos nenhum morto.

*

* *

No dia 12 entrava em Pangim a expedição comandada pelo Senhor Infante D. Afonso e, na mesma ocasião, o novo Governador Geral, capitão de fragata Rafael de Andrade.

O novo governador era enérgico e activo e a cidade então rejubilou.

Trazia êle instruções que lhe davam os mais completos poderes.

A meu ver, êste foi o maior êrro do govêrno. Se a expedição tem vindo apenas com um comandante, que reúnisse na mão todos os poderes, não se teriam decerto levantado as dificuldades que mais tarde apareceram.

Ou o governador devia vir com a expedição, comandando-a, ou o Senhor Infante deveria ser o governador nomeado.

Duas autoridades, uma com poderes quasi absolutos, outra com poderes importantes tambêm, e, ainda por cima, revestida com a dignidade, o respeito e a differença que provinham do titulo de Alteza e da qualidade de

irmão de El-Rei, são coisas que se não podem nunca harmonizar perfeitamente.

No ultramar, a palavra Rei tinha uma significação que na Europa ninguém compreendia.

Quando, noutros tempos, dava uma ordem a um régulo, dizia-lhe:

— «O Rei quer isto», ou: «O Rei manda isto».

Se eu lhe dissesse: o governador quer isto ou aquilo, o preto não me entendia, ria-se e não fazia caso.

- Durante êste tempo, os rebeldes que já andavam desavindos, fraccionaram-se e um grupo de cêrca de 200 passou para o sul do caminho de ferro, entrando no concelho de Sanguem.

Fui chamado nesta ocasião a Pangim, e recebi ordem do governador para com 200 praças nativas e 50 praças do «Vasco da Gama» marchar contra os rebeldes. Marchei para Sanguem e tendo aí noticias de que os rebeldes se encontravam em Cendy, segui para esta aldeia, que foi cercada na madrugada de 19 de Novembro. Não encontramos, porém, senão algumas mulheres e 5 ou 6 homens. Informaram-me êstes que os revol-

tosos haviam tido notícia da minha aproximação e tinham retirado, durante a noite, para o norte. Esta marcha rápida que durou 3 dias consecutivos foi duma violência enorme.

Cheguei a Pangim no dia 21 e neste mesmo dia chegaram também os oficiais prisioneiros dos rebeldes e os armamentos que os soldados desertores tinham abandonado. O combate de Gutnem desmoralizara os rebeldes e produziu neles o comêço de desconfiança mútua e de receio que a notícia da chegada da expedição aumentou até ao terror.

Uma parte fugia para o sul, como já disse, a outra parte mais importante depunha as armas e soltava os prisioneiros, como um penhor das suas intenções pacíficas, ou antes, da sua manifesta vontade de não se bater.

Pronta a expedição, fui chamado a Pangim para prestar informações sôbre o que eu soubesse com respeito aos rebeldes e ao terreno que ia servir de teatro às operações.

Numa reunião efectuada no Palácio, a que eu assisti e em que compareceram além do Infante, o capitão Garcia Rosado, o major Benjamim Pinto, o capitão Albuquerque e

outros, expus então o que me parecia melhor : que a expedição marchasse pela estrada Bicholim-Sanquelim-Nanuz, enquanto a minha coluna, reforçada com 50 praças da expedição, seguiria embarcada até Usgão, e daí, pela via ordinária, iria ocupar a saída de Razigante, protegendo a passagem da expedição pelo desfiladeiro.

Recebi ordem de marcha e no dia 24 de Novembro passei com a minha coluna de Juá para Peligão e dali seguimos para Bicholim, onde pernoitamos.

No dia 25 pela manhã chegou o senhor Infante com o grosso da expedição.

Como era meu dever, informei de que me constava estar o inimigo em Nanuz e ter 40 homens postados no Razigante. D. Afonso deu ordem de marcha e eu constituí a guarda avançada com a minha coluna.

O desfiladeiro passou-se sem que encontrássemos fôlego vivo e chegamos a Nanuz, onde nos apareceram uns soldados reformados, que ali residiam e tinham estado em curiosa camaradagem com os rebeldes.

Foi neste dia que tive pela primeira vez febres na Índia e com tanta violência que tive

que ficar 3 dias dentro duma cubata, sem me poder erguer.

Passado algum tempo, os rebeldes vendo que não tinham uma solução qualquer para a sua questão, e que não podiam esperar coisa alguma do govêrno, organizaram-se em bandos, que começaram a percorrer o território.

Um importante bando passara para o sul da linha férrea e invadira o concelho de Sanguém. Recebĩ ordem do governador para organizar uma coluna e com ela percorrer o território de Gôa, dando caça aos bandos, que saíssem de Satary.

Em 14 de Fevereiro saí de Pangim em direcção a Sanguém, daí passei a Balty, Naiquerim, Valdem e Natorlim, onde cheguei em 16, sempre em busca dos rebeldes.

As marchas eram difíceis, não só por causa dos maus caminhos, como também pela falta de informações. Entre Natorlim e Gandarguém fica um desfiladeiro—Ambigante—célebre em outros tempos por ser o refúgio das quadrilhas de bandidos, que infestavam o país. Eu não conhecia tal desfiladeiro; a carta não o indicava.

Logo que penetramos nele, ficamos pas-

mados. O caminho era um carreiro estreito onde mal cabiam dois homens a par: êste carreiro corria ao longo da encosta dum elevado monte, cujo cume ficava à nossa direita e um pouco para a frente, e subia à speramente até alcançar o alto dum outro monte, que se nos atravessava pela frente.

À nossa esquerda a encosta caía quási a prumo sôbre um ribeiro, e, do outro lado, elevava-se um dos grandes contrafortes dos Gattes.

As encostas eram cobertas de mato rijo, que encobriam um homem a cavalo, e por numerosas árvores, tudo ligado por liama resistente.

O carreiro era áspero, eriçado de pedregulhos, que rolavam sob os pês.

Marchávamos dificultosamente, sufocados pelo calor; quando se erguia a vista, apenas se descobria o mato e a copa do arvoredô.

De súbito, sentiram-se duas detonações. Eu, que, segundo o costume, marchava com a guarda avançada, corri para a frente e defrontei logo com a minha flecha ajoelhada.

— Que tinham topado com o inimigo.

— Para a frente! dei ordem. Encontrei

logo muita comida pelo chão, arroz, roupas, uma *chinga*, diversas coisas que denunciavam o inimigo.

Imediatamente soaram muitos tiros na minha frente e alguns ramos de árvores caíram cortados por balas.

Mandei estender a guarda avançada em atiradores e avançar. Prolonguei a minha esquerda com mais outra secção e para lá mandei o tenente Santos e Silva. Assim avançamos, recebendo e fazendo fogo, sem que nunca me fôsse possível ver o inimigo.

Era aflitivo êste combate dentro do mato, como que às escuras.

Como o fogo aumentasse um pouco para a minha direita, mandei uma secção neste sentido. E foi a tempo. Um trôço do inimigo procurava tornear-me e atirar sôbre a reserva.

Dando com a secção, estacou, fez fogo e debandou em seguida. Tôda a linha continuou a avançar. Por fim chegamos ao alto e os rebeldes fugiam em tôdas as direcções como era o costume; viam-se pelas encostas fronteiras correndo doidamente, largando panos e armas.

Mandei ainda uma secção na perseguição

dum grupo maior, que passava à nossa direita, mas apenas lhe pude mandar duas descargas.

Em que direcção se reüniria o inimigo? Era o eterno problema.

Dificuldades imensas surgiam sempre para se topar com êle, e quando ao fim de insano trabalho, era encontrado, dispersava, sumia-se, desaparecia para se ir reünir num ponto fixado de ante-mão, e que nos levava uma outra porção de dias a descobrir.

Foi esta sempre a história das operações na Índia.

Ocorreu-me que, como seguiam na direcção de Canácona, importante povoação sem condições de resistência, seria possível que se reünissem agora, depois do combate, naquela povoação. Reüni a minha gente e prossegui em direcção a Canácona.

Andamos todo o resto do dia; chegou a noite, e a encantada povoação não aparecia. Afinal, perto das 9 horas, disse-me o guia:

— É já aqui, senhor!

Mandei explorar a povoação e apareceu-me um soldado do batalhão de infantaria. Fazia parte dum destacamento de 3 homens, que para ali ficara esquecido. Êle era o único que

estava em estado de falar; o cabo e os outros tinham-se embebedado *para não lhes faltar coragem, quando o inimigo chegasse* — assim dizia o cabo.

A povoação estava abandonada porque, tendo sabido que os revoltosos se dirigiam para ali, tôda a gente fugira, incluindo o administrador do concelho. Só ficara a *fôrça pública*, mas essa, corajosamente bêbeda.

Mandei abrir algumas portas e instalei a minha gente. Vinham todos derriados, mas os europeus estavam positivamente inutilizados. Esta marcha violentíssima, de 10 horas, das quais duas de combate, por caminhos terríveis, demonstra bem a rija têmpera dos soldados portuguezes.

Difícilmente se encontrariam outros tão resistentes. No combate tivemos um homem ferido na cabeça; o inimigo teve 6 mortos e 20 feridos, entre êstes um chefe — Gambá Rane.

Passei o dia 18 em Canácona para dar algum descanso à minha gente e no dia 19 retrocedi para Netarlin.

Do inimigo não havia novas. Fui a Sigouem, nos Gattes, por me dizerem que constava

terem alguns passado para ali: mas nada encontrei. Segui depois ao longo dos Gattes, até Cumbarý; de Cumbarý passei a Batty, que encontrei saqueada, e daí parti para Sanguem, onde cheguei a 21.

A 23 saí de Sanguem para Sanvordem e daí para Sirodá, Pondá e Darbandorá em direcção a Surla.

Ao cair da tarde encontrei vários grupos de gentios com tambores festejando o *Signó*, o seu carnaval.

Era já noite e fazia um esplêndido luar, quando atravessamos um ribeiro próximo a Surla, onde a água dava pela cintura dos soldados.

Tinha a flecha passado o rio, quando se sentiu um tiro do lado da povoação e imediatamente calar-se um batuque que, havia muito, ouvíamos. Fiz passar rapidamente a guarda avançada e corremos para a povoação. Nem viva alma aparecia. Numa casa, porém, encontramos um velho meio idiota e três mulheres. Pelo chão havia muitos pratos gentílicos com restos de comida. Á porta da casa estavam 8 espingardas. Interroguei a gente e a custo soubemos que o chefe Jiubá estava ceando

com outro e que, sentindo-nos, tinha fugido com o seu bando aos gritos de *Gomes da Costa, elló* — que um espia viera lançar.

No dia seguinte, mandei fazer um reconhecimento até Balcarnem, e soubemos que o inimigo passara para Satary.

.....

Entretanto era chamado pelo Governador a Pangim. Dissensões entre o Infante e êle levaram-o a resignar o cargo e eu acompañei-o a Portugal, onde cheguei a 24 de Abril.

No dia seguinte ao da minha chegada a Lisboa, subindo com Rafael de Andrade a Avenida da Liberdade deparámos com o Cons-tâncio Roque da Costa, um índio que dirigia ou era redactor do jornal «Universal» que então se publicava na capital e nêle atacava violentamente o governador geral Rafael de Andrade; êste, ao vêr o canariin, chamou-o, na intenção, de lhe pedir explicações. Cons-tâncio Roque, que ao que parece andava receoso dêste convite e se armara, ao deparar com Rafael de Andrade, tirou da algibeira um revólver e apontou-lho: vendo isto dirigi-me sôbre êle para o desarmar, mas como êle fugisse com o braço, assentei-lhe a mão no

ombro; foi-se êle a baixo, e eu, que tal não esperava, desequilibrei-me e caí-lhe por cima.

O canarim, então, nervoso, começou a dar ao gatilho e um dos projecteis entrando-me na perna direita, cortou-me a femural.

Levado para o hospital, lá me operaram e trataram com todo o cuidado, e carinho os drs. Sousa Martins, Feijão e Mello Breyner, sobretudo êste último, que foi o meu assistente e teve disvelos para comigo, de que sempre lhe fiquei reconhecido.

Entrava eu em convalescença quando no Ministério da Marinha e Ultramar receberam um telegrama de Mousinho de Albuquerque, então Governador Geral de Moçambique, requisitando-me para capitão-mór do Mossuril.

Aceitei logo e para lá parti em Setembro de 1896. Cheguei a Moçambique quando Mousinho tinha tudo preparado para a campanha dos Namarrais que iniciou no dia seguinte, e segui com êle no seu Quartel General.

No dia... trocamos os primeiros tiros com os Namarrais no meio de uma região cheia de arvoredos e de mato. Mousinho fez formar quadrado à coluna, e ali estivemos todo êsse dia e noite trocando tiros.

Vendo que não tinha fôrças suficientes para prosseguir, Mousinho retirou para o Mossuril, entregando-me o comando da guarda da rectaguarda nessa retirada que ficou célebre (1) pela tenacidade do inimigo e pela sere-

(1) A propósito desta célebre retirada, e por nos parecer que pode interessar o leitor, reproduzimos aqui, na parte que respeita ao combate da Mujenga, um artigo de B. M. publicado no jornal «Provincia de Angola», de 4 de Junho de 1912:

MAJOR GOMES DA COSTA

Por motivo de ordem ministerial, seguiu no último paquete para Cabo Verde, transferido desta provincia para ali, o major Sr. Gomes da Costa.

Transferido ainda há poucos meses de Moçambique para Angola, exercendo aqui o cargo de Chefe do Estado Maior, conseguiu o Sr. Gomes da Costa criar em volta de si, nesta provincia, uma atmosfera de enorme simpatia, bem difficil de obter em terras de África, onde a luta pela vida arrasta consigo o embate constante de interesses e de paixões.

Militar valente, destemido e brioso, com uma larga fôlha de serviços ao seu país, Gomes da Costa é um dos mais nobres e foi um dos mais queridos discípulos de Mousinho de Albuquerque.

Índia, Gaza, Namarraís, são nomes que um

nidade e valor dos soldados, que por tal forma se portaram, que chegamos a Natul duas horas depois da coluna.

Mousinho resolveu então dissolver a coluna, até lhe virem de Portugal fôrças suficientes

oficial português não pode pronunciar sem lhes ligar a individualidade de Gomes da Costa; e essa medalha da Torre e Espada que tão bem assenta naquele peito forte, da sua figura verdadeiramente máscula personificando a idealização dum guerreiro, ganhou-a êle, caso único entre nós, numa retirada em frente do inimigo!

Se é fácil obter medalhas na vitória, é bem difficil merecê-las na derrota!

Historiemos um pouco:

A 20 de Outubro de 1896 a coluna que se internara para bater os namarraes achava-se em Mijenga, envolvida pelo inimigo e submetida à dura prova dum fogo constante que produzia numerosas baixas.

O combate parecia não ter fim e a falta de água abrasava os lábios dos soldados, numa sede devoradora que aumentava o cansaço e a fadiga. A noite aproximava-se e o tiroteio do inimigo era cada vez mais intenso; por fim aquella desdobrou o seu manto de trevas, sobre aquele punhado de valentes que rodeava a bandeira das quinas. Mousinho e Aires de Ornelas deitados lado a lado conversavam em

que requisitou, deixando algumas tropas à minha disposição para conter os Namarraís.

. . . . Meses passados no Mossuril em contínuos *raids* e reconhecimentos que permitiram a Mousinho organizar o plano da nova cam-

voz baixa examinando a situação e, reconhecendo que tinham sido atraídos pelos guias da coluna, resolviam executar a retirada como único recurso capaz de evitar um desastre.

A madrugada vem rompendo, as tropas formam ao som das cornetas e o movimento ordenado começa a executar-se. A fôrça moral do preto cresce, êste canta já a vitória que tem como certa e aperta cada vez mais num círculo de ferro êsse punhado de heróis.

Mousinho percebe a situação, olha em volta de si com ar de quem diz — isto não pode ser, sufoca-se aqui. Gomes da Costa está a seu lado, surpreende-lhe no olhar a intenção e diz, traduzindo-lhe o pensamento:

«Comandante, dê-me V. Ex.^a um pelotão que eu darei ar à coluna.»

E se o disse melhor o fez. Forma com êle a guarda da rectaguarda e em altos sucessivos, fazendo face ao inimigo, detêm com descargas à voz, o avanço continuo do inimigo e ampara a retirada da coluna deixando abrir, de cada vez, maior distância entre esta e a sua fôrça. Os homens caem

panha, com conhecimento da terra em que havia de operar, o que não succedeu na campanha precedente, porque, caso curioso, estando nós na posse de Moçambique há séculos, desconhecia-se o interior.

nas fileiras do seu pelotão mas os feridos não são abandonados e aos mortos não lhes faltam sepulturas que os próprios companheiros cavam na terra, nem as descargas regulamentares que são dadas com bala contra o inimigo. Gomes da Costa perde debaixo de si uns atrás dos outros 4 cavalos mortos ou feridos!

Chegadas as fôrças a pôrto de salvamento, Mouzinho manda-as formar e pronuncia uma pequena alocução em que diz que todos bem mereceram da Pátria e acrescenta: «Campanha das mais rudes, esta, a que acabamos de realizar, ela não é campanha para medalhas, excepção feita para a Torre e Espada que o capitão Gomes da Costa acaba de ganhar».

.....

Gomes da Costa não é só um chefe militar na guerra, é também um organizador na paz, educado na escola de A. Ennes e dos governadores Mouzinho e Freire de Andrade.

Inteligente, ilustrado e com uma vasta cultura intelectual òle é um colonial dos mais distintos que hoje temos, conhece a fundo a história administra-

A entrámos novamente em campanha e em combates sucessivos, Naguema Ibrahim, Mucuto-muno, fomos batendo os Namarrais que andavam já descoroçoados e perdidos.

tiva das colónias inglesas e tem verdadeira loucura pela obra colonial dos antigos portugueses e pela obra legislativa de Sá da Bandeira e de Rebelo da Silva.

Como jornalista a sua pena é primorosa, maneja-a com o vigor com que empunha a espada e dos seus bicos é incapaz de sair outra coisa que não seja a verdade e só a verdade.

Quem pelas colónias anda e com elas se importa, não desconhece esta vigorosa campanha jornalística que Gomes da Costa travou com a imprensa inglesa do Transvaal, a propósito da interpretação do convénio de 908, campanha vibrante de amor pátrio e da qual êle saiu cheio de glória.

Finalmente como homem o major Gomes da Costa atrai com o seu carácter franco, desprendido de preconceitos, com a sua conversa alegre e a sua delicadeza pessoal em que personifica o seu amor à liberdade verdadeira e sã.

Ao sair de Angola o major Gomes da Costa deixou nos seus habitantes a impressão duma funda saudade, e em Loanda deixa verdadeiros amigos e admiradores como o deve ter compreendido bem

Nisto sobrevem a revolta do Maguiguana em Gaza (1897) e Mousinho nomeia-me governador do distrito e para lá sigo logo, tomando posse a 23 de Março de 1897.

Estava então governador interino o capitão Massano de Amorim, bastante atacado de febres e que me entregou o govêrno. Depois de alguns dias de estacionamento no Chibuto, para onde se acolheu tôda a guarnição quando da revolta, vendo que o inimigo não desamparava as colinas do outro lado do Ribauè, onde se instalára, e apesar de Mousinho me ter dito

nas manifestações de simpatia que lhe foram feitas, desde o jantar dos seus mais íntimos amigos e o almôço da officialidade, até à mensagem assinada por todos os sargentos da guarnição e à numerosa despedida a bordo.

Em Cabo Verde para onde foi transferido, não há guerras que precisem do seu *braço às armas feito*, mas as suas outras faculdades terão largo aproveitamento no serviço da colónia e do país e ôle será um belo auxiliar do actual governador Sr. Judice Biker, porque em Cabo Verde, como em Angola, como em Moçambique e como na India, Gomes da Costa não foi nem será nunca um zero.

B. M.

para manter a situação até que êle pudesse organizar fôrças em Lourenço Marques e vir com elas, parecendo-me preferível fazer qualquer movimento ofensivo, pequeno que fôsse, a manter-me na defeza passiva, attitude pela qual sempre tive horror, saí do Chibuto com as tropas que tinha, e fui sôbre o inimigo.

Logo que me viram avançar, tomaram êles também a ofensiva; eram milhares, ocupando uma frente extensa e logo desenvolveram a sua tática ofensiva: adiantar os flancos para prevenir o dúplo movimento envolvente. Adoptei contra isso — única funcção razoável com as pequenas fôrças de que dispunha, — o quadrado. — O inimigo prosseguiu no avanço, e envolveu-me inteiramente.

Então, à fôrça de fogo de infantaria e artilharia, consegui fazê-los parar e seguidamente hesitar, oscilar, e retirar para as posições de partida. Não tinha eu fôrças bastantes para atacar uma frente da extensão que êles me apresentaram e, por isso, segui o único caminho: retirar para o Chibuto; e o inimigo não me prosseguiu, e o que é mais, depois dêste combate cessou de se entreter a raziar pelo Bilene.

A 14 de Julho chegava Mousinho, de



Lourenço Marques com as suas forças e a 21 deu-se o segundo combate de Macontene que foi decisivo, retirando o inimigo definitivamente.

Então a 1 de Agosto, Mousinho saiu levando a cavalaria e uma companhia de sipaios que eu organizara durante a minha estada no Chibuto, com landins, formosa companhia de 240 homens escolhidos nas *mangas* entre os mais fortes, enquadrados por oficiais e sargentos montados.

Esta companhia marchava sempre a passo ginástico, o passo usual dos guerreiros vátuas; vestiam apenas uma capelana vermelha com manjobo (?) de peles, e os troncos de bronze, herculeos, cingidos por uma canana branca de cavalaria; na cabeça um cofió vermelho, com uma pena de águia.

Dirigi pessoalmente a sua instrucção, com grandes cuidados, e nunca vi trabalhar melhor do que êles.

No quadrado que Mousinho formou no 2.º combate de Macontene, esta companhia por um acaso de manobra, constituiu a face da frente, e bateu-se, com fogos por descargas, à minha voz.

Quando da perseguição que Mousinho

encetou, esta companhia acompanhava sempre a coluna, e quando encurralámos o Maguiguana nos matos de Nampulaguene, senão é ela, ter-se-ia êle escapado. Não escapou, e foi morto; a cabeça cortada foi metida em alcool e exposta por tôdas as povoações para que os indígenas se convencessem de que fôra morto.

Acabou assim a revolta e começaram os trabalhos de pacificação e disciplina do distrito, trabalho árduo que me obrigou e aos officiais do distrito a uma vida intensa de mato, com absoluta carência de comodidades, e logo se fez uma larga cobrança de ouro com o imposto de palhota.

No entanto, Mousinho mal compreendido em Lisboa pelo ministro do ultramar Dias Costa, pedia a sua exoneração e com ela retiramos para Lisboa todos os governadores distritais, odiados pelo Ministério da Marinha e Ultramar, que nunca compreendeu quem servia com vontade e dedicação nas Colónias.

*

* *

Entretanto, a Companhia do Nyassa organizava uma coluna para efectuar a occupação

no interior dos territórios. Aceitei o convite que me foi feito para a comandar e parti para Pemba em Outubro de 1899.

A Companhia mandára de Londres um delegado seu, um major Spilsbury, encarregado de todas as negociações e dos preparativos para o desembarque e instalação das tropas. Spilsbury seguiu no seu *yacht*, tendo previamente mandado ao Tejo um vapor, o «Laju», onde a coluna embarcou.

Êste «Laju», um barco ignóbil, tinha servido, ao que parece, no transporte de *coolies* no Extremo Oriente. Não havia confôrto de espécie nenhuma e quanto à alimentação quasi tive saudades da galera «Viajante».

A certa altura da viagem tivemos fogo a bordo. Chegámos sem mais incidente a Pemba, desembarcando em 3 de Dezembro. Ali esperava-nos uma decepção. Não havia nada preparado para a instalação das tropas.

Passado tempo, deu-se o incidente que me obrigou a regressar a Lisboa.

Porém, para melhor compreensão dos factos que vou narrar, devo voltar uns dias atrás.

Uma bela noite em que acabávamos de passar o Canal de Suez, chamaram-me a aten-

ção as repetidas gargalhadas que partiam dum grupo de ingleses, operários, talvez contratados para a expedição. Aproximando-me, não conseguí entender o que diziam, porque falavam baixo; no entanto apreendi umas poucas de vezes as frases *major Spilsbury* e *Tourmaline Affair*.

Concluí que se falava de qualquer embrulhada ou negócio escuro a que o major Spilsbury não era estranho, mas nunca mais pensei nisso.

Um dia, no acampamento, onde eu tinha mandado içar, como de costume, a bandeira nacional, apareceu-me a cavalo, apoplético e furioso, o tal major Spilsbury, que me convida a arriar a bandeira portuguesa e içar a da Companhia com o fundamento tolo de que o território pertencia à Companhia. Recusei prontamente, o que deu lugar a uma viva discussão.

De súbito, lembrei-me da scena do convés do Lajú e sem saber mesmo o efeito que tal produziria, retorqui-lhe, berrando:

— V. imagina que se repete agora o caso *Tourmaline*?

Foi uma bomba! O homem ordinariamente

sanguíneo, empalideceu, fez-se lívido e entupiu, depois do que rodou nos calcanhares.

Horas depois recebia eu ordem do Governador para arriar a bandeira.

Não me conformando com êste absurdo, pedi a minha exoneração.

O governador, espirito acomodaticio e a quem muito convinha a sua conservação no lugar, não queria complicações e menos ainda por uma *questão minima*. . . e descoroçoado de me convencer, mandou-me passar guia de marcha.

O major inglês, porém, ficou a ruminar e reflectiu que a minha pessoa, sabedora do seu passado, que eu afinal ignorava ainda, podia constituir para êle um sério perigo, se comesse a falar em Lisboa. E veio ter comigo, oferecendo-me vantagens. Recusei e cheguei a Lisboa em fins de Fevereiro de 1900.

No caminho, tivera trasbôrdo em Aden. No quarto do hotel onde estive uns dias aguardando vapor para a Europa, havia numa prateleira uma rima de jornais velhos, a que á falta de leitura deitava mão nas longas horas que ali passei. Um belo dia, desdobrando um número do *Times* chama-me a atenção o

seguinte titulo sensacional: «TOURMALINE AFFAIR».

Li com viva curiosidade a notícia tôda, e a luz fez-se no meu espirito: Spilsbury fôra em tempos major do exército inglês e dedicara-se ao contrabando de armas na costa marroquina. Spilsbury era um corsário, e como tal foi julgado, condenado e demitido do exército; e «Tourmaline» era o nome do navio das suas arriscadas proezas.

*

* *

Passou algum tempo e começou a propagar-se em Lourenço Marques que na cobrança do imposto de palhota, por mim ordenada em Gaza, houvera irregularidades.

Efectivamente, houve-as; as irregularidades naturais após um período agitado de guerra, num território onde nunca tínhamos dominado efectivamente, e onde era preciso fazer-nos obedecer, e essa obediência dum povo selvagem e guerreiro só podia obter-se por meio da violência e de uma demonstração de fôrça.

Por isso, para que se lhes não cobrasse o

imposto, o que faziam os indigenas? Abandonavam em massa as povoações à nossa aproximação e voltavam a elas após a nossa passagem! Era uma irrisão, um desprestígio!

Mandei publicar que consideraria abandonadas as povoações onde não encontrasse gente. Não deu isto resultado: então, quando chegava a uma povoação abandonada, mandava-a incendiar.

O govêrno depois processou-me por crime de fogo posto!

Depois de queimar umas 20 ou 30 povoações, os pretos convenceram-se de que com êsse abandôno só se prejudicariam, e deixaram de fugir.

Consegui assim que ficassem, que me servissem, e pudesse transigir com êles quando não tinham dinheiro de pronto, concedendo-lhes moratórias para o pagamento, prestações, etc.

E tudo recaiu no sossêgo e na tranqüillidade.

Mas quem pagou todo êste trabalho, fui eu: acusado de crime de fogo posto, de desvio de fundos do Estado, do... grande diabo, instauraram-me um processo; e com tal infelicidade

para mim que o instrutor dêle foi um official sem escrúpulos e sem carácter, que quis fazer-se valer à minha custa: eu fôra governador; era considerado entre a população pelo meu trabalho e pelas minhas qualidades de soldado, que glória para êle poder destruir isto tudo! Forjou pois um processo com não sei quantos volumes, que ficou célebre em Lourenço Marques, e bem organizado com uma habilidade e cópia de documentação que, bem torcida, surtiu efeito.

Levou êste processo mais de um ano a organizar e durante êste tempo estive em Lisboa sem comissão, sob a suspeita das acusações que em Lourenço Marques se propalaram e aqui chegavam mais deturpadas ainda.

Um dia, recebo ordem para partir para Moçambique: parti, mas a pressão moral que sôbre mim se exerceu, arruinou-me por tal forma que ao chegar a Moçambique caí logo com uma biliosa que me atirou para o Hospital; quando melhorei, meteram-me a bordo para voltar para a metrópole, mas ao chegar a Zanzibar o meu estado era tal, que o vapor me alijou em terra. Quando melhorei e tor-

naram a meter-me a bordo, tinha apenas a camisa que vestia, as calças, as botas e um *pardessus*, um chapéu, e uma libra no bolso! Nada vi; tudo me tinham limpado.

Vim num vapor alemão e um passageiro emprestou-me umas libras com que pelo caminho comprei o indispensável.

Em Lisboa a minha família vivia com a pensão de 45 mil reis que eu lhe deixára, de forma que quando cheguei a Lisboa, nem dinheiro tinha para pagar o bote que me trouxesse a terra. Verdade seja que também não tive que gastar coisa alguma com o transporte das bagagens.

Chegado a casa inesperadamente, a minha mulher e os meus filhos, então todos muito pequenos, ficaram surpreendidos sobretudo pelo miserável do meu aspecto físico.

O pior é que em consequência das febres fiquei com a memória perdida. Não me recordava de coisa alguma; fazia a mesma pergunta vezes sem conta e isso deu lugar a incidentes risíveis por vezes, tristes doutras. Por exemplo: tinha eu um bom relógio inglês que me tinham oferecido uns engajadores de pretos para o Transvaal e que, por sorte,

deixára em Lisboa. Fui-me com êle ao Plantier da Rua do Ouro, que me declarou ser o relógio excelente e valer bem 100 libras, mas que não podia dar-me por êle mais de, — não sei se 10 ou 15 libras, — porque era objecto de venda difficilima, etc., etc.. Não tive outro remédio, e vendi-lho.

Decorridos dias, passando pela loja do homem, entrei e perguntei-lhe:

— Então o relógio?

O Plantier encarou-me um pouco surrêso:

— O relógio ainda aí está.

A isto volvi eu:

— Veja lá se o vende, Plantier, que eu preciso de dinheiro.

O Plantier ergueu-se, eriçaram-se-lhe as grandes barbas e fitou-me sem dizer palavra. O olhar do homem foi uma faisca que me chamou a memória e, vexado, saí, fui para casa e contei o que se passára.

Foram logo à loja do homem a explicar, mas êle retorquiou:

— Já sei, já sei; eu já tinha ouvido dizer que êle não estava bom da cabeça.

Passei então a andar sempre acompanhado por um dos meus filhos, até que,

melhorando, me chamaram ao Ministério da Marinha para voltar para Moçambique, para responder.

Parece que tudo isto causou uma certa impressão, porque o Ministro me disse que ia mandar arquivar o processo. A esta proposta, saltei indignado: — Isso nunca!

E segui para Lourenço Marques, em fins de 1902. Desta vez cheguei bem e fui logo responder.

O promotor de justiça era então o capitão Brito Rebelo, homem de bem às direitas que estudava o processo com tôda a meticulosidade; fez coligir documentos de contra-prova e desfez tôda a acusação a ponto do meu defensor, Viana Rodrigues, nada ter que aumentar, e pela meia noite dêsse dia fui absolvido por unanimidade e o presidente do Conselho de Guerra entregou-me a minha espada com palavras de honra e de louvor.

A sala estava cheia. Todo Lourenço Marques, que me conhecia e conhecia a miserável intriga, soltou uma ovação estrondosa que me fez vibrar e chorar. Era a reparação: levava anos, mas fizera-se.

Mas... da calúnia sempre fica alguma



Soldati del Reggimento di stanza a Bagnoli - Monumento all'eroe della guerra, il capitano Giuseppe Vico, che
fu il primo a morire nel campo di battaglia. - Bagnoli, 1918

cousa, e laivos de suspeição me têm perseguido depois, tôda a minha vida.

Voltei para Lisboa, no verão de 1903, e a minha vida retomou o seu curso normal de dificuldades.

Ainda voltei a fazer serviço de guarnição durante alguns meses; estive comandando a 1.^a Companhia de infantaria 16. Mas em 1 de Fevereiro de 1904 embarcava novamente, desta vez com destino à provincia de Angola, cujo governador era ao tempo o Eduardo Costa, um dos bravos companheiros de Mousinho e homem duma vasta inteligência e competência colonial.

Em Angola fiz algumas grandes viagens no interior, entre elas a Encoje. Em 30 de Abril fui nomeado chefe do comando militar do Humbe e ali me conservei até que fui nomeado chefe do estado maior da coluna de operações contra o Cuanhama.

.....

MACONTENE

(21 de Julho de 1897)

Era ainda noite, e bem escura, quando cabos e sargentos entraram a sacudir os homens.

— Arriba! Vamos, arriba!

— Que é? Que é?

— Arriba que são horas.

Cada qual se senta de salto sôbre a palha em que dormiu, e, olhos esgazeados, sem bem perceber do que se trata, ainda sonhando.

— Vamos, a pé, insistem os sargentos.

E, no escuro da noite, as lanternas de furta fogo riscam largos traços de luz, que fazem sair da escuridão, dorsos abaulados,

sarilhos de armas, perfis sonolentos, num furioso contraste de luz e sombra, como num quadro de Rembrandt.

Reinava essa escuridão forte, de tinta, que precede o romper do dia, e aos apalhões, os oficiais e sargentos, vão formando os homens, ainda moles do sono.

Levanta-se um surdo borborinho ao pegar nas armas, desfazendo os sarilhos, mas, pouco a pouco, tudo serena, e estabelece-se um silêncio pesado, apreensivo, silêncio de gente que desperta finalmente, e que percebe que diante de si se abre a perspectiva dum combate decisivo, em que, vencida, será completamente esmagada.

Os lábios movem-se deixando escapar um murmúrio de orações que as mães lhes ensinaram quando pequeninos, e que aos homens, só lembram nestes momentos solenes. Por cima das cabeças, no céu escuro, as estrêlas empalidecem e apagam-se uma a uma, ficando só a Estrêla de alva, viva e scintilante.

De súbito há um certo movimento de gente, ruídos de vozes, sombras passando dum para outro lado.

— É o café. Ai vem o café.

E um riso abafado, de gago, percorre as fileiras, ao tempo que os púcaros de fôlha chocam os punhos dos sabres.

— Que bom! Está quente. . .

— Está tudo pronto? grita alguém.

— Pronto, respondem de vários lados.

— Em marcha!

Erguem-se vozes de comando, e segue-se um ruído surdo de passos cadenciados, pesados, que levantam poeira.

A escuridão é grande, mas percebe-se, através dela, confusamente, a coluna em marcha, — duas extensas fileiras claras, uma a cada lado da estrada.

Há hesitações, paragens bruscas, choques; esbarra-se com o nariz nas costas do camarada da frente. De súbito um choque maior, as filas atropelam-se.

— Que é? Que é?

— É o rio; o Chengane.

— Ah! o Chengane.

E a marcha prossegue; atravessa-se o rio a dois de fundo, sôbre a ponte improvisada, que verga sob o pêso da gente, e passada ela, alarga-se o passo, corre-se para cerrar sôbre a frente.

— Cerra! Cerra sôbre a frente!

O capim, alto e grosso, dificulta a marcha. A noite é mais escura agora, nestes momentos que precedem o alvorecer; as duas fitas, uma a cada lado da estrada, vão serpeando sempre; de quando em quando, deslisa por entre as duas fitas o vulto elevado, que na escuridão se afigura gigantesco, dum ajudante de campo.

— Cerra, cerra sôbre a frente!

— Brrr! que frio! estou a tiritar.

Ninguém responde. Não é a ocasião das brincadeiras, dos ditos alegres e picantes. Pesa um grande silêncio apreensivo; os olhos, muito abertos, procuram furar as trevas.

Ao longe, um pouco sôbre a esquerda, começa a branquear o céu e a Estrêla da manhã a empalidecer; pouco a pouco, sai da escuridão a linha de outeiros baixos que circunda a planície, e entram a distinguir-se as árvores isoladas, e os auxiliares que a 200 ou 300 passos flanqueiam a marcha; e a bandeira nacional que flutua por sôbre a coluna, agitada pela aragem matutina.

— Já se vê o Limpopo ali para a esquerda.

— Marcha! Marcha, e cerra sôbre a frente.

Sôbre a linha baixa dos outeiros, divi-

sam-se agora erguidos verticalmente para o céu, longos penachos de fumo das fogueiras do inimigo; e, por fim, já dia claro, aparecem grandes manchas negras, correndo, reunindo-se, alastrando, dividindo para se tornarem logo a concertar, como um gigantesco formigueiro sôbre o qual, alguém tivesse lançado uma brasa de lume.

— Lá estão êles! Lá estão êles! dizem os soldados.

— Estão a correr!

— Ena Pai! Tantos!

— Já nos viram, estão a formar!

Há uma sensação maior de frio; um arrepiosito percorre a coluna vertebral. Os peçoços alongam-se, os olhos dilatam-se, procurando avaliar, contar o inimigo.

— Ena tantos!

— Ora; também eram muitos em Coolela e em Marracuene.

— Olha a formarem! Parecem brigadas!

Nisto, de dentro da coluna eleva-se uma voz:

— Alto! Formar quadrado!

E logo se multiplicam as vozes de comando de todos os lados:

- Alto!
- Em frente!
- Frente à esquerda!
- Cerra mais!
- Alinha bem!

Um borborinho de manobra feita à pressa; os couces das armas batendo no chão, e a artilharia a meter em bateria nos ângulos.

Ràpidamente, a coluna de munições entra para dentro do quadrado, e os auxiliares estendem-se no chão, em volta dêle, cosidos com a terra, como a quererem incrustar-se nela.

E do lado de fora do quadrado, passa o chefe do estado maior, no seu cavalito pigarço, um típico chapéu, meio tirolez, na cabeça, uma verdasca em punho, procurando ver melhor o inimigo e reconhecer-lhe a fôrça e intenções.

Estabelece-se um grande silêncio, o silêncio dos momentos solenes.

Respira-se com dificuldade, os olhos não desfitam o formigueiro gigantesco que não cessa de remexer!

Agora, as formigas, dividem-se em três colunas, três extensas fitas negras que escorrem pela encosta, na direcção do quadrado, e

das quais o sol nascente incidindo nas azagaias, tira faíscas.

São três extensas linhas, grossas, intermináveis e confusas, cheias de pontos brilhantes, que vão descendo dos outeiros, como três rios caudalosos; distinguem-se já os grandes penachos de penas de avestruz, negras e brancas, os escudos de couro cru, ovais, da altura dum homem, as azagaias de pontos brilhantes, levantadas acima das cabeças.

Nos intervalos dessas colunas, linhas de atiradores, armados de espingardas e que começam a soltar tiros.

— Carregar!

Um ruído metálico, sêco, de culatras que se abrem e se fecham com um certo nervosismo.

Nem uma voz no quadrado; silêncio profundo, que deixa ouvir o ruído surdo dos pés do inimigo batendo com fôrça o terreno, como cavalos.

A distância entre êles e o quadrado, vai diminuindo, vai diminuindo, e o rumor surdo dos pés aumentando.

— Apontar!

E uma linha de canos de espingarda estende-se em volta do quadrado.

O rumor dos pés, agora, é já trovoadas, e, de súbito, ouve-se um clamor prodigioso:

— Famba! Famba!

E a velocidade da carga aumenta; as três colunas já não marcham, voam; os penachos erguem-se verticais nas cabeças, quási duplicando a altura dos homens.

— Famba! Famba!

Milhares de vozes repetem o grito, que alastra formidável pela planície como o ribombo dum trovão.

A distância diminui, engolida pelos pés do inimigo; são apenas 300 metros, são 200, são 100, . . . as mãos dos soldados apertam nervosamente a arma, os dedos estão prestes a premir os gatilhos, mas a disciplina contém-os; e as torrentes inimigas progridem, os seus gritos são já tempestade, e sente-se o vento da sua marcha temerosa. . . o intervalo é apenas de 50 metros. . . o nervosismo dos nossos homens atinge o máximo; trava-se uma luta terrível entre o sistema nervoso e a disciplina que dura segundos e parece durar séculos.

Mousinho, ao centro do quadrado, erecto sobre o seu cavalo como um cavaleiro da

Idade Média, a aba do chapéu carregada sôbre o lado, o pescoço estendido, a bandeira nacional flutuando-lhe por cima da cabeça, domina o quadrado como um deus da guerra contendo todos aqueles nervos, tôdas aquelas energias, tôdas aquelas fôrças prestes a desencadear-se e, naturalmente, gosa êsse momento único, em que a vontade dum homem domina a vontade de centos doutros homens, êsse momento em que está absolutamente senhor das vidas de milhares, dêsse momento único que representa o mais absoluto poder humano, — o de matar.

E com a sua voz sêca, aguda, enérgica, solta a terrível ordem:

— Fogo!

Uma chama envolve por um momento todo o quadrado, seguida dum estrondo terrível, formidável, homérico, que faz tremer a terra; e logo a seguir as vozes dos comandantes dos pelotões:

— Carregar!

— Apontar!

— Fogo!

E as descargas sucedem-se como num exercício, regulares, metódicas, envolvendo o quadrado numa nuvem de fumo.

As vozes de *fogo e carregar* multiplicam-se, confundem-se, enroscam-se, breves, sêcas, ordens de morte e de extermínio, dadas por quem não quer ser exterminado.

E o estalejar formidável das descargas, que se sucedem ininterruptamente, prolonga-se num delírio, num frenesi, por entre as nuvens de fumo espêsso, até que o som estridente, agudo duma requinta domina todo o barulho, mandando cessar fogo.

Segue-se uma pausa, um silêncio profundo e solene, os olhos procurando debalde ver através do fumo. Mas pouco a pouco êste dissipa-se.

E o inimigo? que é dêle? Grupos dispersos, correndo a tôda a velocidade, a procurar um refúgio por detrás da linha de outeiros donde tinham partido. E, em redor do quadrado, a 50 passos, montes negros de cadáveres, marcam o limite máximo da marcha de ataque do adversário.

— Cavalaria para a frente! ordena a voz sêca de Mousinho.

A face da rectaguarda do quadrado abre-se, e Mousinho, à frente da cavalaria, lança-se a galope pela planície.

— Avante! Avante! E os cavalos rijamente esporeados, saltam, encabnitam-se e largam a galope de carga.

— Avante! Avante!

E os cavalos tomam um galope fantástico, voam, para alcançar os grupos inimigos que por um momento, fazem meia volta e tentam fazer frente. Debalde! Num momento a cavalaria varre a planície e o inimigo dispersa, pulverisa-se, e põe o Limpopo entre si e os seus perseguidores.

.....

Então Mousinho volta para o quadrado, a passo. Estava terminado o combate; estava assegurada a Vitória; e, nesse momento, sem ordem, nem direcção, espontânea e sincera, a Alma Portuguesa expandiu-se no mais estrondoso Viva a Pátria! e Viva Mousinho! que jamais soou em campos de batalha portugueses.

Com os chapéus nas bôcas das armas, e estas levantadas a tôda a altura para o céu, a coluna tôda repetiu:

— Viva Mousinho!

— Viva a Pátria!

Os peitos dilatam-se, os pulmões enchem-se

de ar, e os olhos marejados de lágrimas, fitam êsse farrapo de seda azul e branca, — símbolo da Pátria distante, — que tremúla e esvoaça numa agitação alegre, como que satisfeita por flutuar por cima de tanto coração sinceramente patriota, de tanto coração valente.

E todos nos fitamos uns aos outros numa grande emoção, felizes por nos vermos vivos, mais felizes ainda por termos vencido o terrível inimigo e contribuído com mais uma vitória para a glória do nosso Portugal.

.....
O sol que víamos nascer e nos inundára de luz radiante, iluminando a batalha, declinava agora para o ocidente indo levar a Portugal a mesma luz com que iluminára a batalha...

Era uma dessas mavilhosas tardes africanas, suaves, doces, serenas, impregnadas dum não sei quê de religioso e grande.

A coluna em passo lento avança por entre o capim, percorrendo em sentido inverso o caminho que de manhã fizera.

Cada homem, mudo, concentrado, medita nas horas de vida que acabam de correr com a rapidez de minutos, e que nunca mais esque-

cerão, deixando na alma uma saudade indizível.

Na frente, as grandes manadas de gado apreendido ao inimigo, guiado por alguns cavaleiros; a seguir, os auxiliares entoando a famosa canção de guerra:

— Mimebam, Mimapanse comejab; Mimebam!...

E depois, a coluna, silenciosa; cada soldado com o coração satisfeito, a consciência tranqüila pelo cumprimento do dever, uma faísca de comoção nos olhos, ao fitar a bandeira que flutua por cima de tôdas as cabeças e que simboliza a Pátria distante...

E ao lado dela, a figura sêca, sombria, épica de Mousinho, hirto na sela, a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, o olhar fito no céu de oiro e púrpura como a prescrutar o futuro, êsse futuro tão prometedor de glória, que uma pequenina bala despedaçou!



Generais Gomes da Costa, Tamagnini de Abreu e Hacking,
comandando o XI Corpo de Exército Britânico — Bethune, 1917



Los Diputados de Valencia: (extremo de la Izquierda, Presidente) de (centro) don Puchades, (extremo de la derecha) don Puchades, (extremo de la Izquierda) don Puchades, (extremo de la derecha) don Puchades.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

DO CHINDE A TETE

A *Chire*, uma lancha a vapor da Companhia da Zambézia, está amarrada á margem, e para ela trepo, com dificuldade, por uma prancha inclinada uns 50 graus, e ajudado por dois pretos beneméritos.

Êste acesso para o vapor da Companhia, por uma prancha dum palmo de largura, quási a prumo, escorregadía, onde a gente tem de agarrar-se com pés e mãos, unhas e dentes, é uma síntese da Companhia da Zambézia; por mais que nos agarrêmos, escorrega-se sempre, e só com milagres de equilíbrio se consegue não morrer afogado. — Bate certo.

É já tarde, quando largamos do Chinde umas 6 da tarde do dia 10 e vamos navegando até Morrromeu, onde atracamos às 8 da noite de 11; e em etapas sucessivas por Chairua, Murrima, Mussongue, Villa Bocage, Matarára, Cinjal, Chiramba, Ancuaze, Tambára, Supata e Massangano, chego a Tete às 6 da tarde de 19; e assim fomos passando do Chire, para o Ziue-Zue e dêste para o Zambeze.

O rio corre rápido e barrento, sujo pelas chuvas recentes. Ao meio do seu leito, fiadas de pequenas ilhas côr de esmeralda. As margens, baixas e argilosas estendem-se em várzeas verdejantes e férteis, até entestar com o sopé das montanhas cobertas de arvoredos e rocha.

Manchas de palmares, dum verde sombrio, interrompem a regularidade monotonamente plana das várzeas, formando densas manchas escuras, franjadas de estrêlas.

Incrustadas nesse verde sombrio, grupos de palhotas, dum tom amarelo torrado, espreitam o rio, gozando a frescura da sombra protectora das palmeiras; aqui e além, no meio da planície descoberta e alagadiça, palhotas erguidas sôbre estacarias, como primitivas

habitações lacustres, grandes *cegonhas*, de plumagem côr de neve com reflexos prateados, riscam o ar com um traço branco, quasi luminoso; cavalos marinhos, surgem à superfície da água resfolegando com fôrça, expelindo nuvens de vapor aquoso pelas bôcas escancaradas e tintas dum côr de rosa vivo: por cima das nossas cabeças, o céu, uma soberba cúpula dum azul claro, luminoso, radiante, manchado para os lados do sul, por grandes nuvens brancas, densos *algodões* amontoados, franjados de ouro e carmim. E envolvendo tôda a paisagem, — a terra e o rio, os palmares e as montanhas, — um silêncio religioso, o silêncio da natureza em repouso, o silêncio da terra oprimida pelo sol pesado e ardente, e que, ansiosa e sofreada espera pela fresquidão refrigerante da noite, afim de continuar o seu trabalho de fecundação.

O pequeno vapor, o *Chire* cansado e asmático vai deslizando, como pode, com um fragor terrível da máquina desconjuntada vencendo com lentidão a corrente; de cada lado sobraça uma barcaça cheia de pretos: no dorso ferrado meio cento de monhés; e os porões regorgitam de milhões de baratas, que

ameaçam devorar passageiros, carga, navio, e até sorver o próprio rio.

Jesus! Que nunca vi tanta barata junta!

Saem pelas frinchas do taboado, aos borbotões negros e revoltos, como torrente caudalosa, num fervilhar redemoïnheiro, negro, viscoso, lusidio, repugnante; penetram nas malas e caixas, devoram livros e roupas e se também nos não devoram a nós é porque não há quem se arrisque a passar a noite num beliche.

Fugindo do camarote, o infeliz passageiro do *Chire*, cái noutra vespeiro não menos repugnante que as baratas, — os *monhês* espojados por todos os corredores, estirados em tôdas as táboas, acocorados sôbre tôdas as caixas.

Assim como as baratas, também os *monhês* inundam o navio; saem dos porões, como elas, aos borbotões, alastram-se pelo convés, e como um rio caudaloso a que rebentaram os diques, transbordam, alastram, rodopiam, e vão invadir os camarotes, onde por fim param, e ficam de cócoras, coçando com lentidão os pés e os sovacos, o olhar parado e vago, a ruminar alguma malandrice mercantil;

os fundos das sujas calças de algodão pendentes, a socar no chão, como úberes esvaçados de vaca sarnenta, a cara luzidia de banha e mar, exalando um cheiro especial, nauseabundo, doce, almiscarado, o *cheiro a monhé*.

*

* *

Corrido do camarote, corrido do convés, procuro refúgio na tolda; puro engano! baldado empenho!

Aos lados do pequeno vapor, e a êle ligados, seguem duas grandes barcaças cheias de pretos que voltam do Rand; não contentes em nos mimosear com o característico cheiro da raça, fazem à proa das barcaças, grandes fogueiras, onde dia e noite, cozem farinha e assam peixe sêco; e como há uma barcaça de cada lado do navio, e a lenha é verde, seja o vento da direita, seja o vento da esquerda, o fumo da lenha e dos *guizados*, invade fatalmente o vapor, defumando conscienciosamente os *restos* dos passageiros que escapam à voracidade das baratas.

E assim, por todo o navio, só se vê gente

ratada, e defumada, como presuntos ao fumeiro, com os olhos cheios de lágrimas, o rosto franzido em caretas terríveis, e o estômago em contracções horrorosas.

*

* *

A sineta toca para o jantar.

Uma dúvida horrível me atravessa o cérebro... Iremos também comer baratas de fricassé ou chupar ossos torrados de monhé?

Não! Sossega espírito! A Companhia da Zambézia é generosa! Não teremos só baratas, não; não teremos só monhé, não; mas ainda ossos de galinha e ossos de cabrito, e pêlos de cabrito e penas de galinha, e isto para nosso gozo e recreio, sempre, e todos êsses longos dias de viagem, isto é desde 10 até 19.

Dez dias inteiros rieste delicioso regimen alimentar. Abençoada sejas tu, ó Companhia da Zambézia, ó Companhia providente e generosa, ó Companhia de monhés!

A fruta, a clássica banana, acabou logo no primeiro dia de viagem, — não fôsse ela fazer-nos mal, — e fiadas de ananazes raqui-

ticos e agressivos, metidos a bordo, como refresco, na Muterara, passam a viagem pendurados na tolda para amadurecerem, e ao chegarmos a Tete, ainda estavam mais verdes que dantes.

A água que se bebe, do rio, por filtrar, quente e pegajosa, serve de vomitório, e o vinho, também a ferver, e com um delicioso sabor a *casco*, dá aos estômagos dos viajantes a delicada acidez e a elegante tumefacção peculiar aos estômagos dos colonos, que havia em África há uns 50 anos.

A noite desce pesada e húmida: caem bátegas de água que tornam o convés inabitável, desço à procura do meu camarote.

Terrível aventura esta em que me meti! Medonha emprêsa digna de figurar entre os fabulosos trabalhos do Hércules da Fábula! O maior empreendimento da minha vida.

Às escuras, apenas desço a escada, ponho o pé sôbre um monhé, que rebenta como uma barata, e que ainda depois de estoirado, se põe a berrar como um possesso; dou um salto e caio sôbre outro monhé que fica achatado no solo; espavorido, já não sei o que faço, piso os monhés todos, em saltos de

gafanhoto, arripiado pelos guinchos, até que alcanço a porta do camarote, onde chego, cheio de caneladas, com três galos na testa, um braço escoriado, e os ouvidos em sangue pelo còro de guinchos, de pragas, de gemidos, de *bári-qui-bári-qui-bárá*, de *ká-ká-rá kás-kás*, dos monhês furiosos, espesinhados, em convulsões.

Entro de roldão pelo camarote; mal caibo nele; aos apalpões, encontro o castiçal; raspo um fósforo, acendo a vela, e à sua luz frouxa e dúbia diviso dois beliches; num dêles está já deitado um homem; receio... será ainda algum monhé? Não, não é um monhé, é um branco, com as suas barbichas de Cristo e o aspecto dum morto.

O calor é de sufocar, e pelas frinchas da porta, que os monhês raivosamente fecharam, apenas entrei, e únicas aberturas do camarote, penetra um ar, impregnado das exalações nauseabundas e características daqueles beneméritos filhos da... Índia, restos sujos de gente. Instalo-me no beliche e fecho os olhos com muita fôrça, para ver se adormeço depressa.

Do lado de fora vem um barulho ensur-

decedor; os monhés, na sua áspera algaravia *bári-qui-bári*, cantam agora melopeias arrastadas e chorosas, com muitos *Ah! Ah! Ah!* arrastadas e *ih!* *ih!* *ih!* agudos como asso-bios, enquanto outros contam histórias ou fazem projectos.

Nisto, a vela que eu conservo ainda acesa, impelida pela mola do castiçal desconjuntado, salta, e vem espetar-se-me na cara; fico às escuras, e as baratas, até então contidas em respeito pela luz, saem dos buracos, avançam em batalhões cerrados por mim acima, e vem acariciar-me os olhos e a bôca, com a delicada titilação das suas barbas.

Sinto-me devorar; salto do beliche, enfio as botas, faço saltar a porta com um encontrão, vôo pelo corredor, espavorido, atropelando a monhésada, que estala aos guinchos, sob os meus butes ferrados, e subo à to!da.

Aspirei com fôrça o ar húmido da noite, mas fiquei sufocado pelo fumo das fogueiras dos pretos; engasgado, a tossir, com o estô-mago em contracções, desanimado, perdida tôda a energia, e sem fôrça moral, atirei comigo para o chão, disposto a deixar-me morrer, fôsse como fôsse,—à fome, devorado pelas

baratas, envenenado pelo cheiro de monhé, ou sufocado pelo fumo.

E para ali fiquei estatelado, como morto, até que o sol me veio dizer que era já dia.

Quis lavar-me; a água na tina de banho, era negra e viscosa; desisto...

Nove longos dias durou esta peregrinação, do Chinde a Tete, e durante ela, cem vezes me quis parecer que na ponte da *Chire*, estava gravado o verso que Dante esculpiu na porta do Inferno. — *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*.

MAJOR GOMES DA COSTA.

O 5 DE OUTUBRO VISTO DE MUITO LONGE

O franquismo, foi o precursor da República. Nele se refugiaram todos os elementos que supuseram ser possível salvar o país dentro da Monarquia; mal orientados, porém, e cegados dos erros, preocupações e preconceitos dos partidos monárquicos, que pertendo século governaram alternadamente o país, nem compreenderam a situação, nem acreditaram, como seria mister na grandeza e na força do homem que à frente do movimento se pusera, e que no momento psicológico se demonstrou fraco — João Franco.

Houve um homem que, melhor do que

ninguém, viu e compreendeu a situação: foi Mousinho de Albuquerque. Quis acudir-lhe, quis meter os ombros debaixo do trono para o escorar, desfeitearam-o; e, quando viu, quando compreendeu que era o próprio Rei que não queria ser salvo; quando se convenceu da podridão política em que chafurdavam os partidos; quando se compenetrrou da indiferença estúpida do Povo por tudo quanto fôsse administração pública; quando viu a Nacionalidade perdida, sem remissão, enquanto à frente dos destinos do país estivessem os partidos rotativos monárquicos; Mousinho, descrente por fim, na Revolução que queria fazer dentro das Instituições, intransigente em princípios, e não querendo desonrar o seu passado com uma mentira, Mousinho suicidou-se.

E como o Povo, apático, indiferente, rombo, — resultado do secular regime de opressão e estupidez a que estava submetido, — nunca compreendeu essa grande alma antiga, contentou-se com as explicações vagas, insidiosas, infames que lhe deram da sua morte, e o Povo esqueceu Mousinho, como esquecerá os outros heróis mais antigos.

Porque, aos dirigentes dêste País, nunca agradou, nunca conveio que o Povo conhecesse e honrasse os seus homens de carácter, porque lhes não convinha que se estabelecesse um termo de comparação que salientasse e pusesse em evidência, os seus processos desvergonhados; e, assim, os dirigentes políticos lançaram a calúnia e a infâmia sôbre Mousinho, como a lançaram sôbre o Rei, como a lançaram uns sôbre os outros.

O franquismo foi o precursor da República; preparou o terreno, mostrando, evidenciando, tornando palpável e inequívoca a podridão dos partidos monárquicos rotativos, a corrupção da política portuguesa, que conseguiu infiltrar-se no Paço, apoderando-se da Côrte; o Franquismo veio evidenciar a falência moral dos governantes, a falência de caracteres, onde o servilismo ignóbil andava de mãos dadas com a cobardia, a pouca vergonha e a gatunice.

Nunca nos últimos anos houve neste país um homem com a fôrça e as oportunidades de que João Franco dispôs. João Franco, porém, não era o Homem, não era o Messias esperado; produto do meio político, não podia deixar de ser fraco, embora fôsse sinceramente

honesto; e por isso, João Franco, forte a princípio, quebrando as resistências com a força e com a energia, cansou em pouco tempo, fraquejou precisamente quando precisava ser mais forte, acobardou-se quando mais precisava de valor, escabujou às cegas, debateu-se na teia que os inimigos lhe teceram arditosamente, e sucumbiu quando mais precisava de lutar.

Em 1 de Fevereiro, quando mataram o Rei, teve João Franco a melhor oportunidade de remediar todos os erros, — os dos outros e os seus, — não teve, porém, coragem; faltou-lhe a energia.

Tremeu diante da grandeza da sua missão, que nesse momento histórico lhe apareceu tal qual era, acobardou-se diante do sussurro da multidão movida pelos agitadores, sucumbiu diante do desespêro da Rainha e das invectivas da Côrte.

Faltou-lhe a energia para mandar, quando mais dela precisava, faltou-lhe a energia para mandar calar a côrte espavorida, faltou-lhe a energia para aproveitar o exército que, até então, estava todo com êle, para a fazer, êle, a Revolução dentro da Monarquia, para escorraçar de vez a política que nela se introduzira, e

corroia o trono, para escorraçar de vez da política os Josés Lucianos nefastos que vendiam o País e para expulsar dele a reacção absurda que nos últimos tempos levantava cabeça e açambarcava o Paço e o Poder.

E assim, salvava a Nação, e salvava o Trono.

O ditador não estava à altura do seu papel; em vez de mandar, subordinava-se às conveniências particulares dos chefes dos outros partidos; em vez de fazer política liberal, rasgada, nobre, procurou lutar em astúcia com essa rapôsa matreira chamada José Luciano; em vez da política grande e verdadeira, que êle chamava — à inglêsa, — fez política china, com mandarins e rabichos.

Não soube aproveitar as suas faculdades superiores, — porque as tinha evidentemente, — não soube aproveitar homens, — porque os teve, — não soube aproveitar o Povo, — que muito tempo esteve a seu lado, — não soube aproveitar o Exército, desejoso de trabalhar pela Nação; não soube aproveitar nenhuma das fôrças vivas do País, e, por isso, ficou isolado, abandonado de tudo e de todos, mal com o rei, mal com o povo, mal com o exér-

cito e mal com a burguesia. E esta alienação de simpatias, e esta alienação das fôrças vivas levaram exército, povo, burguesia, todos emfim, à descrença no Messias, e, portanto, permitindo que a Revolução se fizesse com meia dúzia de homens.

E nem Exército, nem Povo se moveram para defender a Monarquia da República, como amanhã se não moverão para defender a República do Radicalismo ou do Anarquismo, porque a República, como está, mentiu às suas promessas, porque a República, como caminha, não passa de mais um partido análogo ao dos Regeneradores e Progressistas, com os mesmos processos, os mesmos sistemas, a mesma tacanhez de ideias.

A culpa não é das instituições; tôdas são boas desde que haja homens bons: e a crise portuguesa é de homens.

Exausto pelo árduo trabalho dos descobrimentos, da Conquista, da exploração ultramarina, a que se seguiu a miséria da administração constitucional, o País, precisa de alguns anos de paz, sob uma administração honrada, activa, enérgica e digna, para se refazer; precisa de *orientação*; precisa de homens leais,

crentes e dedicados que o eduquem, que o ensinem e que varram todo o lixo da política caseira; precisa expulsar, aniquilar o scepticismo e a descrença num futuro melhor; precisa destruir, eliminar, quantos por prazer, ou por espirito doentio, procuram amesquinhar a Nação; precisa, fazer com que todos se interessem pelo progresso e pela felicidade do Povo, — isto é, de todos nós, — batendo, destruindo, aniquilando a mentira, a ignorância, a maldade, a vaidade e as ambições vis.

*

* *

Foi o *indiferentismo* que derrubou a Monarquia e arrastou o País ao lodaçal em que ainda chafurda, e será o indiferentismo que o há de aniquilar de todo.

O *indiferentismo*, é a consequência da *descrença*, e essa descrença é que levou os partidos monárquicos a facilitar a revolução, e essa descrença levou o Exército a cruzar os braços quando a Monarquia que nele confiava, dêle esperava a salvação, e essa descrença levou os próprios chefes revolucionários ou a

suicidarem-se ou a abandonar as barricadas no dia da revolução.

Um único homem em todo êste País era *crente*; e bastou que êsse homem *acreditasse* com convicção, com fé, com sinceridade, para vencer, bastou que êsse homem, cresse, para a revolução vingar. Do lado oposto, havia um outro crente, um único; e, êsse lutou, e êsse manteve-se de pé, até o momento em que descreu. Deixando, assim, de crer, a Monarquia estava condenada a morrer. Porque o episódio da Galiza, em que o nobre Paladino se empenhou, era apenas um esforço humano, sem fé nem *crença*. Desde que se duvida, acaba a crença e sem esta não há salvação possível.

E, assim, a Monarquia sucumbiu, porque ninguém nela cria já.

E, agora, gentes, que êste episódio da História portuguesa aproveite. É preciso crer, para salvar a Nacionalidade; creiam nalguma coisa! Creiam na República; creiam seja no que fôr, mas por Deus; creiam para salvar a Nacionalidade.

Foi com uma forte crença em Deus, que os nossos antepassados talharam uma Pátria; foi

com uma forte crença na Fortuna, na Riqueza, na Glória, que percorreram os mares, sondaram os abismos, descobriram tôda a Terra; seja como uma forte crença no futuro, que consigamos rejuvenescer a nossa Pátria e formar um Portugal maior.

Creiam nalguma coisa, porque com indiferença e scepticismo não se salvam Nacionalidades. Vejam a Revolução. Que foi? Uma fuga; uma debandada! Fugiu tudo! Fugiram monárquicos, fugiram republicanos, fugiram todos. Decadência moral! Descrença!

E bastou que apenas não fugisse um homem; bastou que um só homem ficasse no alto da Avenida, encostado a uma bandeira verde e vermelha para que essa bandeira ficasse erguida desafiando tudo e todos. Foi a crença dêsse homem que venceu e assim se fez a República.

*

*

*

Estou longe bem longe de Portugal. Dali saí no próprio dia em que assassinaram o Rei D. Carlos — 1 de Fevereiro de 1908. De longe

tenho assistido a todo êsse drama de que Portugal foi teatro, e cujo ruído chegou até mim; não tomei parte alguma nele, e, portanto é com sangue frio, sem paixão nem ódio, que analiso os sucessos. Boa ou má a minha crítica parte apenas do meu sentir próprio, despojado de influências estranhas; é como uma análise feita a anos de distância. Escrevo sem preocupações de mêdo nem de política, que não as tenho. Sou Português, Soldado, e nada mais, mas como Português creio; creio no futuro da minha Pátria, desde que todos nos esforcemos e *queiramos um Portugal maior*.

Com a extensão do nosso Império Colonial, com os recursos e riquezas latentes no nosso País, podemos ir preparando a geração actual, talhar uma situação próspera e desafogada para a nossa Nacionalidade.

Eu creio, e como um verdadeiro crente, em pouca conta tenho a minha própria vida, átomo imponderável dessa massa enorme de cinco milhões de vidas, desde que possa contribuir mesmo numa quantidade infinitamente pequena, para a prosperidade geral. Que todos pensem assim, que todos se sacrifiquem pelo bem comum, — lançando de si o egoísmo feroz que

aniquila hoje em dia as Nacionalidades, — e o Portugal maior aparecerá no futuro, com as proporções gigantescas que teve no Passado.

*

* *

De longa data, a falta de seriedade e patriotismo dos partidos políticos, a anarquia dos serviços públicos, e, sobretudo, a descrença geral, vinham desmoralizando o País, e destruindo o indispensável respeito ao Povo, pelos seus dirigentes.

Na imprensa diária, nas discussões do Parlamento, nos Comícios, nas singelas palestras dos cafés, os *políticos monárquicos* demoliam o regimen, attribuindo-lhe tôdas as culpas da desordem, da indisciplina, da desorganização e da immoralidade gerais, e de que, só êles, os políticos, eram culpados.

Á longa indiferença do Povo, cansado das lutas civis que o Constitucionalismo travara para se implantar, à sua descrença nos partidos políticos, que tanta vez o enganaram, a ponto de dêles dizer, — tão malandros são uns,

como outros — succedeu por fim, a surda exasperação precursora dos actos de desespero, e consequência da miséria com que o Povo lutava.

El-Rei D. Carlos subiu ao Poder com um sincero desejo de bem servir o País, como succede a todos os que, novos ainda, entram a exercer qualquer cargo. Liberal, e querendo governar com os principios liberaes, crendo na sinceridade dos chefes dos dois partidos monárquicos existentes, limitou a sua acção a fazer alternar êsses dois partidos no poder, esperando que êles, pela emulação, e sincero desejo de bem servir o País, se desempenhassem dos seus deveres, com consciência.

Mas, os dois partidos, por igual corruptos, e divorciados da grande massa da população, paciente e laboriosa, alternavam-se, apenas, para usufruir o poder durante algum tempo, distribuindo os bons empregos do Estado pelos amigos, sem atenção pelos interêsses reais do País e da Monarquia.

Os políticos, em Portugal, constituiram sempre uma casta, com os seus dependentes e parasitas, zumbindo em volta dos doces, e nos quais o povo deixava sugar nos favos à

vontade, com tanto que não metessem tanto o ferrão que fizessem sangue.

Nestas circunstâncias, as ideias democráticas e liberais não podiam ter melhor campo para se desenvolver do que entre a minoria ilustrada, mais educada, e naturalmente afastada dos partidos políticos rotulados.

Durante algum tempo, essa minoria, compreendendo o estado de atrazo da massa popular, e receando que uma tentativa revolucionária provocasse um desastre para o país, manteve-se no campo do sectarismo e propaganda platónica, e o Republicanismo foi assim, abrindo caminho, lançando raizes sobretudo no Pôrto, cuja rivalidade com Lisboa, o tornava campo propício para a opposição. Pouco a pouco, à medida que do número de vivos desapareciam os grandes republicanos, platónicos, tomaram-lhes o lugar outros, mais novos e mais impetuosos, até que o partido republicano se resolveu a entrar abertamente na luta, materializando as doutrinas e atirando para cima do Rei com as culpas que os partidos monárquicos, na opposição, descobriam ou inventavam.

E tão imprudentes e inconvenientes eram

os ataques dêstes partidos, que a situação do Rei, chegou por vezes a ser insustentável e comprometedora, como quando o acusavam de ladrão, ou o que vem a ser o mesmo, de *capa de ladrões*.

Quando do ultimatum inglês de 1890, a propósito de Manica, os partidos monárquicos na opposição, manifestavam a mais completa deslealdade para com o Rei, arrogando-se, até, o monopólio do patriotismo, e lançando para cima do Rei com a antipatia do Povo pelo Tratado, e reunindo, assim, o Rei e a Inglaterra nos mesmos violentos ataques e insultos, o que chegou a ponto de forçar o Rei a recusar a Jarrêteira que a Rainha Vitória lhe oferecera.

Desta política partidária nasceu a revolta do Pôrto de 31 de Janeiro de 1891.

A maior parte do Exército, porém, não estava iniciada, a massa do Povo era indiferente, e a Revolta, portanto, fracassou. Foram deportados uns 800 indivíduos, suspenderam-se as garantias, cortou-se a liberdade de imprensa e adoptaram-se outras medidas de rigor, o que tudo recaiu, como de costume, sôbre a responsabilidade real. Chegou a dizer-se que o Rei se

opunha à anistia, que o govêrno quis dar, anistia que foi finalmente concedida em 1893, e em ocasião que em vez de produzir acalmção produziu descontentamento!

Agravou-se, por então, a questão financeira então como hoje o mal principal do País, e a corrupção, natural consequência do rotativismo dos partidos políticos no poder, e a apatia ou indiferença do Povo, fizeram o resto.

Senhoras altamente colocadas, políticos em evidência, usufruíam sinecuras e pensões por serviços imaginários ao País; as repartições públicas regorgitavam de funcionários inúteis e incompetentes, e as fôlhas de vencimentos continham maior número de nomes de funcionários que nunca iam à repartição.

Tôda a máquina governamental chiava, enferrujada pela corrupção e era ainda o Rei quem carregava com as responsabilidades dêstes factos, como carregava com as das despesas que se faziam por ocasião de recepção de soberanos estrangeiros.

E, contudo, a fortuna pessoal do Rei, que era grande, desaparecia para acudir às necessidades da clientela que o rodeava e à família real.

A lista civil subira de £ 112.000, num orçamento geral do Estado de £ 13.000.000, e a divida externa que em 1896 ascendia à fabulosa soma de £ 148.500.000, subira, ainda, em £ 150.000.000 em 1905.

Em 1892 a situação financeira fôra tal que o govêrno declarou a bancarrota, tendo que entrar em negociações com o *Council of Foreign Bankholders* de Londres, resultando delas uma fiscalização permanente aos actos do govêrno, pelo conselho, que para isso estabeleceu um comité especial em Lisboa.

Nesta deplorável situação, agravada por um funcionalismo incompetente, madraço e mal remunerado, e pelo esbanjamento das economias da população rural, laboriosamente adquiridas, o descontentamento geral não podia deixar de existir, embora o Povo ignorasse como dar-lhe remédio.

Os políticos, uns indiferentes, outros inconvenientes, e em todo o caso, sem capacidade para remediar a situação, divertiam-se a redigir leis de carácter democrático radical, para enganar o leitor ignorante. Mas, como succede sempre que a legislação é mais avançada que a illustração do povo a quem tem de aplicar-se,

as suas previsões não se cumpriam por impertunas e illusórias.

A tendência geral dessa legislação ao começar o reinado de D. Carlos, era limitar as prerrogativas reais na questão eleitoral; já em 1878 e em 1885 se tinham publicado leis relativas à hereditariedade dos Pares; reduzira-se a 3 anos, a duração da Câmara dos Deputados; em 1892 fixa-se que só os deputados coloniais têm direito a subsídio. O ensino, torna-se, por lei, obrigatório, mas efectivamente, nunca o foi, e a proporção dos iletrados apenas desce de 82 % em 1878, a 79 % em 1890, e a 78 % actualmente.

A-pesar-de tudo, porém, a Nação trabalhava, e as receitas públicas passaram de 7 milhões de libras em 1889 a 14 milhões em 1907; infelizmente, a despesa aumentou proporcionalmente, e portanto, o *déficit* conservava-se inalterável.

*

* *

Em 1906 sobe ao poder João Franco. Com êle, subiram as esperanças da Nação; homem

rico, independente, ambicioso, honesto e parecendo enérgico, todos esperavam uma transformação radical nos processos governativos. Durante algum tempo, tentou governar com o Parlamento, que o acompanhou com um sincero desejo de cooperar com êle no ressurgimento do País, e, ainda, com receio do que o futuro ditador trazia oculto na bagagem.

João Franco, o homem mais bem intencionado que nos últimos 50 anos subiu ao Poder, compreendendo que a Nação não podia ser tratada com paliativos, antes precisava medidas drásticas, e, ainda, que a aplicação dessas medidas não seria possível, deixando-se envolver e enovelar pelos interêsses criminosos dos partidos, tentou logo romper o círculo vicioso da política portuguesa, e sacudir a matilha, que em tórno dêle rosnava, e perante a opposição que as Câmaras entram a manifestar-lhe, dissolve-as abruptamente.

Era o *golpe de Estado*, que os partidos regenerador e progressista esperavam, mas que nem por isso, deixava de ser terrível, ferindo no âmago os interêsses dêsses dois partidos; o Povo, porém, com quem João Franco contava, inconsciente e não compreen-

dendo o golpe, nem o perigo da situação, deixou-se, por espírito de contradição, arrastar pela gritaria de regeneradores e progressistas e fez côro com êles.

Como sucedera em 1890, o partido republicano aproveitara hâbilmente a oportunidade, concentrando-se e dirigindo uma violenta campanha contra o Dictador, agora único sustentáculo do Rei, e culpando êste por consentir em desempenhar o papel de déspota.

É evidente que, D. Carlos, reconhecendo, como muita gente, o desastrado papel que o parlamento vinha desempenhando havia anos, e influenciado pela opinião que os jornais estrangeiros emitiam sôbre a situação política e financeira de Portugal, acreditou que só com revulsivos seria possível purificar a atmosfera política e melhorar a situação pública, criando a seguir, um Parlamento útil, honesto e sério.

A aquiescência do povo, que durante uns seis meses aplaudiu o novo estado de coisas, e a melhoria súbita da situação financeira, graças ao crédito que as medidas tinham aberto ao País, no estrangeiro, confirmou aquela crença e embora os políticos barafustassem, furiosos, o povo trabalhador não lhes

prestava atenção, esperançado em João Franco, o novo Messias, que embora despòticamente, parecia que salvava o País da bancarrota.

Mas D. Carlos, ao mesmo tempo que cooperava sinceramente com o seu ministro na obra de regeneração nacional, colocara-se, pessoalmente numa situação financeira falsa, e que aparentemente, justificava as acusações de corrupção que lhe faziam.

A composição que João Franco fez, das dívidas da Casa Real, tornou-se suspeita. Chegou-se à conclusão de que a Casa Real devia ao Tesouro Público £ 154.000: mas a forma de liquidar êste débito, constituía uma verdadeira mistificação, e foi ela que perdeu João Franco.

Pelas medidas do Dictador, o *yacht* real Amélia, que a Nação pagara, e mantinha, passou a considerar-se propriedade particular do Rei, no valor de £ 61.200, que se lhe creditavam, passando o navio para a marinha de guerra. O saldo de £ 93.000 era amortizado por forma analoga: alguns antigos palácios, de longa data utilizados em serviços públicos, passavam para o poder do Estado por £ 93.000; a lista civil era aumentada em

£ 32.000, mas como se tiravam ao Rei muitos encargos, que passavam para o Estado, o seu aumento rial, era de £ 137.000.

Estas e outras combinações análogas, fortaleceram as dependências de João Franco, isto é, o Rei e o Exército, e lançaram no desespero os adversários políticos do Ditador.

Os republicanos, a quem a anterior situação agradava, porque arrastava o país para as suas mãos, assustaram-se, e perceberam que tinham, agora, mais alguma coisa a fazer, do que esperar tranqüilamente que os partidos monárquicos arruinassem a monarquia e lhes cedessem o poder.

Aparecera um homem, capaz de atrazar o advento da República umas dezenas de anos; era indispensável proceder.

A imprensa coligou-se contra o Ditador, e aos seus ataques, respondia êste, com a perseguição: prendeu-se gente, suspenderam-se jornais; cobriu-se o país com uma rede de espiões; e o Rei e João Franco conservavam-se surdos à gritaria que em tórno dêles se levantava.

O Exército conservava-se fiel, o Povo aparentemente satisfeito com o despotismo bené-

volo do Rei, e, portanto, o Ditador prosseguiu na sua obra.

Infelizmente, o despotismo é uma ladeira terrivelmente escorregadia, e onde é difícil parar, uma vez iniciado o movimento, e João Franco, depois de amordaçar a Imprensa e os comícios, dissolveu as Câmaras Municipais.

O partido republicano a quem, menos que a qualquer outro, não convinha a marcha dos negócios públicos, redobrou de actividade, e as desordens nas ruas começaram. O 28 de Janeiro de 1908 ficou memorável, por essas desordens, e a imprensa franquista denunciava ao mesmo tempo, a existência duma vasta conspiração republicana; o govêrno fez prender alguns chefes republicanos e dissidentes, e obriga outros a fugir; a 31 de Janeiro o Ditador suspende as garantias e dota o govêrno com poderes para prender sem formação de culpa.

Era absurdo e feroz. O povo, indiferente como sempre, não vira o alcance dos decretos, mas os políticos monárquicos e republicanos aproveitaram-nos como armas de combate, e excitaram as associações secretas, de longa data organizadas, a proceder.

Em tôda a cidade reinava uma atmosfera

de suspeição; teatros e cafés ficam desertos, contra o costume; depois das 9 horas da noite, ninguém transitava nas ruas.

Na tarde de 1 de Fevereiro de 1908, a apreensão geral era notável na multidão que se alinhava na Rua do Arsenal para assistir à passagem do Rei, que nesse dia devia regressar de Vila Viçosa.

Seriam 5 horas da tarde quando a família real entrou nas carruagens, na estação do Terreiro do Paço. Quando a família real dobrada a esquina dos Correios, virava para a Rua do Arsenal, um homem sai de trás dum dos pilares da Arcada e faz fogo sôbre a carruagem real, ao mesmo tempo que um outro, saindo da multidão que orlava a rua, trepa à trazeira do carro e desfecha sôbre o Rei. Êste cai logo, assim como o Príncipe Real; o Infante D. Manuel é atingido por um dos projecteis, ao passo que a Rainha, incólume e de pé na carruagem, fustigava o rosto dum dos assassinos com o ramo de flôres que tem na mão.

A policia corre, e acutila os assassinos; a gritaria e confusão do povo são enormes, ao passo que o cocheiro fustigando os cavalos, leva a carruagem para dentro do Arsenal.

O Rei e o Príncipe Real, estavam mortos; eram as últimas vítimas dos partidos monárquicos rotativos. Expiavam a longa série de crimes, de inépcias e de traições que êsses partidos vinham praticando havia mais de 50 anos.

Prendem-se os chefes republicanos, que logo a seguir são softos, parte por tibieza e cobardia do novo Ministério, parte por se supôr que o atentado não teria outras conseqüências, dada a atitude do Povo, a quem o assassinio repugnou; culpado João Franco do que se passara, o povo assalta-lhe a casa, e o Ditador mal tratado pelo povo, mal tratado pelo Paço, emigrou.

Sobe ao trôno D. Manuel, que nunca fôra preparado para ser Rei, e menos ainda para reinar em tão críticas circunstâncias, trémulo e comovido pela horrível tragédia a que assistira e onde fôra, ainda, ferido.

Por conselho da rainha D. Amélia, cuja percepção política se opusera, durante muito tempo à política de João Franco, chama o Rei ao Paço os chefes de todos os partidos monárquicos e pede-lhes para se congraçarem perante a crise do momento. Era pedir o impossível,

porque para políticos como José Luciano de Castro, a lialdade era virtude desconhecida.

No primeiro momento de susto, porém, os partidos prometem apoio e união, perante o inimigo comum, e forma-se um ministério, que se chamou de *acalmção*, sob a presidência do almirante Ferreira do Amaral.

O novo ministério sem compreender bem a situação, nem perceber a situação do país, anula os decretos franquistas, faz eleições municipais, e deixando-se iludir no sossêgo aparente, e fatal, que sucede e precede sempre os grandes acontecimentos, adormeceu.

Os partidos monárquicos, satisfeitos por se verem livres do terrível Ditador, e, não se atrevendo a aspirar ao poder em tão desastrosas circunstâncias, ficam contentes com a solução, e preparam-se para, na primeira oportunidade, pôr fora o *inocente* Ferreira do Amaral e retomar os seus lugares no regabofe tradicional.

José Luciano, Teixeira de Sousa, Alpoim, Vilhena, — para só citar os principais, — foram os verdadeiros causadores da desordem, da bancarrota; quando no podêr, procuravam agüentar-se por favores ao Rei, à Côrte e aos

amigos políticos; saqueavam o país em proveito das suas clientelas, só para se agüentarem uns mêses; fora do poder insultavam o Rei e a Côrte, e não recuavam diante de infâmia alguma para derrubar os seus adversários.

Com governos desta fôrça e desta moralidade, a Revolução era uma necessidade; o que se não podia supôr, era que após a revolução, o País ficasse na mesma; o que ninguém supunha era que os novos partidos possuíssem uma bagagem igual à dos antigos, e pensassem da mesma forma que êles.

No meio da desordem que reinava, a desorientação dos monárquicos levou-os a disparates únicos na História, levando-os ao *bloco*, à *coligação eleitoral*, o que melhor e mais fâcilmente ajudaria o advento da República.

José Luciano, o homem mais nefasto de tôda a política portuguesa, dirigiu a campanha. António Cabral, um dos *cérebros* de José Luciano, dizia no «Liberal» de 21 de Setembro de 1910: . . . «o Senhor D. Manuel deixou de ser Rei».

O *Bloco* prepara as eleições, e vê, estarrecido de mêdo e despeito, serem os republicanos os mais votados; furioso e estúpido,

atribui o desastre ao Rei e à Família Real, e dá mais uma enxadada na Monarquia, com a redacção de leis inoportunas e desagradáveis.

Ao país que pedia reformas enérgicas, serviam-lhe pratos requentados; que havia a esperar dos cérebros cretinizados pela política torpe do rotativismo !

O País exigia reformas económicas e exigia liberdade, e o govêrno respondia-lhe com frioleiras.

Em Junho de 1910, o Ministério Ferreira do Amaral, impotente e incompetente e, sobretudo, hostilizado pelos progressistas e regeneradores, cai; é chamado Teixeira de Sousa que consegue formar Ministério, e que nesse mesmo dia recebe um telegrama da policia francesa prevenindo-o da existência dum importante *complot* republicano, de mãos dadas com outro análogo em Espanha.

O chefe do govêrno limita-se a mostrar o telegrama ao Rei.

As eleições dos deputados tinham mais uma vez demonstrado a fraqueza e a impotência dos chefes monárquicos, aliada à sua má fé; os chefes monárquicos preparavam-se para evolucionar para a República.

Em 1908, os republicanos tinham sondado o exército e percebido que êle era o que era o resto da Nação — indifferente a um estado de coisas arcaico e improgressivo. Tratou-se de galvanizar o Exército, fazendo-o sair da apatia em que se encontrava, mas foi debalde; apenas em Caçadores 2 e 5, e em Artilharia 1, conseguiram fazer alguma coisa.

A cavalaria, sobretudo, mostrava-se refractária a qualquer aliciação; em compensação, na marinha, a propaganda dava resultados.

Com muito trabalho e persistência, em fins de 1909, tinham minado o 2, o 5 e o 16 de infantaria, e o directório passou a occupar-se do assunto.

Em 1907 organizara-se a carbonária, que em 1910, entra, impaciente, a exercer pressão sobre o directório para que a revolução se faça; mas o directório resiste especialmente devido ao capitão Pala.

Teixeira de Sousa, no Ministério, tem informações (15 Junho 1910) do movimento projectado; o Rei estava então no Buçaco, e Teixeira de Sousa recomendou a sua guarda ao comandante da 5.ª Divisão (Coimbra).

O General foi com alguma cavalaria para

o Buçaco, e, de lá, satisfeito com o papel de policia secreta que o presidente do conselho lhe distribuíra, telegrafou copiosamente ao Ministro da Guerra: — «S. M., a quem tive a honra de cumprimentar, está excelentemente disposto. Ainda ontem deu um passeio... Visitei a infantaria e a cavalaria que achei no maior asseio... Os officiaes são de tôda a confiança... tendo conquistado os louvores de El-Rei e da comitiva...»

E um agente de policia dizia: «Correu tudo muito bem... S. M. foi de manhã tomar banho... de tarde passeou a pé... à noite ouviu música...»

Parece ópera cômica! Quando sob a Monarquia está prestes a rebentar o vulcão que a há-de subverter, os generais fazem de polícias e comunicam ao presidente do conselho, como coisa de alta importância, «que tivera a honra de cumprimentar o Rei e que achou a cavalaria no maior asseio», e o policia informa quantos banhos tomou o Rei e o que fez ao deitar-se na cama!

Perfeito Gerolstein!

E não queriam que tudo isto se desmornasse!

Em Julho, ainda, um dos chefes republicanos, o Dr. José de Castro, apalpa o comandante de Caçadores 2, André Bastos, que promete *manter-se neutral!* Como é que êste coronel se mantém *neutral*, conservando-se à testa de um Regimento? Alguém percebe esta neutralidade? Evidentemente, manter-se neutral seria demitir-se do comando, e recolher a casa; à frente dum regimento, ninguém se mantém neutral. Ou é fiel a quem lhe deu o comando ou o trai; aqui não há que fugir. Um coronel à frente dum regimento, é uma fôrça que actua sempre: se dispara as suas espingardas, conserva-se fiel a quem lhe deu o comando, se conserva as armas em descanso, passou-se para o inimigo.

Mas, esta inadmissível situação de *neutralidade* era a que convinha à falta de carácter da maioria, que sem coragem nem convicções, procurava por esta tangente, conservar os benefícios da situação que se criara, sem correr risco algum. Neutral quer dizer: se vencerem os Monárquicos fico bem, se os republicanos, bem fico.

«Neste regimento (Caçadores 2), dizia o coronel, só dois oficiais não são republicanos»;

e como só havia dois oficiais não republicanos, êle coronel, conservava-se neutral. Cômodo, não há dúvida.

Se vencessem os monárquicos ia no dia seguinte o coronel ao Paço, cumprimentar o Rei; vencendo os republicanos, foi ao directório cumprimentar o senhor Manuel de Arriaga.

Teixeira de Sousa diz-nos que Ferreira do Amaral, Campos Henriques, Sebastião Teles, Beirão e Wenceslau, souberam que a revolta se realizaria a 15 de Julho, e por todo o seu livro, se farta de nos dizer que *esperava* a revolta que *sabia* que ela se ia fazer, a ponto de escrever ao Rei, para o Buçaco:

«Creio estarmos na iminência dum movimento revolucionário republicano, que *procuro fazer abortar*. Parta já V. M. de automóvel para Sintra. . . se tiver conhecimento do movimento, siga para Mafra» . . .

Assim, o govêrno, *sabendo, tendo a certeza*, do movimento revolucionário, limitava-se a aconselhar ao Rei que fugisse.

E assim se explica a attitude do Rei no momento da Revolução que lhe ia arrancar a corôa da cabeça.

O govêrno sabia da revolução, e não dava

um passo, não tomava uma medida para a combater; o que se lhe afigurava razoável e prático era levar o Rei a fugir diante dela. Evidentemente, o govêrno estava filiado no partido republicano.

Na madrugada de 4 de Outubro, quando os revoltosos ocupam a Rotunda, e os marinheiros se revoltam nos navios, acorrem às Necessidades, Infantaria 1 e 2, Caçadores 2, 150 praças do 16, a 2.^a Companhia e um esquadrão da Municipal, e mais tarde Cavalaria 2 e a bateria de Queluz. No Rocio concentram-se Caçadores 5 e Infantaria 5, um destacamento da Municipal, outro da Fiscal, e alguns homens de Cavalaria 4.

Isto é, quási tôda a guarnição, — uns 2.500 homens, — *mantém voz* pelo Rei, havendo, apenas, revoltados em terra, os 400 homens de 16 e Artilharia 1 na Rotunda.

A Marinha, revoltada, bombardeia as Necessidades, e uma fôrça de marinheiros aparece no Largo.

O comandante das fôrças que defendem o Paço — Coronel Brito e Abreu — ainda os intima a render-se (!); mas os marinheiros não acatam a intimação.

A gente do Paço foge e o Rei refugia-se no parque.

S. Rafael e Adamastor, após os tiros lançados sôbre as Necessidades, sobem o Tejo e fundeiam defronte do Terreiro do Paço, fazem dois tiros sôbre os Ministérios do Reino e da Guerra, e outros dois sôbre a Rua do Ouro.

Na manhã de 5, os navios desembarcam os populares que neles se tinham refugiado, e que se apoderam do Arsenal do Exército, e os navios voltam para defronte do Terreiro do Paço, onde o alferes Gomes da Silva lhes vem dizer que as fôrças do Rocio se entregam à Marinha.

A guarda municipal tinha sido espalhada aos quatro ventos; a 1.^a Companhia no Rocio e Carmo; a 2.^a no Calhariz, Fábricas do Gás e Moeda; a 3.^a em S. Sebastião da Pedreira, para defender a casa do Presidente do Conselho; a 4.^a na Estrêla e depois nas Necessidades, bem como a 6.^a; a 5.^a nos Correios; o 1.^o esquadrão no Rocio, o 2.^o em S. Sebastião da Pedreira; o 3.^o nas Necessidades, e o 4.^o mais tarde com o 1.^o, a caminho de Beírolas.

E assim os mil e tantos homens da Guarda, fôrça que reünida era mais do que suficiente para pôr tudo em ordem, foi espalhada, destroçada, facilitando as deserções, e o seu aniquilamento.

A infantaria da guarda — 874 homens — teve um morto e um ferido! . . .

E era a guarda pretoriana, a tropa de confiança da monarquia, e para onde só entrava *gente segura* e de *confiança absoluta* do seu comandante!

O que a Guarda podia ter feito demonstrou-o um pelotão da 4.^a Companhia que, sozinho, na Rua Saraiva de Carvalho, contém a marcha dos revoltosos que por ali se queriam dirigir para as Necessidades; e demonstra-o aquele sargento — bravo rapaz — que na Estrêla, ao receber ordem para cessar fogo e se entregar, replicava para o comandante das Guardas:

— Mas podemos resistir ainda!

E o coronel, furioso:

— Entregue-se, já disse!

A Guarda Fiscal tinha 1.396 homens; o comando não os soube aproveitar.

A desordem era tal, andavam todos tanto

às aranhas, que o general da Divisão, na tarde de 4, informava triunfante o Presidente do Conselho de que Artilharia 1 fôra batida e retirava para o Campo Grande, onde 400 homens da Guarda Fiscal a esperavam para acabar com ela! O general exultava, felicitava-se e felicitava o govêrno e acrescentava que artilharia 3 chegara ao Beato.

Tudo falso! Tudo mentira!

A Guarda Fiscal não tinha sequer lugar marcado no plano do general e artilharia 3 não passara de Vila Franca.

*

*

*

Note-se agora, que afora tôdas as prevenções que o Presidente do Conselho fizera, já na tarde de 3, o capitão Martins de Lima, notando uma certa excitação nas ruas, comunicara o caso ao Quartel General, respondendo-lhe o chefe do Estado Maior que já sabia tudo e que dera ordem de prevenção à divisão.

Ordem que não chegou às baterias a cavalo!

Quando à 1 hora da noite chegou ao

Quartel General a notícia da revolta do 16 e assassinio do coronel Costa, o general pasmou:

— A coisa está séria, está! Mas ainda tem remédio. . .

Por favor, o general achava a coisa séria, mas vai remediar. Como? Não tomando resolução alguma, porque era incapaz de qualquer resolução.

Do comando frouxo, incompetente, senil do general Gorjão que havia a esperar senão frouxidão, e disparates? Que havia a esperar senão a anarquia no Quartel General?

O chefe do Estado Maior dá ordens, os oficiais do Quartel General dão outras, o capitão Martins de Lima irritado e nervoso diante de tanta inépcia e traição, também pelo seu lado as dá. Todos mandam, todos aconselham, todos dispõem, e . . . ninguém obedece. E desta confusão de ordens inoportunas e desencontradas, resultou a anarquia do Quartel General.

O capitão Martins de Lima, na sua entrevista no *Correio da Manhã* de 24 de Novembro de 1911, diz: «que se os regimentos estivessem debaixo de forma, com os oficiais à frente, não seria fácil revoltarem-se».

Valha-nos Deus; então os regimentos haviam de passar horas e horas, dias e dias, debaixo de forma? Como era possível manter-se uma situação tão anormal? E de resto, se as prevenções, *mesmo como se faziam*, fôsem rigorosas, se os oficiais estando de prevenção se não metessem na cama, se na cama se não metessem os oficiais de serviço, — o relaxamento era tal, que até os oficiais da guarda do Paço, se despiam à noite e metiam entre lençóis! — se as coisas se fizessem como era mister, não era preciso ter os regimentos debaixo de forma, o que era de resto, absurdo.

E, de mais, os próprios chefes do exército estavam já tão saturados de notícias alarmantes, de *pavorosas*, que já nelas não acreditavam, e davam ordem de prevenção *por descargo de consciência*, sem lhe ligarem valor nem importância.

E assim se explica que o chefe do E. M. em vez de tomar providências *sérias*, se limitasse a expedir avisos, — como por demais, — e fôsse para o Quartel General *fazer o costumeado serão*.

— Que massada! Que massada! era a

exclamação unânime dos oficiais, quando recebiam mais uma ordem de prevenção. E no quartel quando dentro das camas sopravam a luz, ainda murmuravam: Que massada!

Ora o Exército para ter valor, para servir, precisa duma vida activa e elevada que lhe dê espírito activo e espírito ofensivo; passar a vida em prevenções, em guardas, em *bluffs* ou voltaretes no quartel, não é modo de vida própria para fazer militares. Mal pagos, com dificuldades de vida constantes, sempre preocupados com o meio de obter os tostões precisos para alimentar a família, com as jóias da mulher empenhadas, com os filhos rotos e esfomeados, que diabo se pode esperar dos oficiais? Como querem ter oficiais *que não sejam indiferentes!* A primeira condição para ter bom Exército é ter bons oficiais e para ter bons oficiais é *indispensável* pô-los ao abrigo das misérias da vida, — Senão — não!

Com um exército capaz, *disciplinado*, como a disciplina se deve entender, e não como era e é entendida, o exército não se tinha mantido indiferente; mas desde que a *disciplina* é a obediência às ordens dos chefes ineptos, incapazes e absurdos, é claro que a desordem e a

covardia são as legítimas conseqüências. Porque entre nós entende-se que oficial disciplinado é aquele que não faz a mais ligeira observação ao chefe, que *aparenta* obedecer-lhe, que o adula, que o bajula, que sorri às suas graças parvas, e apoia as suas cóleras infantis.

Oficial com carácter, com hombridade, com energia, era e é *oficial indisciplinado*.

A par disto tudo, a política mandava no exército; transferia-se um oficial ou sargento a pedido dum trunfo político, colocavam-se na Guarda ou em comissões boas a pedido de políticos, emfim, dependia-se em tudo dos *políticos* e portanto — conseqüência natural e lógica, — a podridão, e a indiferença dos políticos passou para o Exército e passou a ser uma das suas características.

Podem andar a procurar as causas da revolução, ou antes, da não defeza do regimen; podem aproximar factos para tirar conclusões; podem raciocinar como entenderem, que a verdade é que a principal, a única causa da queda da Monarquia foi a miséria do exército, a insuficiência dos chefes, a degradação dos políticos.

Com um govêrno forte, com outro general à testa da Divisão, com outro general à frente

da Guarda Municipal, ainda assim se poderia ter parado o golpe republicano; mas com os elementos de que o Rei dispunha era fatal o aniquilamento, ia eu a dizer; não, era fatal a *dissolução*. Porque o exército não foi aniquilado, — dissolveu-se!

Infelizmente, como estamos vendo as coisas correrem, podemos também dizer... se não há outros portugueses!

A desordem no Quartel General é enorme; e quando o órgão da direcção se desorganiza, como funcionarão os órgãos de execução? Como funcionaram em Outubro? Mal, aos sacões, aos empurrões, à doida.

Quem dá ordens na divisão? Tôda a gente.

O chefe, os ajudantes. Martins de Lima manda sair artilharia 1 para ir bombardear o 16, e é êle quem tenta organizar a defeza das portas do Quartel General e é êle quem manda que as baterias de Queluz sigam para Lisboa, e por fim, pede ao General o comando dum grupo de esquadrões.

É êle quem principalmente se agita; se impaciente, quem manda, furioso contra a inércia e contra a impotência dos chefes.

Andou bem? Andou mal?

Com a melhor das intenções, andou mal.

Dada a autoridade, que se vê que tinha no Quartel General, melhor lhe fôra levar o General a *uma acção*; fazê-lo montar a cavallo, com o chefe do E. M. e o pessoal do Quartel General, e pô-lo à frente dos Regimentos que tanto tempo estiveram indecisos. Num caso dêstes, o lugar do General é à frente das tropas e não no seu gabinete. Era um jogo em que se jogava tudo e não havia lugar para hesitações nem meias medidas.

Se Martins de Lima às suas qualidades de bravura reunisse o sangue frio e a nitida percepção do seu dever naquele momento, era assim que teria procedido e então, *êle só* com Couceiro teriam salvo a monarquia.

Couceiro com a sua atitude deu tempo a que o Quartel General pensasse e resolvesse; — o Quartel General não aproveitou o tempo. Os revoltosos metendo-se na Rotunda, *na defensiva*, deram tempo a que o Quartel General se preparasse; o Quartel General nada preparou.

Bastava a atitude *de defensiva* dos revoltosos para demonstrar ao Quartel General a fraqueza

dêles; o Quartel General não percebeu, como não percebeu Martins de Lima, pretendendo *organizar a defesa do Quartel General*.

Que o general com um regimento só que fôsse, atacasse a Rotunda, e na Rotunda ninguém lhe resistiria com energia, demonstra-o a fuga dos chefes quando correu a noticia que a revolução gorára. O aparecimento das fôrças com o general convenceria então os indecisos.

Em vez disso, Martins de Lima, nervoso e activo de natureza, entretém a sua actividade transmitindo ordens dum lado para o outro, missão posto que perigosa, inútil de momento, e o General, e o chefe do E. M., a quem a sela dum cavalo não seduz, mandam alguém reunir fôrças e comandar um movimento *envolvente* com um chefe do E. M. de ocasião, à paizana.

Para quê, êste movimento envolvente, se na frente da Rotunda não havia fôrças para conter os rebeldes? Para quê, atacar pela rectaguarda, se nada lhe punham na frente?

Explica-se.

A noção, dum ataque *pela rectaguarda* reveste sempre no pensamento, a forma de *menos perigoso* que um ataque de frente; e

ainda, um ataque pela rectaguarda exigia um largo movimento envolvente que podia levar, como levou, a coluna à Luz a pedir pão ao Colégio Militar, em vez de a levar à rectaguarda da barricada dos revoltosos!

E assim, a revolta vingou, não porque realmente faltassem ao govêrno elementos de valor, que os teve — Couceiro, Martins de Lima, Wanzeller, Empis, e outros que agora me não ocorre, afora os regimentos que estiveram no Rocio e nas Necessidades, que durante muito tempo hesitaram, — mas por falta dum chefe; a Divisão não tinha comando, estava acéfala.

Mas a desordem do comando tem detalhes curiosos: a bateria de Queluz não tinha ordem de prevenção. O general dá a Martins de Lima ordem para assumir o comando dum grupo de esquadrões de Cavalaria 4. E então no 4 não havia officiaes superiores? Não tinha o general confiança neles? Em tal caso porque os não substituíra a tempo?

«A dispersão das tropas foi a causa da derrota», diz Martins de Lima.

Não foi tal; a causa da derrota foi não haver comando nem na divisão nem na Municipal.

*

* *

O chefe do E. M., coronel Castro, diz no *Correio da Manhã* de 30 de Novembro de 1910, que resolveu fazer atacar a Rotunda por 120 homens do 16, Cavalaria 2 e as baterias de Queluz tudo comandado pelo coronel Albuquerque, de Lanceiros 2; mas após reflexão, foi o comando entregue ao general Carvalhal com o tenente coronel Guerreiro como Chefe do E. M.

A seguir, o coronel Castro desenvolve o seu plano:

1.º — Varrer a Rotunda com fogos de artilharia, da cêrca de Rilhafoles;

2.º — Levar a coluna pela Estrêta, Campolide, Penitenciária, Palhavã e aproximar-se da Rotunda.

1.º — Para que era preciso varrer a Rotunda com fogos de artilharia de Rilhafoles? Ou o coronel Castro queria esmagar a revolta ou não. Se não queria, o processo era efectivamente bombardear a Rotunda com artilharia porque em tal caso, todos fugiriam, por se não poderem sustentar sob o fogo, e iriam barri-

car-se em qualquer outra parte. Se queria esmagar a revolta não tinha que fazer a *preparação pela artilharia*, sempre inconveniente em tais casos, como é inconveniente em África contra pretos.

2.º — Para que obrigava a coluna a tão grande rodeio? Então para cair na rectaguarda dela era preciso ir tão longe? O resultado foi ela *alongar-se* ainda mais e ir parar à Luz... todos os caminhos vão a Roma, dizia o comandante do *envolvimento*...

À Rotunda vão ter várias ruas, e o ataque por tôdas elas ao mesmo tempo, com o ataque principal pela rectaguarda, bastava para fazer evacuar a gente que não estava grandemente disposta a agüentar-se, e que o estivesse; as fôrças que iam eram bem superiores e tinham a vantagem da *ofensiva*.

Os revoltosos foram tão ignorantes em arte militar, que se foram colocar na *defensiva*, deixando ao comandante da Divisão a *ofensiva*, e êste nem sequer aproveitou esta vantagem.

Martins de Lima fala em que o plano era atacar a Rotunda com duas colunas (*Correio da Manhã* de 28 de Novembro de 1910); já era melhor, mas em parte alguma era referido

êsse facto, talvez por o coronel Brito e Abreu se não ter mexido das Necessidades, tendo até declarado acharem-se as suas tropas *desmoralizadas*.

Em Campolide, no entanto, Couceiro esforça-se por se apoderar do quartel de Artilharia 1; faz fogo e manda que o 2 de infantaria, que o apoia, se prepare para o ataque.

O resultado exprime-o Martins de Lima:

— Então Infantaria 2 não debanda como pardais aos primeiros tiros!

Em princípios de 1909, diz o coronel Castro, chefe do E. M. da Divisão, no *Correio da Manhã* de 30 de Novembro de 1910, foi incumbido pelo comandante da divisão de organizar um plano destinado a conter qualquer movimento revolucionário, garantindo, ao mesmo tempo, a defesa do Paço Real.

Êste plano foi aprovado pelo Ministro da Guerra, e pelos que lhe sucederam.

Havia, portanto, um plano, preparado com larga antecedência, e com garantia de tra-

balho de valor visto o seu autor, o coronel Castro ser um homem de grande merecimento, valor, e estudo; o coronel porém, era um teórico.

Nesse plano tratava-se:

a) Da defesa do Paço;

b) Da defesa dos Arsenais, Telégrafos, Bancos, Caixa de Depósitos, e linha de cumiada Rato — Duas Igrejas.

Como se vê dêste simples enunciado, o plano pecava logo pela base.

Era simplesmente defensivo. Defesa, defesa e nada mais.

Vamos adiante:

A divisão com 4.770 homens, as guardas e polícia com 3.771 eram os efectivos com que contava.

Segundo êrro: para o chefe do E. M. devia ser intuitivo *que revolta alguma se faria, deixando de entrar parte da guarnição*. Para conter uma revolta de populares em Lisboa, bastava a Municipal e a Polícia; portanto, o chefe do E. M. cometeu um êrro inicial que foi o contar *com tôdas as fôrças* da guarnição; e o plano foi tão levemente apreciado pelos vários ministros da guerra, que não

deram pelo seu êrro fundamental. Muito haviam de ter rido os oficiais revolucionários que conheciam o plano do Quartel General!

Ora o primeiro dever dum chefe de E. M. é conhecer *precisamente* o valor das unidades com que terá de contar para qualquer plano; conhecer bem os coroneis, os oficiais, saber do valor individual de cada um e das suas ideias. Ora não era segredo para pessoa alguma, — excepto para o Quartel General, — que não havia que contar com a disciplina e eficiência dos regimentos, e menos ainda nas qualidades militares dos coroneis, enervados e cretinizados por dezenas de anos de serviço de guarnição estúpido e embrutecedor — o que tudo se demonstrou à evidência.

Logo a principal causa do successo da Revolução foi a incompetência do General e seu Estado Maior.

O comando da divisão confundiu a apatia e indiferença dos coroneis e oficiais, com lealdade e disciplina. Quando a política tem uma acção tão nefasta e dissolvente, como tem no nosso país, quando as noções de patriotismo e disciplina se acham tão obliteradas como no Exército Português, quando o corpo de oficiais

dum exército, passa uma vida tão amargurada e infeliz, tão deprimente e inútil como no nosso, o indiferentismo torna-se a característica dêsse exército e um exército de indiferentes é um corpo morto; pior, é um corpo corrupto, em putrefacção que envenena o ambiente.

O exército estava podre, e tão podre que nem defendeu nem atacou a monarquia; porque eu não posso chamar exército a essa meia dúzia de aventureiros atrevidos que conseguiram iniciar o movimento revolucionário.

O exército, portanto, não entrou na revolução; nem por nem contra, e a consequência lógica dos factos é que não temos exército, porque até hoje, ainda a República não modificou êste estado de coisas, mantendo, indifferente também, a indifferença militar; e não tendo nós exército, a *Defesa Nacional* é uma frase apenas, frase cara pelo dinheiro que custa.

Ora os ministros da guerra, e os comandantes das divisões, se fôsem chefes dignos dêste nome, deviam ter observado e estudado o exército e tratado de o pôr à altura da sua missão; e assim o exército estaria disciplinado,

e estaria eficiente. Mas não. A política, essa prostituta infecta, exercera uma acção nefasta e dissolvente no país cobrindo-o de pústulas infames; e como era de prever, contaminou o exército.

Oitenta anos de paz podre, tinham consumido todos os sentimentos de honra, de dignidade, de valor, de nobreza do exército, e converteram-o num grupo de *empregados públicos*, rotos e esfomeados, mendigos de galões.

O exército estava disposto a mudar de instituições?

Não estava; o exército estava simplesmente apático e indiferente, o pior estado a que pode chegar um homem ou uma instituição.

Indiferente o exército nem em condições estava de ser empolgado por quem quer que fôsse; e se uma ou outra vez, como nas primeiras campanhas africanas, o exército cumpriu o seu dever, foi isso devido a ter sido tirado do seu meio normal de vida, e sacudido por uma forte impressão moral. Mas após isso tornou a adormecer indiferente, graças também à indignidade nacional que procurava já *apepinar* os homens de África, por os não compreender.

Dias antes da revolução — pouquíssimos dias antes — os oficiais, no Buçaco, quentes de *Champagne*, fortemente sacudidos com a evocação da batalha homérica que seus avós ali tinham dado, aclamaram o Rei. E aclamaram o Rei porque precisavam aclamar um chefe; todos instintivamente reconheciam a necessidade de ter à sua frente um Homem, após aquela evocação. Mas o Rei não era o Homem, e o entusiasmo desfez-se como a espuma do *Champagne*, e o exército voltou à realidade da vida, mergulhando de novo na miserável vida de caserna cheia de dificuldades e de dívidas...

Com as qualidades fortes do homem aniquiladas, com o espírito de aventura destruído ou sufocado pela vida de quartel, que corporação de oficiais podemos ter?

Tudo atrofiado — inteligência, iniciativa, coragem, — e assim não se vêem oficiais nem dum nem doutro lado da Revolução, excepção feita a 4 ou 5!

Citam-se Machado Santos, Pala e uns dois de marinha do lado dos republicanos; citam-se Couceiro, Martins de Lima e mais um ou dois e do lado dos monárquicos! É isto bastante?

É isto o Exército? Citam-se 100 ou 200 soldados do lado dos republicanos, citam-se outros tantos do lado do Rei; é isto o Exército?

Indiferente, é o que o Exército foi e é.

O chefe do E. M. estava *convencido da fidelidade* dos regimentos; todos os dias os coroneis iam ao Quartel General afixá-lo. Mais uma razão para duvidar. O excesso de protestos era mais do que bastante para desconfiar dêles.

E que sabiam os coroneis dos seus regimentos, êles que se isolavam no seu gabinete onde apenas comunicavam com os officiaes superiores? Que sabiam êles do regimento; que ideia tinham dos officiaes? Do alto dos seus galões, isolando-se por conveniência de não demonstrarem aos subalternos a sua incapacidade e ignorância, receando o contacto por reconhecimento da sua própria inferioridade, que sabiam êles?

Nada, e a prova viu-se; protestavam a fidelidade dos regimentos, e os regimentos estavam minados, revoltados.

O chefe do E. M. êsse avaliava a fidelidade dos officiaes e praças, pela *espontaneidade das recepções* que nos quartéis faziam ao Rei?

A espontaneidade das recepções, é boa! É mesmo muito boa; então o chefe do E. M. não sabia como se fazia essa *espontaneidade*?

E que valor tinham, portanto?

Para que um homem, mesmo Rei, seja recebido e seja considerado, precisa ter valor pessoal. Um homem *que não vale* pode ser adulado, pode ser bajulado, podem cercá-lo de sorrisos e agrados, mas tudo será aparente; no fundo, desprezam-o, e desprezam-o tanto mais quanto mais alto estiver colocado; porque o homem não perdoa ao imbecil que vê empoleirado, a *dispôr do poder*, a quem tem de obedecer. A obediência verdadeira precisa ser cercada da consideração indispensável.

Sem consideração não há respeito, e ninguém considerava o Rei, ninguém considerava o comandante da divisão, ninguém considerava o Ministro da Guerra, ninguém considerava o comandante das guardas, e ninguém considerava os coroneis. Toleravam-os por indiferença, por apatia, por hábito; e os chefes, julgando êsse indiferentismo um reconhecimento do seu valor, não meditavam, não racionavam, cometiam tôda a casta de atropelos, de disparates, de injustiças; a protecção impe-

rava ínfreme; os lugares melhores, as comissões rendosas, eram para os protegidos, — os que tinham lâmpada acesa em Meca, — os lugares da Municipal eram disputados renhidamente, só entrando para lá quem tivesse fortes protecções: o comandante defendia-se, «*só queria gente de confiança. . .*»; viu-se a qualidade de confiança que merecia a gente que lá tinha, a começar por êle comandante.

Para a guarda fiscal, o mesmo; o mesmo para os quartéis generais, para o Ministério da Guerra. . .

Que devia o exército ao Rei?

Que devia o exército ao Ministro da Guerra?

Que devia o exército ao comandante da divisão?

Nada; todos êles, pelo contrário *deviam* ao exército porque não cuidando dêle, nele se apoiavam nos momentos críticos. E o exército tendo-o compreendido, tornou-se indiferente.

Supunha o Rei, supunha o govêrno, supunham os chefes, que o contacto estabelecido entre o Rei e os officiais que iam de guarda para o Paço era bastante para estabelecer relações de amizade. . . Forte êrro! Para uns, aquilo apenas representava um jantar bom,

para outros uma massada detestável, e para todos uma humilhação.

Porque era humilhante a atitude irônica e cortez da côrte para com a maioria dos oficiais. Gente educada, é evidente, a côrte, mas escapava-lhes às vezes um ligeiro sinal, um sorriso quási imperceptível, uma qualquer demonstração de ironia que vexava e feria precisamente por não poder ter resposta.

E essa situação de *tolerados* que os oficiais da guarda tinham à mesa real, feria mais e mais fundo que a propaganda dos jornais.

Á indiferença da côrte pelo exército, correspondeu a indiferença do exército pelo Rei, que não tinha culpa porque o educaram mal. Outro Rei teria sido talvez D. Luís Felipe. . .

O chefe do E. M. não conhecia tudo isto? Devia conhecê-lo.

*

* *

«No entanto, o plano inicial devia moldar-se às circunstâncias, diz o coronel Castro, o que sempre se fez sentir ao comandante da policia, manifestando-lhe a necessidade de ter

o Quartel General sempre informado dos factos anormais. . . »

Ora, em primeiro lugar, se o plano do Quartel General exigia modificações conforme as circunstâncias, é que estava mais detalhado do que era preciso e conveniente; e êsse exagêro de detalhes demonstra claramente que o Quartel General não confiava no valor dos coroneis; êle bem os conhecia, e conhecendo-os não os devia ter à testa das tropas; aqui é que não há que fugir.

O plano da divisão, para ser sensato e exequível, devia consistir numa única coisa: «escolha do ponto de concentração das fôrças»; êsse ponto devia ser na periferia da cidade e nunca no Rocio. Concentradas as fôrças, punha-se o general à sua frente, e orientado sôbre o que se passava, fácil era proceder de harmonia.

Agora o general dentro do Quartel General, os regimentos dispersos, como queria dirigi-los? Pelo telefone? Telefones a trabalhar numa cidade revoltada? Só por absoluta tolice dos revoltados; e contudo o facto deu-se e apesar disso, não serviam para o Quartel General?

O comando da divisão de há muito devia ter reconhecido a inconveniência de manter as

tropas em quartéis situados em bairros populosos, e portanto facilmente impressionáveis pela população.

De há muito devia ter feito construir quartéis fora da cidade, tanto quanto possível próximos uns dos outros, com casas de habitação para os oficiais, nas proximidades, e o Quartel General ao centro.

Nestas condições, a guarnição estaria mais afastada do convívio da população da cidade e mais na mão do comando.

E, creio bem, é ainda hoje o que o governo tem a fazer, se quere que a guarnição de Lisboa saia num dado momento, e se quere preparar o exército para cumprir a sua missão.

Trabalho, muito trabalho; serviço constante, seis meses, pelo menos, de manobras por ano, e o exército deixará de ser essa corporação de paisanos fardados, sem disciplina nem valor algum, inútil e cara.

*

* *

O chefe do E. M. foi prevenido pelo general das apreensões do presidente do conselho

e das informações que êste tinha sôbre a revolução projectada. Indagou se os officiaes estavam nos quartéis, ordenou a Artilharia 3 e a Caçadores 6 para seguirem para Lisboa, e foi para o quartel general *fazer o costumado serão*. Estava tranqüillo, não acreditava evidentemente na realidade de qualquer movimento, por isso que nada mais fez.

Ora a prevenção dos regimentos só serviu para facilitar a revolta e a ordem para Caçadores 6 e Artilharia 3 foi dada fora de tempo. E de mais, dada a ordem, não se preocupou com a sua execução, não tratou de saber se fôra ou não cumprida; se inquirisse saberia ainda a tempo que não se cumpriu e adoptaria outras providências.

Dados os boatos e sustos que vinham do tempo de D. Carlos, porque não tinha a Divisão uma rêde de telégrafos e telefones privativa?

E — «aguardar os acontecimentos», — convencido portanto, que estava senhor da situação, que tinha o comando bem na mão, e que, portanto impulsionaria os regimentos na direcção que lhe conviesse; e com essa convicção, estende pachorrentamente *o seu serão* sôbre

a mesa quando a notícia da revolta de Artilharia 1 e Infantaria 16 lhe rebenta sôbre o *serão* como uma bomba.

Surpreendido, corre ao telefone a chamar a Artilharia 1; chama por Infantaria 1 e 2 a quem manda para as Necessidades; manda Cavalaria 2 para o Rato; manda as baterias de Queluz para Belém; manda Infantaria 5, Caçadores 5 e Cavalaria 4 para o Rocío; e não manda ninguém mais para mais parte alguma, não por falta de sítios para onde mandar, mas porque não tem mais ninguém a quem mande.

Não sei se feito isto, foi continuar o *serão*.

Pode alguém compreender que um chefe do E. M., um homem considerado, tido e *havido como o mais hábil estratégico*, dê ordens destas, faça uma tal dispersão de fôrças?

E então o plano? O célebre plano? Era isto? Que chefe de E. M., que generais de divisão, que ministros da guerra que tinham estudado e aprovado um plano de dispersão desta fôrça!

A seguir o coronel interrompe o *serão* e monta a cavalo «para verificar se estava tudo a postos, e orientar os comandos».

Onde andou e como *orientou os comandos* não sei; porque em parte alguma encontro qualquer referência ao aparecimento do chefe do E. M., nem à sua *orientação*.

Parece, desde que montou a cavalo, que deve ter estado no Rocio, nas Necessidades, em Campolide. . . Não consta porém.

Para que dispersou as fôrças? Para as deixar bater em detalhe pelos revoltosos? Para as deixar desmoralizar pela acção dos revoltosos sôbre elas?

Para que inutilizou as fôrças que prendeu à defesa do Paço? Então todo o sábio plano de defesa monárquica, elaborado durante dois anos, apenas consistia em mandar metade da guarnição para o Paço, para defender o Rei que devia ser o primeiro a abandoná-lo e pôr-se à testa das tropas, e a outra metade para estacionar, de armas descansadas, nesse pôço do Rocio?

Já dissemos qual a solução que se nos afigurava mais vantajosa em tal caso, e o procedimento que da parte do Quartel General de há muito devia ter havido. Os quartéis fora da cidade. Mas ainda na hipótese que se deu, isto é, dos quartéis se conservarem dentro da

cidade, o *plano* devia consistir *unicamente* na concentração das fôrças num ponto periférico da cidade; reunidas elas, o general à frente do seu Estado Maior, resolveria então o que havia a fazer e como sufocar a revolta.

Deixava de aparecer algum regimento? Já se sabia que se não contava com êle; e assim, logo de princípio, se extremavam os campos, e não se daria azo a que regimentos como os que estiveram no Rocio, hesitantes, mas mais dispostos a obedecer ao comando da divisão do que aos chefes rebeldes, por fim se bandeassem com êstes.

Não há nada como carácter e decisão.

Com as fôrças na mão, e fortemente sacudidas e reavivadas as energias com duas boas palavras, o general, conhecedor de que a única resistência se encontrava na Rotunda, caía sôbre ela pela rectaguarda como uma avalanche; e a vitória era fácil, porque a Rotunda, atacada, mal se defenderia, como se depreende das deserções que nela houve logo que supuseram gorado o movimento.

A seguir, a Cavalaria, numa galopada, iria ao Bom Sucesso assegurar a fidelidade das baterias que, auxiliadas com Artilharia 1 ou o

Grupo a Cavallo, reduziriam rapidamente os navios de guerra à obediência.

Era simples como beber um copo de água; para isto bastava que o comando da divisão tivesse apenas uma cousa que António da Silveira dizia que os Portuguezes em Diu tinham «*mais duros que os pelouros das nossas bombardas*»!

O General não os tinha.

Para que, contudo, tanta discussão do assunto? Para aclarar a desorganização e incapacidade do comando, — para lhe não dar outro nome, — basta saber-se que tendo o Presidente do Conselho prevenido o General de que a revolução rebentaria nessa noite, por três vezes, — às 5, às 7 e às 8 da tarde, — só às 2 da manhã é que «estava tudo a postos» no dizer do chefe do E. M.

E viu-se como estava tudo a postos...

A bateria de Queluz nem ordem de prevenção recebera, e a Guarda Municipal, a Fiscal, a Escola do Exército e o Campo Entrincheirado, não figuravam no plano ao que parece, porque ninguém se lembrou, a princípio, dêles.

*

* *

Couceiro, que fazia parte do Grupo a Cavallo, estava em casa em Cascais; não sabia da prevenção. Prevenido por um guarda fiscal às 4 da manhã do dia 4, parte a pé e chega ao quartel só às 9 da manhã, quando a sua bateria (4 peças com 250 tiros) já saíra do quartel, sob o comando do capitão Machado.

Monta a cavallo, alcança a bateria em Sete Rios, já encorporada numa coluna comandada pelo coronel Albuquerque, ajudante do Rei.

A coluna era composta por parte da brigada de cavalaria, bateria a cavallo, e parte de Infantaria 2.

Note-se que, a essa hora, o Quartel General dispunha ainda de 5 regimentos de infantaria, das duas guardas e da engenharia.

Paiva Couceiro, apenas chega, reconhece o terreno e escolhe posição para a sua bateria; dela se vê o quartel de Artilharia 1, que parece ser o objectivo da coluna. Couceiro abre fogo sobre duas peças que os revoltosos da Artilharia 1 têm à porta do quartel; alça 700 metros. Artilharia 1 responde ao fogo e

matam algum gado e ferem algumas praças; alguns artilheiros fogem e metade do 1 de infantaria debanda.

Após três quartos de hora de fogo, Couceiro manda que a infantaria avance ao assalto; apenas 30 praças saem a esta ordem com o alferes Viana à frente, avançam, mas poucos passos andados, retiram.

Couceiro prossegue no fogo durante mais meia hora, e manda renovar o assalto; o regimento recusa. Couceiro invectiva oficiais e soldados mas nada consegue.

Neste ponto chega Martins de Lima com o tenente Wanzeller, trazendo ordem para Couceiro seguir para o Rocio.

A êste tempo, já o coronel Albuquerque, comandante da cavalaria, tinha retirado, *«por se não poder sustentar junto da bateria onde caíam muitas granadas...»*

Êste coronel, encontrando, a seguir, no cruzamento das estradas Benfica-Campolide, o general Carvalhal que, com uma coluna, saíra do Quartel General para envolver a Rotunda, informou-o de que *«Infantaria 2 dispersara e a bateria ficara desamparada»*.

Era caso para perguntar ao coronel: então

porque a desamparou? Mas não; o general reflectiu e de acôrdo com o seu chefe do E. M., o tenente-coronel Garcia Guerreiro, mandou ordem à bateria para retirar. . .

Êste general Carvalhal saíra do Rocio com fôrças para envolver a Rotunda, e não achou melhor caminho para isso que o da Luz onde foi ter, não precisamente, pelo conhecido rifão, — todos os caminhos vão dar a Roma, — mas porque na Luz «poderia defender-se de qual-quer tentativa do inimigo e tinha telefones para comunicar com o Quartel General!» . . .

Isto, duma coluna que vai atacar a Rotunda pela rectaguarda ir parar à Luz, para evitar um ataque do inimigo, é de respeito. . . E a preocupação que êstes generais todos têm de falar ao telefone? . . . Já Malaquias de Lemos se lastimava de que não tivessem dó dêle, dêle que passara a noite *a falar aos telefones*. . .

É pecha dos generais! . . . e parece ópera cômica! Que pena que neste país não haja um Lecocq nem um Offenbach! . . .

Por fim, ao cabo de grande trabalho, o general Carvalhal e o seu chefe do E. M. tenente-coronel Garcia Guerreiro, conseguem apanhar um telefone no Jardim Zoológico e comunicam

com o Quartel General, que lhes dá ordem... para recolherem.

Palavra que não valia a pena ter-lhes dado ordem para ir tão longe falar aos telefones.

«Quisemos retroceder para S. Sebastião da Pedreira, mas do Quartel General disseram-nos que era uma imprudência, passar tão próximo do inimigo!»...

Pois está claro! Que imprudência querer ir passar ao pé do inimigo! Pois as fôrças foram mandadas sair do Rocio, precisamente para se afastarem do inimigo. Boa, esta; querer passar perto do inimigo. Prudência, senhores generais, muita prudência! É com prudência que se conserva intacto o corpinho e nos braços os galões; que a dignidade e a honra fiquem em farrapos... nada quer dizer, são coisas que não se vêem...

E como o *mot d'ordre* era prudência, foram para a Luz para perto dos rapazes do Colégio Militar que lhes deram pão. Iam a *nove*, por causa da *prudência*.

Infantaria 2, essa lá foi para Monsanto — sempre a prudência — ter a Belém ao quartel do 1... *devido à impossibilidade de nos acompanhar...*, diz o relatório do general

Carvalhais; parece que por causa da *prudência* iam despedidos a *nove* para a Luz.

Após a corridinha na Luz, a *coluna envolvente* lá voltou ao Rocio às 6.30 da tarde.

Gloriosa jornada!

Paiva Couceiro, êsse, recebida ordem por intermédio de Martins de Lima para retirar, foi pela rua da Palma, ao Rocio. Êste não tinha *prudência*; atravessava a direito sem olhar a quem estava.

*

*

*

Nas Necessidades, Caçadores 2 com Infantaria, parte do 16, 2 companhias e um esquadrão da Municipal, tudo sob o comando do coronel Brito e Abreu, conservavam-se imóveis à espera dos acontecimentos; tinham-os mandado defender o Paço.

O chefe do E. M. da divisão diz que «enviou repetidas ordens a esta brigada para ir tomar parte nas operações no centro da cidade, mas que ela não obedeceu».

E acrescenta — (*Correio da Manhã* de 28 de Novembro de 1910):

«Pouco depois fixava com o general um plano de ofensiva pelas cumiadas do Príncipe Real e Campo de Santana, com as fôrças disponíveis das Necessidades, e Infantaria 2, e ordenava ao coronel Brito e Abreu para marchar organizando duas colunas; uma com Infantaria 1 iria para o Largo das Duas Igrejas, Estrêla e Côrtes; outra com Caçadores 2 para o Príncipe Real, o resto das fôrças para S. Roque.»

Contando bem, acho que as colunas não eram duas, mas três. E para quê? Para continuar a dividir as fôrças. Todo o plano da divisão gira em tórno dêste eixo; dividir, fraccionar, pulverizar.

Continuando, diz o chefe do E. M. que o emprêgo da artilharia no Torel tinha por fim preparar o movimento ofensivo. A cavalaria da Municipal, com Cavalaria 2, foi incumbida de conservar desembaraçada a cumiada *Duas Igrejas-Patriarcal*. As tropas, porém, acrescenta o chefe do E. M., não executaram a ordem.

A ordem, evidentemente, era tôla. Com o seu plano, o chefe do E. M. ainda fraccionava mais as fôrças do que já estavam. De duas,

uma: ou o Chefe partia do princípio que os revoltosos estavam *todos* na Rotunda, e portanto não precisava fazer *tanta manobra*, ou sabia ou esperava que houvesse mais centros de resistência espalhados, e não fraccionava as suas fôrças. Portanto, em qualquer caso, o plano do chefe do E. M. era inepto e ineficaz.

Mas, não tendo o coronel Brito e Abreu obedecido à ordem, porque o não fez o chefe do E. M. substituir? Não tinha oficiais disponíveis? Estava êle, chefe do E. M. Que fôsse executar o seu plano de que dependia a salvação das instituições cuja guarda estava confiada ao seu general.

Não foi? Não cumpriu com a sua missão.

Efectivamente, as fôrças das Necessidades não acataram a ordem do general. «O Conselho de oficiais, diz o «*Mundo*» de 11 de Outubro de 1910, reuniu, não acatou esta ordem; os soldados murmuraram e não marcharam».

Mas é que recebida a ordem, ao comandante da brigada restava apenas cumpri-la; não tinha consultas a fazer; e dando ordem de marcha, todos a executariam.

Mas... depois de tudo feito, depois da

revolução vencer, todos se mostram e procuram provar estar pelos revoltosos.

Os oficiais de Caçadores 2, por exemplo, vêm declarar no *Século* de Novembro de 1910, que não é verdadeira a asserção do tenente Parreira de que o seu regimento fizera fogo sôbre o Quartel de Marinheiros. Que, por ordem superior, fizeram fogo, mas... «sôbre as pedras da calçada». E acrescentam: *ao verem o batalhão atingido por referências que reputam pouco lisonjeiras, se resolvem a vir rebatê-las*».

Ora aqui está como Deus quiere os corações:

Dizer Parreira que o 2 de Caçadores *estando a defender o Paço* fez fogo sôbre os marinheiros é *referência pouco lisonjeira*; dizerem os oficiais que estando para defender o Paço, fizeram fogo sôbre as pedras da calçada é que é lisonjeiro a valer.

O 2 de Caçadores não defendia o Paço, mas mantem-se na posição; não defendeu os revoltosos, visto que se não passou para êles; então qual foi a sua *atitude lisonjeira*? Jogar com pau de dois bicos.

Se vencesse a monarquia, o 2 estivera

firme, e se o tenente Parreira viesse então dizer que êle, 2, fizera *fogo sôbre as pedras da calçada*, o 2 indignado com a *pouco lisonjeira referência*, responderia que fez fogo sôbre o quartel.

A duplicidade, é uma virtude nos tempos que vão correndo, em que a cobardia anda aliada à falta de carácter e à falta de vergonha. O 2, o melhor, era calar-se.

Teixeira de Sousa diz a respeito da attitude de caçadores 2:

— Quere dizer que caçadores 2 estava pela revolução ou, pelo menos, disposto a *não contrariar a acção conjunta dos militares e do povo*, de que João Chagas falou na *Capital*. Em infantaria 2 e caçadores 2 não houve uma única baixa».

Muito bem, Sr. Teixeira de Sousa, lavre lá dois tentos:— *Não contrariar a acção conjunta dos militares e do povo*, é muito bem achado; vale um dinheirão. De forma que na revolução, afora meia dúzia de sinceros, só há dois partidos: os militares e povo que querem a República, e os militares e povo que não querem contrariar a acção conjunta, etc., etc.. Muito bom!

*

* *

Depois de rebentar a revolução reüniram-se no Rocio Infantaria 5, Caçadores 5, 2 esquadrões da Municipal, 40 praças de Cavalaria 4, a bateria de Queluz.

O comandante da divisão empregou tôdas estas fôrças em guarnecer as embocaduras das ruas que vinham ao Rocio.

A ideia, ao que parece, era defender D. Pedro IV.

Êstes regimentos estiveram ali a receber a acção desmoralizadora do povo que os cercava e procurava atrair, e a acção desmoralizadora do fogo que ouvia a distância, das granadas que rebentavam, das notícias que corriam.

Na manhã de 5, o tenente-coronel Saúde, receando que o povo duvidasse das suas ideias, avança para êle de braços abertos. E o povo ainda com uns restos de ingenuidade e de boa fé, a fugir diante dêle; êle então, para os convencer, tem um rasgo: atira com a bandoleira e com a espada para o chão, e avança de braços abertos... Foi um delírio! o povo aclamou o tenente-coronel do regimento!

Em Infantaria 5 um tenente, Valdez creio eu, «ardia em desejos de se passar para os republicanos». Mas como? Bradar *Viva a República!* era arriscadote; e vamos que algum soldado não gostava? o tenente é hábil: *apalpa* os sargentos, e enquanto está neste trabalho, as metralhadoras do Empis rompem fogo, «e tal pânico causam no regimento que os soldados largam a fazer fogo vivo».

Rebentam umas granadas bem altas; o regimento foge para detrás do Suíço.

Martins de Lima aparece e tenta contê-los; debalde: «os soldados desmoralizados, diz Valdez, *não vendo nos chefes energia*, fizeram fogo por medo». «Os revolucionários faziam fogo para o ar... Os oficiais superiores não tinham aparecido na linha de fogo. No comêço da noite atiraram-nos bombas; estabeleceu-se uma confusão... os soldados fugiam... outros por *pânico* fizeram um fogo doido... uma bala sibilou-me aos ouvidos e roçou-me pela face...»

Não estou bem certo se lhe chamuscaria algum pêlo...

O regimento, depois, *extenuado*, foi descansar para detrás da estação do Rocio!

Valdez com outro alferes ou tenente, Bragança, resolveu fugir... «mas eram tantas as dificuldades...» que resolveu esperar os acontecimentos...

Ora aqui está a verdade — resolveu esperar os acontecimentos —; foi o que tôda a gente fez, todo o mundo *esperou os acontecimentos!*

Na manhã de 5, o coronel de Caçadores 5 vai perguntar ao de Infantaria 5 «quais eram as cartas com que se jogava».

E o de Infantaria 5 até então desconfiado, concerta-se com êle e vão os dois até ao Quartel General, naturalmente para declarararem o trunfo.

Rico joguinho, êste.

Nessa mesma manhã, um alferes do 5 de Caçadores, foĩ ao «S. Rafael» dizer que as fôrças do Rocio se entregavam à Marinha. Não sei se êste senhor alferes levava credenciais dos seus camaradas, mas dada a atitude de todo o regimento: — *de não contrariar a acção conjunta*, etc... é de crer que sim.

Mas que foram os coroneis dos dois *cinco*s fazer ao Quartel General? Apenas para dizerem «que o cansaço e o desalento eram manifestos»; «que a monarquia estava ferida de morte»;

«que servidores da Nação tinham que respeitar a vontade desta»; «que não queriam contribuir para uma verdadeira chacina»... «*Que tinham ordenado para não atirar sôbre os marinheiros!*»... Está-se a ver, os marinheiros, o terror do marinheiro; o terror da população alfacinha pelo marujo que ela supõe ainda ser o faia, de faca à cinta, sempre pronto a picar...

Que soma de cobardia!..

Êstes senhores comandantes «iam diàriamente ao Quartel General, asseverar ao general que respondiam pelos seus regimentos como por êles próprios».

E não houve nunca um raio que os partisse!

Caçadores 5 e Infantaria 5 *não tiveram uma única baixa!*

Não prejudicavam a acção conjunta, etc.

*

* *

Detalhes que não foram metidos nos seus lugares para não prejudicar a ordem da descrição e crítica:

Martins de Lima aparece em tôda a parte onde há balas e granadas, é um facto; mas não pára em parte alguma. Não pode, por ser ajudante do general? Então fôsse para o pé dêste e pusesse-o em marcha; obrigando-o a comandar.

Na noite de 3 o chefe do E. M. telegrafou para Santarém, chamando Caçadores 6 e Artilharia 3; e o Ministro da Guerra chamou Cavalaria 3, 5 e Infantaria 15.

Os telegramas *passaram*, mas os regimentos não vieram.

Nada de perturbar a acção conjunta, etc.

Couceiro, às 2 da madrugada de 5 recebia ordem para do Torel bombardear a Rotunda; foi, mas das 7 para as 8 da manhã recebia ordem para retirar para o Rocio.

Era o armistício; nesta *degringolade* trágico-cômica, nem o cômico do armistício faltou.

Foi o Encarregado de negócios da Alemanha que fez esta boa obra; o Imperador Guilherme deve agradecer-lhe; pretendia êle um armistício «para fazer embarcar os seus naturais».

O comandante da divisão atendeu-o e durante êsse tempo, as tropas supondo liqui-

dada a questão, visto que os mandaram cessar fogo, fraternizaram com o povo.

E assim se implantou a República.

Dizem que foi o directório, que foi Machado Santos, que foi o Almirante Reis... não foi nenhum desses; quem implantou a República em Portugal foi o Encarregado de negócios da Alemanha.

*

* *

O coronel Malaquias, o comandante das Guardas Municipais, êsse conservou-se dois dias e duas noites «sentado à secretária a cumprir o seu dever, com oficiais e telefones»...

E quando os populares invadiram o Rocio, algumas balas vieram bater nas ombreiras das janelas do Carmo.

E o coronel Malaquias, logo dum salto:

— Desdobrem êsse lençol! Desdobrem êsse lençol! Tragam um lençol! Tragam uma coberta! Uma coberta não (eram vermelhas) que podem julgar que é ofensa! Clarim, toca a cessar fogo! Que êles percebam bem que aqui não há resistência!...

E êle mesmo, o coronel comandante das Guardas, encoberto pela ombreira da janela, desdobrou e agitou o lençol salvador, com vigor, com energia, de forma que se visse bem.

Nisto estruge a campainha do telefone; o coronel acorre rápido:

— Está lá?

— Estrêla.

— Quem fala?

— Sou o sargento... recebi ordem para me render; mas ó meu comandante, a gente pode resistir; eu cá agüento-me; não entram comigo!

E o coronel furioso:

— Renda-se! Entregue-se que também me entreguei.

— Mas, meu coronel, a gente pode resistir bem!

— Renda-se, já disse!

E voltando-se para os oficiais que assistiam ao diálogo:

— Ora vejam como está a disciplina! A que indisciplina chegou o exército! Um sargento a discutir comigo a oportunidade de se render! Que me dizem ao sargento, hein? Que me dizem ao sargento?

Pobre sargento! Miserável verme que te atreveste a dar uma lição de dever, de disciplina, de honra, ao teu comandante! Como? Pois tu, sargento, o 2.º ou 3.º degrau dessa enorme escada da hierarquia militar em cujo tampo quási, estava o teu coronel, atreveste-te tu a ter honra quando êle a não tem, atreveste-te a querer cumprir o teu dever, quando êle não cumpre?

Pobre sargento! E nem o teu nome a gente sabe, para que o possa apontar na história como um dos poucos caracteres íntegros e nobres, que cumpriram com o seu dever nesses primeiros dias de Outubro em que a Monarquia, podre há muito, finalmente caiu! Pobre sargento! Honra ao teu nome ignorado!

Se a República fôsse justa, digna e generosa, iria procurar o teu nome ao arquivo do teu regimento e fá-lo-ia inscrever em letras de ouro na portaria do quartel. E promover-te-ia a alferes a ti que tinhas a compreensão nítida dos teus deveres, da honra do teu regimento, e da tua missão.

Como se rendeu a Guarda?

É o próprio coronel Malaquias quem o conta no *Diário de Notícias* de 1 e 2 de

Março de 1912? Os chefes republicanos vêm ao Quartel do Carmo, e entregam ao coronel Malaquias a *bandeira rica do directório*; Malaquias, penhoradíssimo, ao que parece, *fá-la içar pelo seu ajudante*, que para isso tem que arriar a *outra*, aquela que Malaquias tinha de defender como comandante das Guardas e como ajudante do campo do Rei, seu amigo e companheiro.

Quando o principal sustentáculo do trono procede assim, como se estranhará o procedimento dos outros?

Não havia monárquicos no país, visto que o principal sustentáculo da Monarquia não o era.

Que bela ocasião êste homem perdeu de morrer!

Que quadro soberbo, a sua figura gigantesca a cavalo, à frente da Cavalaria da Guarda, acutilando os defensores da Rotunda!

Mas não; depois de passar três noites ao telefone, *morreu* agitando um lençol para que lhe poupassem o coirão.

Não basta porém tanta baixeza: é preciso ainda humilhar o comandante das Guardas, e êle humilha-se comprometendo a sua palavra de que a Guarda não pegará em armas.

Machado Santos diz que foi o próprio Malaquias quem içou por suas mãos a bandeira republicana no Carmo.

Não, tanto não acredito. É impossível!

*

* *

Apreciado o procedimento dum dos grandes esteios do trono, vejamos agora o procedimento do outro esteio—o comandante da divisão.

Logo após o *armistício* reünem no Quartel General os comandantes que estavam no Rocio para conselho; preside a êle o general Gorjão.

O conselho era incompetente, por isso que nele não tinham assento os que deviam ter, mas passemos adiante.

Martins de Lima fala, e invectiva os coroneis de Caçadores 5 e Infantaria 5 pela sua attitude dúbia. O general apazigua o seu ajudante e expõe a situação; Couceiro, que chega nesse momento, interrompe-o dizendo que não vale a pena tanto palavriado:

—O General já não tem soldados! e mostra-lhe pela janela a tropa e o povo confundidos.

O General fica pasmado e manda que se lavre *uma acta*, e que todos a assinem:

— Assine-a V. Ex.^a, interrompe Couceiro, eu não!

— Combati ontem, combati hoje e estou pronto a combater ainda; mas lá de actas, não; com actas nada tenho. E com licença de V. Ex.^a, sigo o meu destino para o Norte!

E a sua figura nervosa, esbelta, rígida de soldado, ergue-se e subleva tôdas as outras curvadas sôbre a acta a assinar. É a figura do Santo Condestável nas vésperas de Aljubarrota, erguendo-se bravo e irado contra a fraqueza e cobardia do Conselho.

Menos feliz, porém, que o Condestável, Couceiro não consegue insuflar naqueles espíritos desmoralizados uma parcela sequer da sua energia e da sua fé, e sai do Quartel General.

O Conselho acabou num tumulto, todos encolhidos, com os olhos pávidos por terem visto ainda a figura homérica do velho Portugal histórico.

E a bandeira verde e vermelha subiu triunfante no mastro do Quartel General.

Ah! Couceiro! Em Aljubarrota o Santo

Condestável tinha por chefe D. João I; na Rotunda tu, tinhas por chefe... o General Gorjão!

Então, Machado Santos entra no Quartel General e entrega o comando da divisão ao general Carvalhal; deviam-lhe bem isso, ao chefe da *envolvente* que foi parar à Luz.

*

* *

De tôda esta história ressaltam algumas figuras nobres, umas pelo seu carácter, outras pela fôrça da convicção. Temos em primeiro lugar Couceiro, nobre, valente, desinteressado, batendo-se até ao fim, procurando salvar o trono; temos Martins de Lima, carácter lídimo, nobre, que procura fazer o que o general não quis fazer, mas perdendo a sua energia no lamaçal de descrença e de traição que o rodeava; temos Machado Santos, um crente numa nova Era, numa nova Religião Pátria e batendo-se tenaz e nobremente por essa ideia, e nada mais acho em chefes.

Houve ainda nos soldados nobreza e carácter, como no caso do Sargento da Estrêla,

mas raros foram. Resta-me curvar-me perante a figura nobre do Coronel do 16, que morreu defendendo a honra do Regimento, da do capitão Barros, da do comandante Álvaro Ferreira, e dos oficiais, marinheiros e soldados que souberam defender o seu posto até caírem feridos ou mortos.

Honremos os vencidos!

*

* *

O Exército demonstrou à evidência que não servia como apoio das instituições, e o que é pior, o exército demonstrou a sua incompetência e a sua inutilidade como elemento de fôrça e de defesa do país.

A soma de indecisão, de ignorância, de incompetência demonstradas foi enorme, e faz crer que, em caso de guerra estrangeira, o país será invadido e ocupado antes mesmo de que se reúnam as fôrças ou se realize qualquer concentração.

Pois se a execução dum simples plano de concentração de fôrças da guarnição de Lisboa não foi possível realizá-lo; pois se não houve

um general para um comando; pois se o comando e seu Estado Major se demonstraram incompetentes e inúteis numa simples revolta de meia dúzia de regimentos, como poderemos esperar que se faça e execute um plano de mobilização, se ponham grandes massas em movimento, se abasteçam e façam combater?

Pois se não houve meio de coordenar os movimentos de 3 ou 4 regimentos, de pequeno efectivo, como será possível coordenar o de 2 ou 3 divisões com os formidáveis efectivos de guerra?

A revolução demonstrou bem claro ao país que o exército, como está, para nada serve, absolutamente para nada, e que é preciso cuidar dêie a valer. Considerar *exército* três ou quatro dúzias de regimentos de efectivo reduzidíssimo, sem sombra de instrução, é não fazer ideia do que é um exército. Considerar Exército essa aglomeração de homens mal pagos, mal fardados, mal armados, mal educados, é não saber o que é EXÉRCITO. Considerar Exército essa horda de semi-selvagens bisonhos, de cérebro rombo, ideias tacanhas, é não saber o que é um Exército. Considerar Exército êsse agru-

pamento de homens sem disciplina, sem crenças algumas, é não saber o que é exército.

E podem fazer quantas reformas quiserem, no papel, podem escrever as mais pensadas e lindas coisas, podem, que nem por isso rejuvenescerão o exército.

As reformas a introduzir têm de ser radicais; é preciso começar pelas escolas, preparando a criança, introduzindo-lhe ideias no cérebro, preparando-a para a vida e para a luta; é preciso preparar a criança dando-lhe a preparação indispensável para mais tarde, quando homem, poder compreender os seus deveres como cidadão e como soldado; é preciso dar-lhe desde pequenino as noções de patriotismo, de dignidade, de independência de carácter que o disponham a vir a ser um cidadão proveitoso, e um soldado intrépido e consciente.

E para isso é indispensável começar a educação nas escolas infantis, é indispensável criar e proteger entre nós uma organização análoga à dos *Boys Scouts* que tem transformado em meia dúzia de anos todo o carácter nacional da Inglaterra, transformando o horror pela vida militar, na mais viva simpatia por essa instituição.

E é indispensável que govêrno e povo se compenetrem da ideia de que, em tôda a parte, o exército é não só a garantia da independência da Nacionalidade, mas a condição mais importante da sua vitalidade e a demonstração prática do seu valor moral e material.

Um forte e bem disciplinado exército só se encontra nas nações fortes e disciplinadas.

Nas nacionalidades irrequieta, ou corruptas ou decadentes, o exército é irrequieto, ou corrupto, ou decadente. O desprezo pelo exército só existe naquelas Nações que têm a consciência da sua inutilidade e impotência; porque o exército é, em tôda a parte, a expressão mais viva da Nacionalidade, do Patriotismo e da Independência.

MAJOR GOMES DA COSTA.

DIÁRIO POLÍTICO

1921.

Baltazar Cabral pede-me uma entrevista no seu escritório da Rua de S. Julião. Fala-me na situação aflitiva do país e da necessidade de eu intervir; como lhe diga que não pensei nunca em chefiar uma coisa destas, propõe que me encontrasse com uma pessoa capaz de fazer ligações e marca-me um encontro com o Dias Ferreira (que me apresenta por carta) em casa do Bric-à-Brac — Rua do Alecrim, o qual me diz dispôr de muitos elemen-

tos. A êste tempo Álvaro de Castro nomeia-me comandante da 4.^a Divisão e a

21 de Maio — Parto para Évora, quando pouco depois se dava o movimento chefiado pelo coronel Coelho.

22 de Maio — Parto para Lisboa, pequena confusão na cidade.

24 de Maio — Escrevo ao Machado Santos, desligando-me da Federação.

25 de Maio — Govêrno de Tomé de Barros Queirós, com Silveira na Guerra e Abel Hipólito no Interior.

10 de Julho — Eleições. Tenho 110 votos!

9 de Setembro — António Granjo, presidente do Ministério, chama-me a Lisboa; fala-me em revoltas projectadas; garanti-lhe que não estava implicado em coisa alguma desde que estou à testa da Divisão e era verdade. Deixa-me no gabinete a sós com o Dr. Egas Moniz, o que me deu a im-

pressão que queria dizer-me qualquer coisa que não disse. Porquê?

19 de Outubro — Revolução em Lisboa, morte do Machado Santos, e outros. Novo Ministério, presidência Manuel Coelho. Repugna-me tudo isto e peço a minha exoneração. Ministro da Guerra Cortês dos Santos procura dissuadir-me (28 de Outubro). Insisto; oferece-me o comando da 1.^a Divisão e uma missão à Itália. Recuso.

Dias Ferreira procura-me para que eu forme govêrno, mas a 30 de Outubro aparece já com outras ideias, dizendo ser melhor esperar; oferece-me os seus serviços.

3 de Novembro — Publico na *Capital* um artigo repelindo a insinuação feita pelo Manuel Maria Coelho de ter eu recusado dirigir o inquérito aos assassínios da noite de 19 de Outubro... por mêdo!

5 de Novembro — Volta o Dias Ferreira a querer movimentos.

- 7 de Novembro — Baltazar Cabral vem a minha casa dizer-me que não me fie no Dias Ferreira; que não me meta em movimentos.
- 9 de Novembro — Presidente do Ministério Maia Pinto — Chama-me para me expôr o seu programa de govêrno e oferece-me um lugar no Supremo Conselho de Justiça Militar. Disse-lhe nada querer.
- 10 de Novembro — Conferência com o general Silveira que promete o apoio do Campo Entrincheirado para o movimento e cartas para a Escola de Vendas Novas.
- 11 de Novembro — Recebo em casa o Raút Esteves, Freitas Ribeiro, Luna de Oliveira, Cameira, Teófilo Duarte, Tamagnini, Velez, Trindade Coelho, Carlos de Oliveira, jornalista Ribeiro de Carvalho, Meira e Sousa, Sérgio Príncipe, Mário Drolhe, Duarte Costa, major Matias, Otero Ferreira, Dias Ferreira, Rui Gomes da Costa (que por sinal não me é nada), Carlos da

Maia, Carlos Pereira, da Companhia das Águas, alferes Romão, Barahona, Liberato Pinto, etc., capitão Madeira Pinto, Américo de Oliveira, Vasconcelos e Sá. Esteves entende não haver preparação suficiente para o movimento. Luna de Oliveira fica encarregado das funções de chefe do Estado Maior.

12 de Novembro — Aparece-me
com João de Almeida.

13 de Novembro — Procuram-me Trindade
Coelho, Meira, Cameira, Mac-Bride de
artilharia.

15 de Novembro — Procurei o tenente-coronel
Freitas Soares da aeronautica que prome-
teu ajudar-me como pudesse. Falei com
o general Simas Machado, comandante
da 3.^a Divisão — idem.

16 de Novembro — O Velez propõe-me falar
com o Sérgio Príncipe. Reunião em casa

do Dias Ferreira; fala-se muito, resolve-se pouco; todos barrigudos, excepto o Teófilo Duarte, o Cameira e um alferes de Infantaria 1.

18 de Novembro — Em casa do Otero Ferreira, falo com o capitão Matias da G. N. R. Em casa do Carlos Pereira falo com o João de Almeida. Faio com o Álvaro de Castro.

20 de Novembro — Discurso no cemitério pelo assassinio do Machado Santos. Sensação.

21 de Novembro — Aparece-me o Drolhe com Sérgio Príncipe. Maia Pinto quer demitir-se. Prestes Salgueiro preveniu-me de que os revolucionários do 19 de Outubro querem impôr um ministério ao Presidente, e que não devo ficar de noite em minha casa, porque querem prender-me.

25 de Novembro — Visito o Ministro de Inglaterra. O Dias Ferreira aconselha-me a pedir dinheiro à Associação do Patronato.

Recuso. Matias e Esteves fogem-me; vejo tudo a esborear-se.

27 de Novembro — Procura-me o tenente Sousa Azevedo que promete trazer-me o...?

28 de Novembro — Chamada ao Ministério da Guerra, por denúncia. Falo ao general Simas Machado.

29 de Novembro — Visita do Dias Ferreira e Drolhe.

13 de Dezembro — Caiu o Ministério — Presidência, Cunha Leal; Guerra, Freiria.

27 de Dezembro — Boatos de revolta. Á 1 da madrugada de 27 para 28 vem um automóvel buscar-me para me levar ao Campo Entrincheirado onde está reunido o Ministério (Caxias).

28 de Dezembro — O Ministro da Guerra quer que eu vá para Santarém comandar uma

coluna; apresenta-se o Passos e Sousa para chefe do Estado Maior.

1922.

1 de Janeiro — Cunha Leal cai.

4 de Janeiro — Chamada ao Ministério da Guerra por causa de uma entrevista que dei à «Opinião».

5 de Janeiro — O Freiria dá-me 20 dias de prisão em Caxias. Muitas visitas.

14 de Janeiro — Reclamo do castigo. Tamagnini meu defensor.

19 de Janeiro — Convite do Ministro Inglês para um chá.

22 de Janeiro — Meira e Sousa propõe-me introduzir o meu nome na lista da conjunção republicana.

2 de Fevereiro — Recepção a bordo do navio inglês.

14 de Fevereiro — Reunião no escritório do Dr. Jacinto Simões para um movimento.

16 de Fevereiro — Procurado por Rosa Mateus.

24 de Julho — Aparece Pita Simões com a mesma história de movimentos.

29 de Julho — Conversa com o Dr. Vieira da Rocha, Freitas Ribeiro e Pedro Fazenda. Depois de tanta trapalhada, procuro conseguir uma comissão nas colónias.

27 de Agosto — Embarque para a China.

1923-4.

China e Índia.

7 de Maio de 1924 — Chegada a Lisboa.

1925.

Julho — Aparece-me o tenente Ruas a falar-me vagamente em movimentos.

23 de Julho — Idem o tenente Travassos Arnedo, então em Setúbal, e dizendo-se enviado pelo Cordes e Esteves, o primeiro prêso em Elvas e o segundo na fragata D. Fernando, pede-me uma carta de apresentação para o Carmona, comandante da 4.^a, afim de êste se aliar connôco.

31 de Julho — Carlos da Maia com Fernandes propõe-me chefiar um movimento.

29 de Setembro — Procura-me o irmão do Cabeçadas, capitão Cabeçadas, para combinar um movimento.

13 de Outubro — Procura-me o Carlos de Oliveira que me leva ao Instituto Superior de Comércio. Aí encontro o Dias Ferreira; pretendem combinar um movimento para o

qual diziam dispôr de muitos elementos na guarnição. Respondi que mos mostrassem.

Neste mesmo dia encontro o Malva do Vale que me fala na necessidade de um movimento das esquerdas.

14 de Outubro — Em vista do que se passou a 29 de Setembro vou a casa do Comandante Cabeçadas, que mora na mesma rua, mas êle não me fala em coisa alguma e eu... *fechei-me*.

19 de Outubro — Chamada ao Ministério da Guerra.

1926.

12 de Fevereiro — Vem Cabeçadas falar-me num movimento. Então, recuso.

17 de Maio — Tenho dois convites para chefiar movimentos: um, de um doutor apresentado pelo Meira; outro, de 2 indivíduos apresentados pelo meu ajudante.

- 25 de Maio — Aparece-me o Pereira de Carvalho dizendo que me podia pôr à testa das guarnições do Norte.
- 26 de Maio — Parto às 17 horas do Colégio para o Norte.
- 27 de Maio — Chegada ao Pôrto às 8,30; almoço em casa de Camilo de Macedo e passo depois para o Colégio da Boa-Vista, durmo em casa de Manuel do Couto.
- 28 de Maio — As guarnições revoltam-se e, sem disparar um tiro, fico senhor da situação no Norte. Adesões de diversas guarnições.
- 2 de Junho — Partida para Lisboa — Coimbra.
- 3 de Junho — Entroncamento — Vou a Sacavém — conferência com Cabeçadas, acorda-se na formação do govêrno:
- Presidência e Interior — Cabeçadas.
Guerra e Colónias interino — Gomes da Costa.
Estrangeiros — Carmona.

Justiça — Almeida Ribeiro.
Marinha — Jaime Afreixo.
Finanças — Salazar.
Comércio — Cordes.
Instrução — Mendes dos Remédios.

17 de Junho — Partida do Entroncamento para
Sacavém. Marcha das tropas para rodear
Lisboa.

NOTAS BIOGRÁFICAS

General Gomes da Costa

Assentamento de praça — 8 de Novembro de 1880. Alferes graduado — 9 de Janeiro de 1884. Alferes — 12 de Dezembro de 1885. Tenente — 7 de Novembro de 1889. Capitão para o ultramar — 20 de Julho de 1893. Capitão — 20 de Janeiro de 1898. Major — 15 de Março de 1907. Tenente Coronel — 28 de Junho de 1912. Coronel — 30 de Junho de 1914.

Sub-Chefe do Estado Maior do comando em chefe nas operações contra os rebeldes na Índia — 17 de Outubro de 1895.

Comandante da coluna que executou o

reconhecimento de Amoná (Satary) — 21 de Outubro de 1895.

Comandante da coluna de operações em Satary — 28 de Outubro de 1895.

Combate de Gutnem, em que ficou ferido — 4 de Novembro de 1895 (comando).

Combate da Coluna Volante — 14 de Fevereiro de 1896 — (comando).

Reconhecimento e combate do desfiladeiro do Ambigante — 17 de Fevereiro de 1896 — (comando).

Comandante da Coluna Volante, que operou na província de Embarbagem — 14 de Fevereiro de 1896.

Capitão-mór das terras da Corôa na província de Moçambique — 14 de Outubro de 1896.

Combate da Mujenga — Moçambique — 19 e 20 de Outubro de 1896.

Comandante dos Auxiliares na Coluna de operações contra os Namarrais — 17 de Fevereiro de 1897.

Combate de Naguem — 3 de Março de 1897.

Combate de Ibrahimo — 6 de Março de 1897.

Combate de Mucuto-Muno — 7 de Março de 1897.

Combate de Macontene (Gaza, 21 de Julho de 1897).

Surprêsa e morte do Maguiguana — 10 de Agosto de 1897.

Governador de Gaza — 23 de Março de 1897.

Comandante da Coluna de Operações nos territórios da Companhia do Nyassa — 10 de Outubro de 1899.

Comandante do Humbe (Angola) — 30 de Abril de 1902.

Chefe do Estado Maior da Coluna de operações no Cuanhama — 1904.

Capitão-mór do Mossuril — 28 de Agosto de 1906.

A 8 de Fevereiro de 1916 é chamado ao Ministério da Guerra e encarregado de percorrer as guarnições donde saíam os contingentes para a formação da 1.^a Brigada que devia marchar para a campanha da França; foi, e a 30 de Janeiro de 1917 saía do Tejo com essa Brigada, indo fundear em Brest a 2 de Fevereiro.

A 20 de Abril constituiu-se em França o

Corpo de Exército Português com 2 divisões, e foi-lhe confiado o comando da 1.^a num efectivo de 15 mil homens.

A 1.^a Divisão entrou na frente de batalha em Maio de 1917 e aí se manteve até 20 de Março de 1918 em que, exausta, teve de ser rendida pela 2.^a Divisão: o General Gomes da Costa, porém, não retirou com essa Divisão, e ficou na frente de batalha passando a comandar a 2.^a.

Desde Maio de 1917 até 9 de Abril de 1918, isto é, durante perto dum ano, as duas divisões conservaram-se sempre debaixo de fogo sendo os combates mais notáveis:

Em 1917: 4, 5, 12, 14, 16, 17, 18, 22, e 23 de Junho; 2, 7, 8, 25, 26, 30 de Julho; 4, 7, 10, 12, 13, 20, 23, 25, 26 de Agosto; 3, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 18, 23, 28 de Setembro; 24, 25 de Outubro; 2, 5, 9, 10, 14, 22, 24, 26 de Novembro; 21 de Dezembro.

Em 1918: 4, 15, 16, 18 de Janeiro; 5, 10, 14, 15, 16, 17 de Fevereiro; 1, 2, 6, 7, 9, 14, 15, 19, 20, 28 de Março; 3, 4, 6, 8, e finalmente 9 de Abril de 1918.

Em 19 de Janeiro de 1917 o comandante

do Corpo do Exército a que pertencia a minha Divisão, o General Hacking, «louva-a pela forma como tem mantido o sector, especialmente sob os bombardeamentos de 12 para 13 de Janeiro».

A 20 de Janeiro o Ministro da Guerra, general Norton de Matos, louva-a pela sua bravura e disciplina.

A 25 de Janeiro, o General Horn, Comandante do 1.º Exército, ao apresentar-me a S. A. o Duque de Connaught tem as melhores palavras para com a minha Divisão.

A 11 de Julho, o mesmo general faz o mesmo louvor ao apresentar-me a S. M. o Rei de Inglaterra, que me agraciou com a comenda de S. Miguel e S. Jorge.

A 14 de Outubro o sr. Presidente da República Portuguesa, visita a minha Divisão e tem para ela palavras de louvor.

A 24 de Novembro o chefe do Estado Maior do Exército, General Andersen, visita a minha Divisão e louva-a.

A 16 de Janeiro de 1918, no seu relatório anual, o Comandante em Chefe do Exército, General Sir Douglas Haig, refere-se com louvor às duas Divisões que comandei, dizen-

do-as compostas de leais e intrépidos soldados.

A 8 de Abril o comandante do meu Corpo de Exército, General Hacking, reconhecendo o estado de fraqueza das Divisões há tanto tempo em serviço permanente, na primeira linha, quasi ininterruptamente debaixo de fogo e setenta combates parciais, que lhe tinham causado numerosas baixas e sobretudo o grande desfalque em officiais, resolve rendê-las e nesse sentido expede ordens.

É precisamente neste momento que o inimigo ataca a minha Divisão com 8 *divisões*: a Divisão Portuguesa bateu-se briosamente, mas foi esmagada, como não podia deixar de ser por tão grande desproporção numérica, perdendo mais de um terço do seu effectivo, o que prova a resistênciã que opôs.

Retirou então esta Divisão — 2.^a — para a rectaguarda e o comandante do Corpo foi a Lisboa tratar da sua reconstituição e o General Gomes da Costa assumiu o comando do Corpo do Exército — 3 de Maio de 1918.

O General Tamagnini não conseguiu que o Govêrno Português, então, reconstituísse o Corpo, e voltou trazendo ordem para o

General Gomes da Costa regressar a Lisboa, sem lhe explicarem porque lhe retiravam o comando, posto tôda a gente percebesse que era isso devido à sua insistência para que se reconstituísse o Corpo de Exército e nos conservássemos com a mesma representação até ao fim da Campanha.

E assim entregou o comando — 14 de Junho — e partiu para Lisboa a 17 de Junho, chegando a Lisboa a 1 de Julho sem lhe darem explicações plausíveis sôbre as razões por que o retiravam de França, deram-lhe o comando da expedição que em Moçambique operava contra os Alemães e para lá partiu, mas durante a viagem assinára-se o armistício, o que, de resto, era do conhecimento do Govêrno já antes da sua saída de Lisboa, e portanto, sabia inútil esta nova viagem à África.

Por decreto de 8 de Maio de 1918 foi, contudo, promovido a General, por distinção, dizendo o decreto, *«por revelar grande competência, forte acção no comando e outras qualidades de chefe»*.

Comandei o Corpo de Exército, de 3 de Maio a 17 de Junho de 1918; é bom notar

que sendo o General Gomes da Costa louvado e promovido a General *por distinção* em 8 de Maio simultaneamente o chamassem a Lisboa, retirando-lhe o comando!

E para o afastarem de Lisboa — por quê? — mandam-o para a África numa comissão fictícia e inútil para o país.

Aproveitam-se dêle enquanto lhes foi indispensável para organizar as fôrças a mandar para a França e para com elas se bater; comandou uma Divisão, e quando esta retirou não houve outro General para comandar a 2.^a e a êle recorreram, e por fim, exoneraram-o encobrando essa injustiça com um louvor na Ordem do Exército, o que a tornou mais flagrante e mandaram-o à África para o afastar.

E seguidamente afastam-o de tôdas as comissões de serviço sistematicamente conservando-o numa situação apagada e inferior, até mesmo economicamente.

É com exemplos desta ordem que se procura entre nós avigorar o amor pelo Exército e pela Pátria.

POSFÁCIO

Pedem-me para num «posfácio» dedicar ao Bravo Marechal, algumas linhas. No momento que está passando, mais nada posso fazer em homenagem à memória do Marechal, do que entregar o original de umas vulgares linhas que no «Diário de Lisboa» de 20 de Dezembro de 1929 dediquei ao Marechal Português no dia da sua entrada no recinto reservado aos Combatentes da Guerra, no cemitério do Alto de S. João.

Saber desafiar a morte!

Para um soldado, a morte não é nunca uma quantidade desprezível.

A morte é *sempre e só* um adversário

como tantos outros, que surgem pela vida fora e com os quais é hábito esgrimir e lutar!

Para os inermes a morte é um terror incomensurável!

Para os tímidos, um obstáculo insuperável!

Para os temperamentos resignados, uma fatalidade inevitável!

Para os impulsivos e exaltados, a morte nunca passou de um espantalho que os irrita e simultaneamente os amedronta!

Pelos dois primeiros, ou seja pelos inermes e tímidos, a morte deve ter um desprêzo profundo, enorme e muito justo!

Para os resignados a morte deve também ter um gesto de tédio e de aborrecimento.

Portanto, nenhum destes temperamentos é adversário digno da sua grandeza.

Porque a morte é sempre grande pelo *imprevisto*, pelo desconhecimento do *além* e porque é o *inevitável*.

E para os exaltados e impulsivos?

A morte também terá por êles o tédio?,... o desprêzo?,... o aborrecimento?

Nada disso!

A êsses temperamentos a morte acha-os talvez ridículos e quixotescos.

Mas, dirá o leitor, poupa-os muitas vezes antes de lhes lançar as garras dominadoras.

Decerto... Para se divertir... Para os disfrutar... Talvez para se rir um pouco, digamos assim.

Como deve então encarar a morte qualquer valente soldado?

Como em tôda a sua vida a encarou sempre o Valente e Bravo Marechal Gomes da Costa.

De cara levantada, atento sempre aos seus golpes, na consciência plena do perigo que ela nos oferece, defrontando-a sem *hesitações*, mas também sem o arreganho que possa tocar ao de leve, sequer, o domínio do ridículo façanhudo.

A morte deve ser sempre encarada como um adversário que pode ser tudo, e que, por vezes, não é nada.

A bravura pessoal, quando é como a que o Marechal possuía, é quási uma arte, sempre revestida de elegância, de estética e de brilho natural.

Os rasgos de bravura do Marechal, em combate e na guerra, causavam sempre nos que o cercavam e acompanhavam uma impressão especial que é difícil definir.

Cada um dêsses rasgos era um episódio, que nunca mais esquecia e que se ouvia contar sem terror nem repulsa, mas antes com um sorriso de admiração.

As *paradas* com que o Marechal se defendia dos golpes que a morte lhe atirava quando com êle esgrimia eram sempre acompanhadas de atitudes e de expressões, que por si só tiravam à morte, aquele aspecto pavoroso e lúgubre com que ela costuma apresentar-se.

Para o Marechal, o perigo era um «sport» tentador, em que a morte era apenas um *combate de encontro* que o Marechal *aceitava sempre*, com a placidez notável, ar alegre e despreocupado, sem basófilas teatrais, mas com grande cunho de desafio leal e franco.

O Marechal sabia desafiar a morte.

Não a tinha como uma quantidade desprezível — isso seria o ridículo ou a inconsciência do perigo.

Aceitava-a sempre como um adversário bem digno do seu Valor em combate e da sua Grande Alma de soldado em campanha e na guerra.

— *Já morri?* — disse êle pouco antes de morrer.

Não vendo já claro numa luta que para êle foi a última, procurava ainda um golpe para repelir o seu mais familiar adversário, aquele com o qual se defrontou horas e dias inteiros, por vezes meses seguidos, na sua longa, brilhante e gloriosa carreira de Soldado!

Mas não vá imaginar o leitor que o Marechal perguntava se já tinha morrido com aquele ar aterrado dos que esperam do adversário alguma clemência.

O Marechal, ao perguntar se já tinha morrido, encarava bem de frente o seu adversário para «parar» o que êle julgava ser a última cutilada que a morte lhe atirava!

E... realmente o último golpe do adversário não se fez esperar.

A morte tinha vencido o Marechal, mas só o dominou quando o viu avelhentado e doente.

Em combate, nunca ela o tinha podido dominar, nem pelos seus golpes certos nem pelo terror.

O Marechal arredou-a sempre de si, seguindo no seu caminho de Valente Português e de Soldado de Raça.

Morreu!... Tão cedo, Portugal não terá outro igual ou parecido!

Ao Marechal Gomes da Costa, a um mestre do Valor em combate e da Bravura em campanha, a um amigo de 24 anos, dedica estas banais mas sentidas linhas, um seu discípulo da África e da Campanha de França.

Adeus, meu Marechal!

Até qualquer dia!

FERREIRA DO AMARAL
Coronel.

ÍNDICE

	Pág.
Nota dos Editores	V
Prefácio	IX
Memórias	I
Macontene	115
Impressões de viagem	129
O 5 de Outubro visto de muito longe	139
Diário politico	227
Notas biográficas	241
Posfácio — Saber desafiar a morte	249

Novidades Sensacionais

Fidelino de Figueiredo

Crítica do Exílio

SUMÁRIO: — EÇA DE QUEIRÓS INÉITO — PARENTESIS ANTI-GEOGRÁFICO — GARCIA DE REZENGE — SCIÊNCIA E ESPIONAGEM — DONJUANISMO E ANTI-DONJUANISMO EM PORTUGAL.

ESPIONAGEM

Os segredos da grande guerra

POR

Adolfo Coelho

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

BATALHAS SUBTERRÂNEAS — « MISSÃO ESPECIAL » — A GUERRA QUÍMICA — O SERVIÇO SECRETO OERMÂNICO — OS OLHOS DA INGLATERRA — A ESPIONAGEM RUSSA — COMO NASCEU O SERVIÇO SECRETO AMERICANO — O INÍCIO DA BATALHA DE JUTLÂNDIA — OS LÁPIS INFERNAIS E OS OAZES ASFIXIANTEs — PORQUE É QUE A AMÉRICA ENTROU NA GUERRA — A AUDACIOSA AVENTURA DO AGENTE C. 25 — OS QUE GANHARAM COM A GUERRA — QUEM MATOU LORD KITCHENER? — O SEGREDO DE MATA-HARI — LUÍZA DE BETTONIES « AZ » DA ESPIONAGEM FRANCESA — IRMA STAUB, A ESPIA INVENCÍVEL — MISTINGUETT, RIVAL DE MATA HARI — SIONEY REILLY, ESPIAO POR AMOR — M.^{LE} DOKTOR, A DAMA LOIRA DE ANVERS — TREBITCH LINCOLN, O FREGOLI DA ESPIONAGEM — A PRODIGIOSA CARREIRA DO CORONEL LAWRENCE — ALEISTER CROWLEY, ESPIAO E TAUMATUROO.





NB



000
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9

5
2